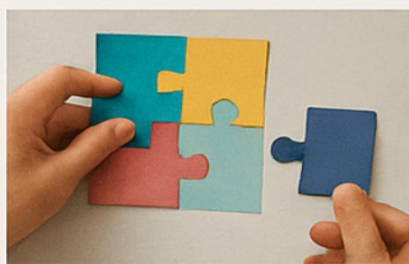


REVISTA IMPACTOS

O Valor da Educação na Sociedade Contemporânea

Vol 15



Secretaria Executiva
Deize Dias da Costa Olimpio

Editor Chefe
José Olimpio dos Santos

SSN
2316-7009



Sumário

SENTIDOS DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	03
SENTIDOS DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	22
A CONTRIBUIÇÃO DO TECNÓLOGO EM RECURSOS HUMANOS NA EMPRESA.....	40
A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS PARA ATUAR EM FACULDADES.....	58
O IMPACTO DA PANDEMIA NA EDUCAÇÃO EM MATO GROSSO.....	73

EDUCAÇÃO

A Contribuição da Educação Infantil no Brasil

Santos, José Olímpio dos Maciel,
Cilene Maria Antunes Carvalho,
Edione Teixeira de Carneiro,
Nilcéia Saldanha Santos,
Elton Castro Rodrigues dos



SENTIDOS DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maciel, Cilene Maria Antunes¹

Carvalho, Edione Teixeira de²

Santos, José Olímpio dos³

Gonçalves, Thalita Miranda⁴

Stering, Silvia Maria dos Santos⁵

RESUMO

A Educação Infantil visa o desenvolvimento harmônico da criança, de acordo com suas necessidades físicas e psicológicas, nesse particular momento de sua vida e situadas em sua cultura e em sua comunidade. Ela tem, portanto, objetivos em si mesmos, próprios da faixa etária e adequados às necessidades do meio físico, social, econômico e cultural. Sendo assim deve-se levar em consideração que o processo de aprendizagem nesta fase da vida escolar é a base para uma aprendizagem efetiva. O presente estudo tem por objetivo principal analisar a importância do profissional de educação no processo de alfabetização proposto na educação infantil. Como objetivos específicos têm-se de caracterizar o processo de alfabetização na educação infantil; identificar os sentidos do trabalho professores para alfabetizar na educação infantil; investigar as dificuldades dos professores para desenvolver o processo de alfabetização na educação infantil. Trata-se de um estudo bibliométrico em periódicos e repositórios digitais, fazendo um levantamento do período 2016-2021. Foram analisadas publicações de artigos na plataforma Lens, com base em uma série de indicadores bibliométricos.

Palavras-chave: Educação infantil. Alfabetização. Professor.

¹ **Pós -Doutorara.** Professora na Universidade de Cuiabá – UNIC-MT- Brasil

² **Dra.** Prof.^a Instituto Federal de Rondônia - IFRO, campus Cacoal- RO-Brasil.

³ **Dr.** Faculdade do Centro Educacional Interdisciplinar do Brasil. Faceib-Cuiabá-Brasil.

⁴ **Dra.** Prof.^a. Universidade do Estado de Mato Grosso-Unemat- *Campus* de Pontes e Lacerda – MT- Brasil.

⁵ **Pós-doutorado.** Prof.^a Instituto Federal Mato Grosso -IFMT-*Campus* Cel. Octayde J. da Silva Cuiabá- MT- Brasil

1. INTRODUÇÃO

Estudos bibliométricos tornaram-se agora muito importantes porque fornecem informações sobre a produção científica atual. Bibliometria é uma técnica de pesquisa que permite analisar a bibliografia de um determinado estudo campo que consegue estabelecer, através de palavras-chave e métodos estatísticos, elementos importantes para dar confiabilidade a um estudo.

É assim que é possível localizar espacial e temporalmente um estudo com base em indicadores como autores, título de publicação, linguagens, resumos ou o que for de interesse do pesquisador, para parar através de dados quantitativos a relevância científica de uma pesquisa. Além disso, essa técnica estuda a estrutura social dos grupos que a produzem e a utilizam.

Para Ardanuy (2012), o desenvolvimento da bibliometria como disciplina intangível baseia-se na busca de comportamentos estatisticamente regulares ao longo do tempo nos diferentes elementos relacionados à produção e consumo de informações. Da mesma forma, Spinak (1996) define bibliometria como o cálculo e análise dos valores do que é quantificável na produção e consumo de informações científicas. Esses autores expressam a importância da pesquisa e da análise detalhada como elementos essenciais na pesquisa em pesquisa científica.

Para que se possam compreender as contribuições de Jean Piaget, Henry Wallon, Paulo Freire, Emília Ferreiro, Lev Semiovitch Vygotsky dentre outros para a alfabetização, é necessário que se contextualize historicamente o fator inicial aqui no Brasil, que é a entrada de tais ideias em nossos cotidianos escolares, o modelo educacional vigente na época, que sofreu grande desestabilização na condução do processo de alfabetização. Muitas controvérsias foram levantadas, causando até mesmo certa visão infundada a respeito da nova postura.

Esse estudo se justifica porque é ainda uma reflexão ainda necessária, pois a partir dos estudos de Jean Piaget, surgem várias propostas com uma única visão: a construção do período de alfabetização da criança como sendo esta um ser ativo de sua própria aprendizagem.

A ideia de pesquisar sobre essa temática e sua importância nas séries iniciais ocorreu durante o curso de graduação e acredito que contribui para a formação de todos

os educadores, assim como, a prática da educação pode melhorar a realidade da educação infantil no Brasil. Justifica-se, também, o presente estudo pela vivência obtida pelos participantes da pesquisa a cerca das dificuldades de trabalhar a alfabetização na educação infantil.

Como problema de pesquisa tem-se as seguintes questões: qual sentido do trabalho no processo de alfabetização na educação infantil? Como questões norteadoras selecionou-se as seguintes indagações: Como se caracteriza o processo de alfabetização na educação infantil? Que métodos são utilizados pelos professores para alfabetizar na educação infantil? Quais as dificuldades dos professores para desenvolver o processo de alfabetização na educação infantil?

No processo de maturação da criança, o brinquedo, a motricidade, a afetividade e a inteligência estão intimamente ligadas. As atividades motoras, associadas ao ato de brincar (ludicidade), possibilitam à criança desenvolver suas funções afetivas e intelectuais, destacando-se como indivíduos; estabelecem o convívio social, tomam iniciativas próprias e estimulam a criatividade. O brinquedo traduz o real para o mundo infantil. Ao manipular um brinquedo, a criança é tocada pela sua proposta, reconhece coisas, realiza descobertas, experiências, analisa, compara e cria.

A escola e os adultos com sua concepção tradicional de alfabetização, muitas vezes, desconhecem que a criança é um ser pensante e que, se respeitarem sua lógica, a aprendizagem pode ser muito mais significativa e fácil para ela. Para que se construa uma representação adequada, na alfabetização, da linguagem que se escreve, é preciso não a destituir das funções que ela exerce na sociedade. Sob o pretexto de simplificar e de facilitar a aprendizagem, apaga-se da escrita todo o seu conteúdo funcional. O quer esta depois disso é apenas o recurso ao ensino das letras e palavras fora do contexto. Os alunos chegam com isso a aprender a ler e escrever, mas a alfabetização resultante é restrita e está longe de se aproximar de sua função social.

2. METODOLOGIA

A pesquisa aqui apresentada quanto aos fins emprega o método exploratório e descritivo. De acordo com Lakatos e Marconi (2001) o objetivo da pesquisa exploratória é situar-se em um problema sobre o qual o pesquisador não tem informações ou conhecimentos suficientes para traçar estratégias que possibilitem atingir seus objetivos. Já quanto aos meios a pesquisa é caracterizada como documental e o método de análise é o qualitativo.

Para Lakatos e Marconi (2001) os métodos qualitativos buscam explicar as razões dos fenômenos e são apropriados quando o estudo é complexo, de natureza social e são utilizados quando os entendimentos do contexto social e cultural são elementos importantes para a pesquisa, sendo necessário observar, registrar e analisar interações reais entre pessoas e entre pessoas e sistemas.

Optou-se por realizar uma pesquisa bibliométrica por meio da análise da publicação acadêmica brasileira sobre sentidos do trabalho docente na educação infantil na base de dados Lens.org (2021). De acordo com Ramos-Rodríguez e Ruíz-Navarro (2004), abordagem bibliométrica é uma técnica quantitativa e estatística que detecta modelos ou padrões de pesquisas e envolve o desenvolvimento e a disseminação do conhecimento científico em determinada área. Mugnaini (2003) afirma que a bibliometria pode ser usada como um filtro de informação, sendo de grande utilidade para o pesquisador, e Gil (2011) destaca que o levantamento bibliográfico preliminar se faz necessário para fundamentação de teorias que serão analisadas.

A partir do levantamento bibliométrico realizado, foram construídos quadros, gráficos e tabelas, tendo também sido utilizada a ferramenta de análise de resultados disponibilizada pela própria plataforma Lens.org. Após, foram utilizadas funcionalidades do software Iramuteq 0.7 alpha 2 na análise dos resumos dos 10 artigos mais citados e das 10 publicações recentes. Por meio do Iramuteq é possível realizar diferentes formas de análises estatísticas sobre corpus textuais, por palavras, contribuindo, assim, para os estudos em Ciências Humanas e Sociais, as quais usam o conteúdo simbólico como uma fonte importante de dados de pesquisa (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Na análise realizada com o Iramuteq, inicialmente foi realizada a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que permite verificar o agrupamento das palavras apresentadas nos resumos dos artigos selecionados. A CHD classifica os segmentos de texto em classes, em função de seus vocabulários, e o conjunto deles é repartido com base na frequência, apresentando vocabulário semelhante entre si, conforme explicam Camargo e Justo (2013).

A segunda avaliação consistiu na análise de similitude, técnica realizada com base na co-ocorrência de palavras em segmentos de texto. O seu resultado indica conexão entre as palavras existentes nos *corpus* textuais e as variáveis categoriais que as descrevem (MARCHAND; RATINAUD, 2012). Por fim, foi elaborada nuvem de palavras, objetivando apresentar, de forma visual, a frequência com que cada termo apareceu nos resumos dos artigos.

3. REVISÃO DE LITERATURA

Uma das grandes novidades trazidas à Educação pelas pesquisas do epistemólogo⁶ suíço Jean Piaget⁷ foi o fato, depois dele incontestável, de que o pensamento infantil é qualitativamente diferente do pensamento do adulto. Esta diferença aparece em diversos aspectos, principalmente no que se refere à primazia de uma concepção lúdica da realidade. O mundo existe para a criança na medida em que lhe é possível jogar com ele, extraíndo dos objetos possibilidades de prazer e de harmonia. O jogo seria, então, a forma de interação por excelência da criança com seu entorno; sem ele não havendo, inclusive, condições suficientes para que esta interação ocorra.

Esta premissa é hoje assumida pela maioria dos educadores. Entretanto, o uso que dela tem feito a pedagogia, tem se dado, ao que parece numa via de mão única. A pedagogia moderna pretende estabelecer um "uso pedagógico do jogo", da brincadeira, enfim, do lúdico.

Atualmente, têm se tornado clichê de publicidade educacional máxima do tipo "aprender brincando"; as escolas estão repletas de jogos e de brinquedos cuja finalidade seria adquirir habilidades e, na melhor das hipóteses, ajudar na construção de conceitos (os chamados brinquedos pedagógicos). A todo o momento, os educadores se perguntam se, enquanto propõem jogos ou brincadeiras, as crianças estão "trabalhando" este ou aquele conceito; em que este ou aquele jogo irá desafiá-la enquanto ser cognoscente.

Na verdade, o "uso pedagógico do jogo" pode ser apontado como um avanço. Não deixa de ser uma entrada do lúdico na sala de aula, antes quase que desprovida de ludicidade. O problema é considerar-se apenas este lado da moeda: existe ainda outro lado, muitas vezes obscuro, do percurso em direção a um verdadeiro encontro de dois mundos – adulto e criança.

O que alguma reflexão mais acurada sugere é que o centro da prática pedagógica seria ainda, apesar deste avanço, a cultura do adulto. Estamos sempre tentando trazer a criança para o conhecimento culturalmente acumulado pelos homens (e até levá-lo a ela da melhor maneira possível...), mas quase nunca nos debruçamos sobre o conhecimento

⁶ O epistemólogo é o agente que domina a teoria do conhecimento científico. A função do epistemólogo é dar o suporte necessário, no que se refere às diretrizes do grupo, em relação às questões que se relacionam com este tipo de estudo.

⁷ Jean Piaget nasceu em Neuchâtel, Suíça no dia 9 de agosto de 1896 e faleceu em Genebra em 17 de setembro de 1980. Estudou a evolução do pensamento até a adolescência, procurando entender os mecanismos mentais que o indivíduo utiliza para captar o mundo. Como epistemólogo, investigou o processo de construção do conhecimento, sendo que nos últimos anos de sua vida centrou seus estudos no pensamento lógico-matemático.

dela, sobre o verdadeiro manancial de conhecimentos que cada criança do mundo foi tecendo aqui e ali e que, a exemplo da teia cultural do adulto, também se instituiu como cultura.

4. O QUE DIZEM OS TEÓRICOS

Começamos por Jean-Jacques Rousseau que nasceu em 1712, em Genebra, na Suíça, foi o maior pensador do século XVIII. Mas as obras que fizeram de Rousseau a figura do século foram as de enfoque político-social e sobre a educação da infância encontramos referências em obras como Contrato Social e Emílio ou Da Educação. Segundo Pinto (2003 p. 49):

Foi na educação, com suas mudanças radicais quando aos dogmas rígidos da religião, sugerindo novos conceitos, valorizando a natureza, os instintos, a emoção e os sentimentos, que Rousseau foi brilhante! Ele resgatou indiretamente o lúdico, pois, pedindo que tratassem a criança conforme sua natureza, dava abertura para que ela fosse simplesmente criança e o que ela mais gosta de fazer é brincar. A criança vive para brincar e brinca para viver, brincar é treinar para a vida.

Para Rousseau a educação é apenas o meio de perpetuar a filosofia naturalista da vida. Ele parte da premissa que a natureza humana é boa, equilibrada e sem tendências para o mal, mas a educação, a religião, enfim a sociedade degenera esta natureza.

As ideias de Rousseau foram seguidas por filósofos, educadores e líderes populares, numa época em que a maioria do povo aceitava a superioridade da monarquia e a opressão da igreja, sem questionar, sem refletir sobre isso e os mais esclarecidos não sabiam como se livrar desses problemas.

O homem nasce livre, e, não obstante, está acorrentado em toda parte. Julga-se senhor dos demais seres sem deixar de ser tão escravo como eles. Como se tem realizado esta mutação? Ignoro-o. Que poderá legitimá-la? Creio poder resolver esta questão. Se eu

não considerasse senão a força e o efeito dela derivado, diria: Quando um povo obrigado a obedecer, obedece. Faz bem; assim como quando pode sacudir seu jugo, e o sacode, age ainda melhor, porque recobra a sua liberdade em virtude do mesmo direito que o oprime, ou não existia para tirar-lhe”.⁸ (ROUSSEAU, 1992, p. 37).

Hoje sabemos que a Teoria Naturalista da educação tem muitas falhas, é muito radical, mas naquele momento ela foi à solução para as grandes mudanças.

Assim como a Revolução Francesa foi uma página lamentável na história, mas naquele momento foi à solução para uma mudança política e social, a queda da monarquia. (eu tiraria este parágrafo)

Foi Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), outro educador suíço, que introduziu na sua prática a teoria naturalista da educação, de Rousseau, e, como não poderia deixar de ser, enfrentou barreiras, mas com perseverança fundou algumas escolas na Suíça, adotando o método natural de educação. A pedagogia de Pestalozzi influenciou outros educadores. Rousseau (1992, p. 11) diz:

Sendo, portanto, a educação uma arte, torna-se quase impossível que alcance o êxito total, porquanto a ação necessária a esse êxito não depende de ninguém. Tudo o que se pode fazer, à força de cuidados, é aproximar-se mais ou menos da meta, mas é preciso sorte para atingi-la. Que meta será essa? A própria meta da natureza: isso acaba de ser provado.

Na Alemanha, a teoria naturalista de Rousseau foi muito bem representada pelo pedagogo Friedrich Fröbel (1782-1852). Fröbel *apud* Brougère (1997), seguidor de Rousseau e Pestalozzi, criou e fundou em 1837 o primeiro Jardim da Infância. O jardim da infância foi aceito em toda a Europa, toda a América sobrevivendo até nossos dias.

Influenciada pela filosofia de Rousseau e pelo trabalho dos médicos Itard e Seguin – precursores da pedagogia da criança deficientes mentais – Montessori passou a dedicar-se à educação de crianças carentes, utilizando método e material semelhante ao

⁸ Para Rousseau, o homem é naturalmente bom, mas o seu convívio na sociedade o corrompe. Considera o homem um ser social e um ser natural. O objetivo que pretendia alcançar era de conscientizar e aproximar o homem da natureza, do seu estado primitivo, fazendo com que eles se esquecessem que vivem numa sociedade civil.

usado para crianças deficientes. Em contato com os manicômios da Itália, ele descobriu que crianças deficientes mentais eram internadas por suas famílias nesses manicômios, como loucas. Ficavam enclausuradas até morrerem. Foi ela que, com sua influência junto a Mussolini, o ditador fascista da época, conseguiu internatos especiais para estas crianças.

Outro renovador, Jean Piaget, epistemólogo suíço que nasceu em 1896, fez especialização em biologia e dedicou-se ao estudo do desenvolvimento da inteligência.

Piaget tinha um ponto comum com Montessori, sua formação não era na Educação, mas acabou sendo chamado de Pedagogo, pelas modificações brilhantes que sua teoria causou nessa área – Piaget foi incluído no movimento da Escola Nova, junto com Montessori e outros educadores. Segundo Pinto (2003 p. 52):

Piaget nunca aceitou esse título. Para ele, a criança era apenas um meio e não um fim, como era para Montessori. As modificações feitas na Educação eram apenas consequências de suas descobertas científicas. Mas foi seu trabalho, como epistemólogo sobre Percepção e Inteligência, que o transformou num dos mais notáveis construtores da Psicologia Contemporânea.

Sua teoria valoriza o ambiente, pois é na interação do indivíduo com o meio físico e social que se dá o processo de aprendizagem.

O projeto abrangente de Wallon⁹ (1992) torna sua teoria integradora: ela dialoga com muita bem com outras, encontrando complementaridade tanto na psicanálise como na teoria piagetiana. Aquilo que Piaget vai descrever como característica do pensamento pré-lógico encontra eco no que Wallon descreveu como pensamento pré-categorial. Haverá menos convergência entre estes autores sobre o primeiro ano de vida da criança, porque aí Wallon identifica uma predominância do afetivo, ao passo que Piaget – que está priorizando a questão do desenvolvimento da inteligência – verá a questão da cognição.

Com a psicanálise valerá o mesmo raciocínio. Aos três anos de idade, do desenvolvimento do complexo de Édipo, as características descritas por Freud, têm um diálogo muito próximo com o que Wallon propõe para esta mesma idade: que a criança estará voltada principalmente para a conquista do eu.

⁹ Henri Wallon nasceu em 15 de junho de 1879, em Paris, filho de Paul Alexandre Joseph e neto de Henri-Alexandre Wallon. Tornou-se bem conhecido por seu trabalho científico sobre Psicologia do Desenvolvimento

É uma teoria que propõe o diálogo com outras perspectivas e campos teóricos. Wallon usou o método da comparação para conhecer o seu objeto. Procurava comparar o desenvolvimento da criança com pesquisas sobre a psicologia de certos anormais; ou colocar lado a lado o comportamento da criança normal com aquele de crianças com alguma patologia. Wallon tenta mostrar que, tantas relações entre características orgânicas e aquelas adquiridas socialmente quanto nas relações entre a pessoa e seu grupo, estas duas dimensões não excluem uma a outra, mas que estão sempre em interação constituindo o sujeito (GALVÃO, 1995).

Procurando mostrar quais são os diferentes momentos do desenvolvimento, os vínculos entre cada um desses domínios, e as implicações para o todo representado pela pessoa, resultam para Wallon¹⁰ quatro temas fundamentais em sua teoria: afetividade, movimento, inteligência e a questão da pessoa, do eu (GALVÃO, 1995).

Do ponto de vista da ontogênese, isto é, do desenvolvimento de uma pessoa, num primeiro momento o bebê humano se encontra em um estado de imperícia no que diz respeito às suas possibilidades instrumentais sobre o meio físico: ele não tem o gesto de apreensão, por exemplo. Esse estado de imperícia instrumental seria compensado por uma exuberância expressiva. Então a criança não faz, mas é capaz de mobilizar o outro para fazer por ela. Wallon diz:¹¹ O outro é o primeiro instrumento do eu. Assim que a criança vai desenvolvendo recursos para agir diretamente sobre o meio físico, começa a se consolidar esta dimensão mais cognitiva do movimento.

Haverá então uma dinâmica de alternância, em que cada movimento pode ter predominância na ação sobre o outro, ou sobre o meio físico, uma possibilidade expressiva no primeiro caso, ou instrumental no segundo (GALVÃO, 1995)

Ao interagir com o outro, a criança irá conviver com muitos conflitos que certamente contribuirão para o desenvolvimento de sua personalidade. Wallon¹² não se preocupa somente com a sociabilidade como processo necessário para o

¹⁰ Da opção de estudar o desenvolvimento da pessoa de um modo integrado resulta que esta teoria nos propõe elementos para compreender vários aspectos do desenvolvimento da criança. Estudando o desenvolvimento da pessoa nos domínios afetivo, cognitivo e motor, Wallon identifica alguns campos funcionais no sujeito que comporiam a pessoa integrada.

¹¹ Para Wallon a questão do movimento vai incluir também a dimensão afetiva da motricidade, pois, segundo o autor, quando se fala em emoções, é imediato pensarmos em movimento, porque a emoção é essa afetividade que é muito corporal. Os primeiros gestos, antes de serem emocionais – tirando o choro – são gestos impulsivos e vão se tornando emocionais na medida da interação com o outro, que vai atribuído sentindo, significado, aos atos reflexos. Os gestos, ou movimentos seriam, portanto, um dos primeiros indícios de vida psíquica. Wallon não vai chamá-los de linguagem, porque nos gestos não necessariamente está implicado um código, embora tenham a intenção de causar impacto sobre o outro (GALVAO, 1995).

¹² Para o autor, a emoção corresponde a um estado psíquico mais primitivo que o estado de consciência pela qual a pessoa afirma a sua autonomia. A emoção exerce papel fundamental no desenvolvimento, uma vez que possui no aparelho nervoso, centros para coordenar seus efeitos.

desenvolvimento humano, atribui, ainda, importância fundamental a emoção como instrumento de sobrevivência da pessoa humana.

Quanto ao desenvolvimento cognitivo, a emoção exerce funções tanto negativas como positivamente. Negativa no sentido que, dependendo do seu grau de manifestação, pode reduzir a eficácia do funcionamento cognitivo. Positivo por que pode impulsionar o indivíduo a tomada de decisões e grandes realizações (GALVAO, 1995).

Na concepção walloniana, a emoção tem em sua natureza um aspecto biológico e um aspecto social. Biológico uma vez que sua conduta irá depender dos centros corticais e subcorticais. Sociais, porque possui um caráter contagioso e coletivo.

Destacam também a importância do meio familiar e escolar, como locais privilegiados que favorecem o desenvolvimento social pelas diversas relações que se estabelecem. A família é considerada, o grupo natural que proporciona a criança à formação de seu “ser” ou não “ser”, desde o princípio.

Wallon (1992), em sua teoria da emoção, considera afetividade inteligência fatores sincreticamente misturados, e defende que a educação da emoção deve ser incluída entre os propósitos da ação pedagógica.

Esse estudioso analisou que no início da vida, a afetividade se sobressai e que no decorrer do desenvolvimento humano, a história da construção da pessoa será constituído por uma sucessão pendular de momentos predominantemente afetivos ou predominantemente cognitivos. Ele coloca grande importância na afetividade, e alerta para o fato de que para evoluir, ela depende de conquistas realizadas no plano da inteligência e vice-versa. E reafirma sua teoria ao dizer que a criança, no início do desenvolvimento, não está empenhada na “construção do real”, mas sim em constituir-se a si mesma, em explorar o corpo, em verificar os próprios limites físicos para só depois se entregar à exploração sistemática do mundo externo.

A ludicidade também está presente no uso da linguagem, marcado pelo ritmo e a rima, sendo um grande estímulo poético. Após as fases iniciais de garatujas, a criança começa a identificar e nomear os seus desenhos relacionando-os com os objetos do mundo externo. O ato de desenhar transforma-se no gesto de tornar presente o objeto conhecido, representá-lo (GALVÃO, 1995)¹³.

¹³ Na teoria walloniana, o desenvolvimento é entendido como um processo descontínuo, cujas características são a contradição e os conflitos. Seus estágios não possuem limites nítidos; sobrepõem-se, misturam-se, confundem-se. Cada estágio é caracterizado pelo predomínio de um tipo de relação com o meio, ao mesmo tempo em que representa um instante da evolução mental.

Possuindo uma característica que lhe é específica, cada estágio está em estreita relação com o anterior, do qual precede, e com aquele que sucederá cujo surgimento prepara. De um estágio para outro não há uma supressão de condutas, ocorrendo, sim, uma subordinação das condutas anteriores àquelas que emergem; sendo assim elas poderão reaparecer em determinadas situações de crise, fazendo o indivíduo adotar atitudes em desacordo com seu estágio de desenvolvimento. A integração que ocorre de um estágio para o outro lhes permite certa progressividade e lhes dá o caráter de conjunto no processo de desenvolvimento (OLIVEIRA, 2000).

5. DIFICULDADES DOS PROFESSORES PARA DESENVOLVER A ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A inter-relação entre os sentimentos, os afetos e as intuições na construção do conhecimento têm vindo a ser salientada por diversos autores. Snyders¹⁴ (1988) apud Pinto (2003) afirma que quando se ama o mundo, esse amor ilumina e ajuda a revelá-lo, a descobri-lo. O amor não é o contrário do conhecimento e pode tornar-se lucidez, necessidade de compreender, alegria de compreender.

A educação afetiva deveria ser a primeira preocupação dos educadores, porque é ela que condiciona o comportamento, o caráter e a atividade cognitiva da criança. Outros autores referem que os atos de sentir, pensar e decidir pressupõe um trabalho conjunto das dimensões cognitivas e emocionais do cérebro.

Freire (1997, p. 38) no livro Professora sim, Tia não¹⁵ reafirma a importância das componentes afetivas e intuitivas na construção do conhecimento:

É necessário que evitemos outros medos de que o cientificismo nos inoculou. O medo, por exemplo, de nossos sentimentos, de nossas emoções, de nossos desejos, o medo de que ponham a perder nossa cientificidade. O que eu sei, sei com o meu corpo inteiro: com minha mente crítica, mas também com os meus sentimentos, com

¹⁴ O autor, Georges Snyders, define nesse livro seu projeto pedagógico, onde trabalha com uma ampla noção de obra-prima, que inclui grandes obras artísticas e literárias, descobertas científicas, conquistas da técnica, do pensamento e da moral, etc. Acredita ser possível criar uma escola alegre se houver alunos felizes.

¹⁵ Paulo Freire mostra uma produção, que discute com clareza política, radicalidade e bom gosto a concretude do “ser professor”. Questões relevantes do cotidiano do professor (a): disciplina, relação teoria e prática, uma nova compreensão do que é ensinar e aprender, a armadilha ideológica da denominação tia-professora, são discutidas com a moldura do gosto por uma escola democrática e do compromisso com a transformação social.

minhas intuições, com minhas emoções. O que eu não posso é parar satisfeito ao nível dos sentimentos, das emoções, das intuições. Devo submeter os objetos de minhas intuições a um tratamento sério, rigoroso, mas nunca os desprezar.

Acerca do papel da intuição na produção de novos conhecimentos salienta no livro *A Educação na Cidade*¹⁶:

Para mim é impossível conhecer rigorosamente com desprezo a intuição, aos sentimentos, aos sonhos, aos desejos. É o meu corpo inteiro que, socialmente, conhece. Não posso, em nome da exatidão e do rigor, negar meu corpo, minhas emoções, meus sentimentos. Sei bem que conhecer não é adivinhar mas conhecer passa também por adivinhar. O que não tenho direito a fazer, se sou rigoroso, sério, é ficar satisfeito com a minha intuição. Devo submeter o objeto dela ao crivo rigoroso que merece, mas jamais desprezá-lo. Para mim, a intuição faz parte da natureza do processo do fazer e do pensar criticamente o que se faz. (FREIRE, 1995, p. 114).

Nesta abordagem do processo educativo a afetividade ganha destaque, pois acreditamos que a interação afetiva ajuda mais a compreender e modificar as pessoas do que um raciocínio brilhante repassado mecanicamente. Esta ideia ganha adeptos ao colocar as atividades lúdicas no processo do desenvolvimento humano.

O jogo e a brincadeira estão presentes em todas as fases da vida dos seres humanos, tornando especial a sua existência. De alguma forma o lúdico se faz presente e acrescenta um ingrediente indispensável no relacionamento entre as pessoas, possibilitando que a criatividade aflore.

Defendemos nesse estudo uma metodologia em que o brincar é a ludicidade do aprender. A criança aprende enquanto brinca. Fazem parte dessa pesquisa três

¹⁶ Este é, na verdade, uma espécie de livro introdutório sobre o que sonhamos e o que fizemos e continua sendo feito, em equipe na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Outros trabalhos virão até mesmo como exercício do dever que temos de prestar conta à cidade e ao país do que fizemos e do que não foi possível fazer.

momentos que alicerçam o interdisciplinar dos sujeitos envolvidos: o faz-de-conta, que é o momento de ênfase à imaginação, vivenciando ideias por meio da literatura infantil.

Dramatizar, contar, viver e elaborar histórias criando seu espaço-lúdico por meio do livro de pano. No momento dois, damos ênfase ao brinquedo, do brincar com outras pessoas e, do brincar em grupo. No brincar com outras pessoas a criança aprende a viver socialmente, respeitando regras, cumprindo normas, esperando a sua vez e interagindo de uma forma mais organizada. No grupo, aprende a partilhar e a fazer um movimento rotativo tão importante para a socialização e o diálogo. No terceiro momento evidenciamos o brincar, o jogar e o aprender no movimento multi-inter-trans-dimensional: informação conceitual, comunicação, troca e parceria, interface teórico prático.

Por meio da brincadeira a criança envolve-se no jogo e sente a necessidade de partilhar com o outro. Ainda que em postura de adversário, a parceria é um estabelecimento de relação. Esta relação expõe as potencialidades dos participantes, afeta as emoções e põe à prova as aptidões testando limites.

Brincando e jogando a criança terá oportunidade de desenvolver capacidades indispensáveis a sua futura atuação profissional, tais como atenção, afetividade, o hábito de permanecer concentrado e outras habilidades perceptuais psicomotoras.

Brincando a criança torna-se operativa. O brinquedo como suporte da brincadeira tem papel estimulante para a criança no momento da ação lúdica. Tanto brinquedo, quanto a brincadeira, permite a exploração do seu potencial criativo de numa sequência de ações libertas e naturais em que a imaginação se apresenta como atração principal. Por meio do brinquedo a criança reinventa o mundo e libera suas atividades e fantasias. Através da magia do faz-de-conta explora os limites e, parte para aventura que a leva ao encontro do Outro-Eu.

A entrada da criança no mundo do faz-de-conta marca uma nova fase de sua capacidade de lidar com a realidade, com os simbolismos e com as representações. Com o brinquedo a criança satisfaz certas curiosidades e traduz o mundo dos adultos para a dimensão de suas possibilidades e necessidades.

A criança precisa vivenciar ideias em nível simbólico para compreender o significado na vida real. O pensamento da criança evolui a partir de suas ações, razão pela qual, as atividades são tão importantes para o desenvolvimento do pensamento infantil. Mesmo que conheça determinados objetos ou que já tenha vivido determinada situação, a compreensão das experiências fica mais clara quando as representam em seu

faz-de-conta. Neste tipo de brincadeira têm também oportunidade de expressar e elaborar de forma simbólica, desejos, conflitos e frustrações.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi dividida em cinco etapas distintas e complementares. A primeira etapa consistiu na definição da expressão de busca (*string*), desenvolvida a partir da identificação de palavras-chave relacionadas ao tema do trabalho. Dessa forma, foi utilizada a combinação de palavras-chave apresentada no Quadro 1, visando incluir produções brasileiras e internacionais em seu resultado.

Quadro 1 - Palavras-chave utilizadas

Trabalho docente + formação + professores
Trabalho docente + educação infantil + professores
Ensino + educação infantil + professores
Aplicativo + formação + professores
Ensino + formação + professores
Inovação + formação + professores
Perspectivas + educação infantil + professores

Fonte: Elaborado pelo autor

Como resultado da combinação de palavras chaves, foi definida a *string* a seguir, a qual permite contemplar, em uma única pesquisa, todas as possibilidades mapeadas, tendo sido localizadas 9.719 publicações.

((Trabalho docente AND (formação AND (professores))) OR ((Trabalho docente AND (educação infantil AND (professores))) OR ((Ensino AND (educação infantil AND (professores))) OR ((aplicativo AND (formação AND (professores))) OR ((Ensino AND (formação AND (professores))) OR ((INOVAÇÃO AND (formação AND (professores))) OR (PERSPECTIVAS AND (educação infantil AND (professores)))

A segunda etapa consistiu em aplicar filtros adicionais, de forma a refinar o resultado da pesquisa, conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 - Filtros de pesquisa

Filtro	Seleção
Período	2016 a 2021
Tipo de publicação	Artigos

Fonte: Elaborado pelo autor

Ressalta-se que foi aplicado filtro visando obter trabalhos publicados a partir de 2016, de forma a se mitigar o risco de resultado que apresentasse bibliografia eventualmente defasada.

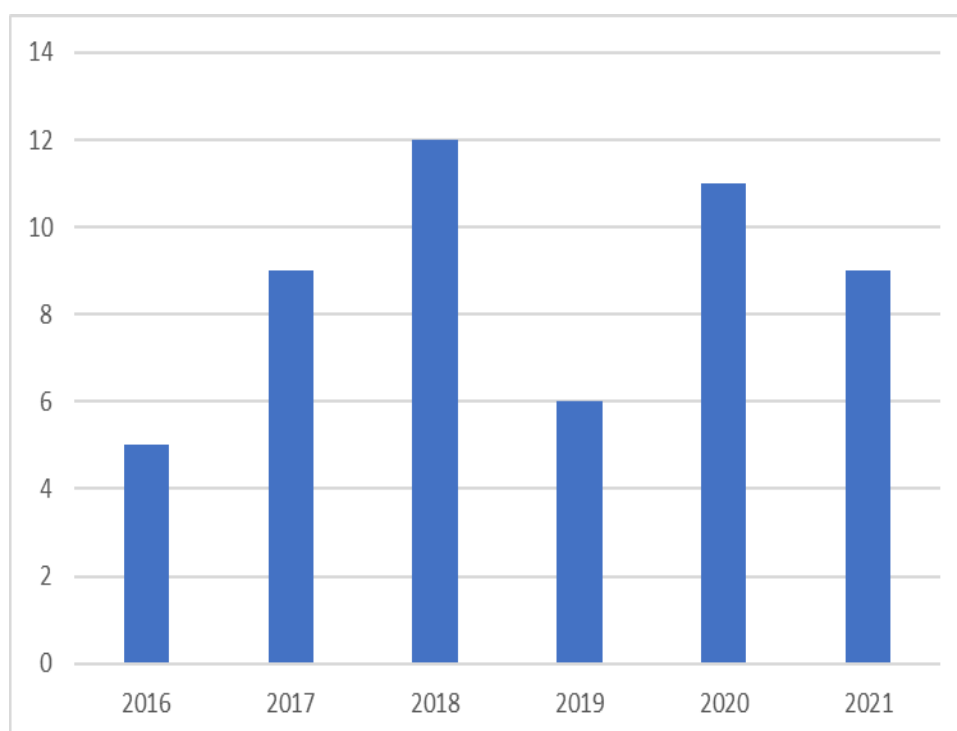
Com a aplicação dos filtros adicionais indicados no Quadro 2, foram identificadas 695 publicações, passando, assim, para a terceira fase, na qual foi realizada a leitura dos títulos e resumos das publicações, objetivando identificar e excluir aquelas que não possuíam aderência ao tema da pesquisa, bem como aquelas cujo idioma fosse diferente de português, inglês ou espanhol.

Nessa etapa, foi realizado o refinamento da amostra, por meio da exclusão de 611 publicações após a leitura dos títulos dos artigos e 32 após a leitura de seus resumos, totalizando 52 publicações que atendem ao problema de pesquisa. Em seguida, foi realizada a quarta etapa, a análise final e classificação dos resultados apresentados.

A quinta e última etapa consistiu na construção do corpus textual da amostra de 20 artigos e tratamento no software Iramuteq, tendo sido realizadas as seguintes categorias de análise: classificação hierárquica descendente, análise de similitude e nuvens de palavras.

No período compreendido entre 2016 e 2021, objeto da pesquisa realizada, constatou-se que o número de publicações aumentou no ano de 2018, quando foi apresentado o pico, seguido por queda no volume no ano de 2019, sendo apresentada retomada nos anos subsequentes, conforme mostrado no gráfico apresentado na Figura 1.

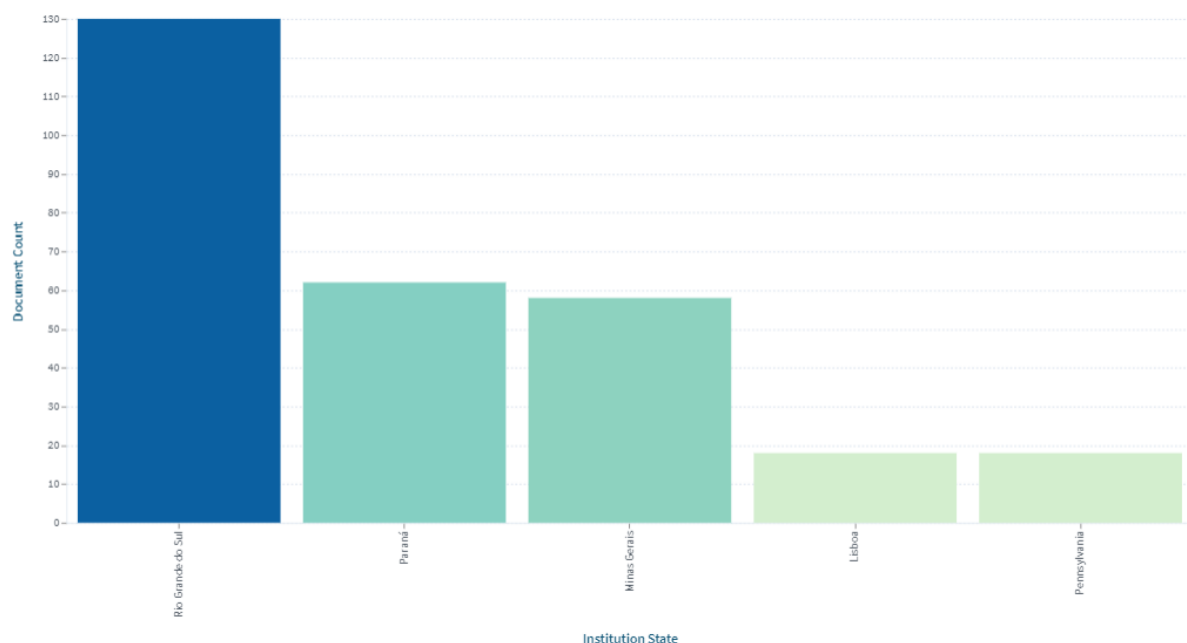
Figura 1 - Distribuição anual das publicações



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da Lens.org (Jul./2022)

Observa-se maior volume de publicações relacionadas com instituições do Rio Grande do Sul, estando os demais resultados encontrados distribuído por diversas localidades. Importante destacar a frequência de publicações relacionadas com instituições do Paraná, cabendo ressaltar o baixo volume de publicações identificadas nas demais regiões, conforme apresentado na Figura 2.

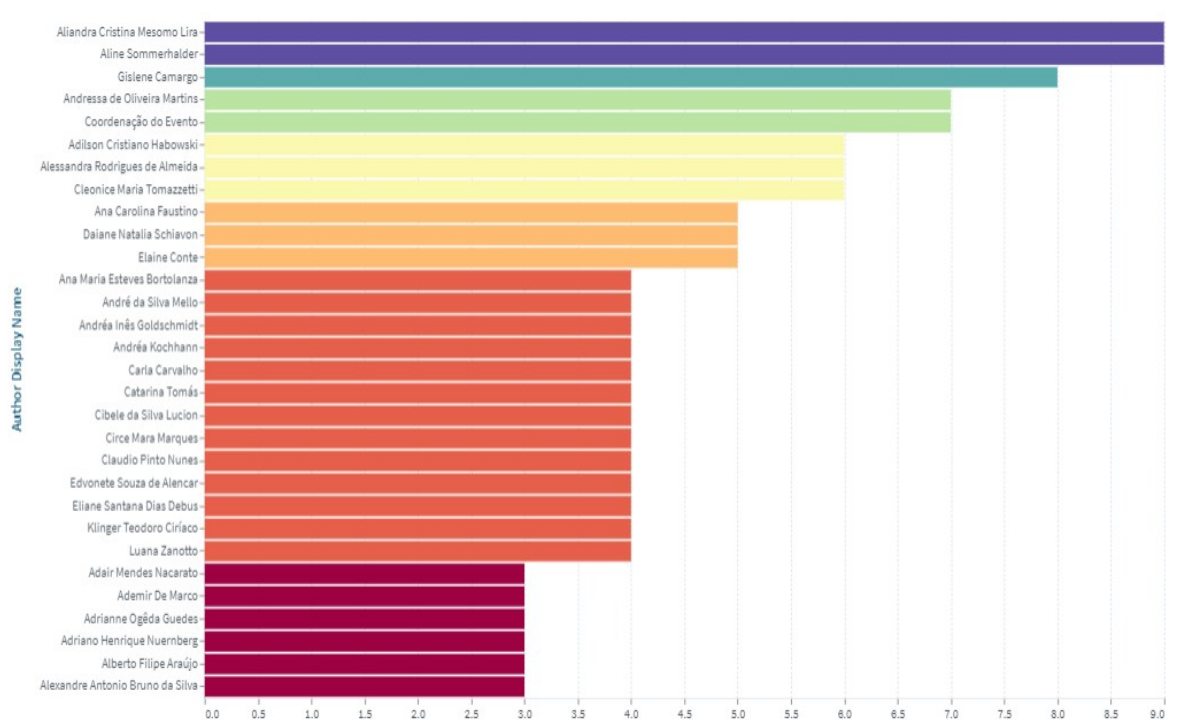
Figura 2 - Distribuição das publicações por região



Fonte: Lens.org (2022)

Dentre os artigos analisados, 17 foram escritos por 5 autores, conforme apresentado na Figura 3, sendo que todos os demais artigos foram escritos por autores diferentes, não havendo outras situações de autores apresentados em mais de um artigo.

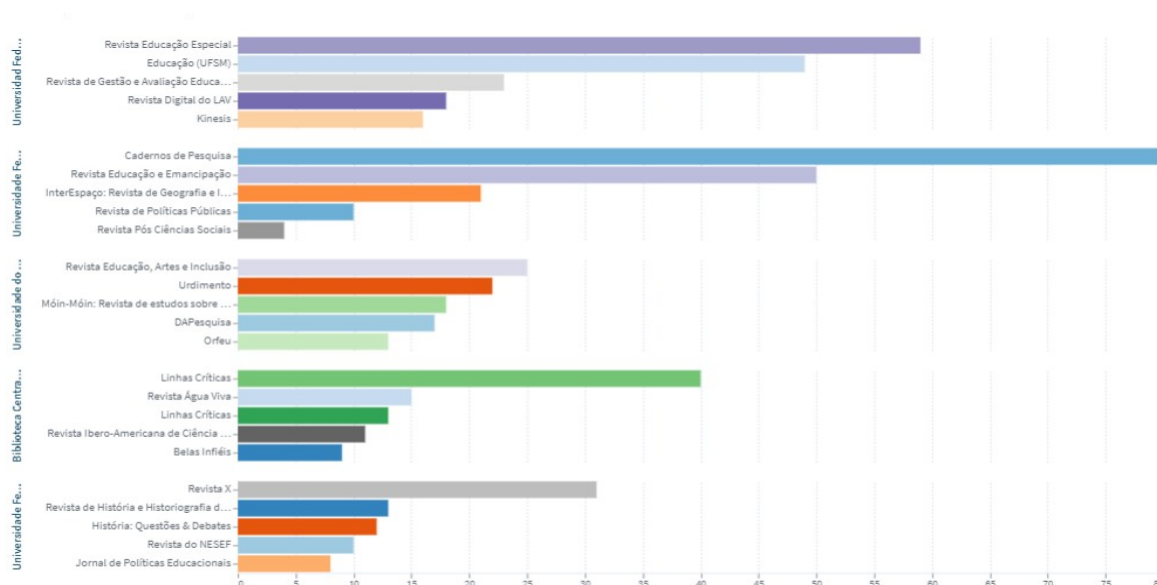
Figura 3 - Autores com maior volume de publicações



Fonte: Lens.org (2022)

As principais revistas são citadas na figura 4.

Figura 4. Principais revistas



Fonte: Lens.org (2022)

São muitos os estudos que foram desenvolvidos com o propósito de identificar os sentidos do trabalho docente na educação infantil. Dentre esses estudos, alguns textos produzidos Raitz e Tibola (2022) observa-se que o papel assumido pelo corpo docente tem sido determinado mais por fatores políticos e econômicos, do que por questões de desenvolvimento social. É assim que se constata que o papel do educador tem sido associado à transmissão de padrões culturais e sociais que determinam o estilo de vida, a vida em comunidade, a formação humanista integral enquadrada na premissa da educação como parte da vida pública.

A transmissão do conhecimento pré-estabelecida pelos interesses daqueles que detêm o poder, a promoção do progresso da ciência, do técnico e do tecnológico, da reconstrução social e do desenvolvimento do conhecimento, da preparação para a vida profissional, da comunicação da informação e da produção de conhecimento.

A escolha e a inserção profissional estão diretamente conectadas e relacionadas com os espaços formativos, o mercado de trabalho e as influências sociais. A escolha do curso ainda é motivada pelas condições socioeconômicas das jovens pedagogas e a inserção profissional demonstrada como momento para se estabelecer na profissão (METZNER; RAITZ; VANZUITA, 2021).

Os sentidos do trabalho conforme Tibola (2021, p. 125) esclarece associa-se à sobrevivência, ou seja, “consumo para sobreviver, trabalhar para se vestir, se alimentar, custear os estudos, etc.”. No entanto, segundo a própria autora ainda esclarece, esse primeiro sentido se mistura a outros “por isso denominamos diversidade de sentidos sobre a educação e o trabalho” (TIBOLA, 2021, p. 125).

O perfil docente é definido como uma pessoa profissional de pedagogia e pesquisa que assume o papel de mediar o sujeito entre o objeto do conhecimento e o sujeito que aprende e reconstrói; como conselheiro e guia de aprendizagem, quem aconselha, cria, facilita e propõe situações problemáticas. Portanto, deve ser uma autoridade no conhecimento que trata, para que possa argumentar, refletir e entender as profundas estruturas do conhecimento.

Consequentemente, é possível concluir que a estrutura, interesses e necessidades de natureza política, econômica e cultural, tudo articulado à concepção da educação, é o que determina, em grande parte, o perfil e o papel que um professor deve assumir em um processo de formação.

No caso específico da educação infantil, algumas pesquisas (NATIVIDADE; COUTINHO, 2012; SILVA; SIQUEIRA, 2020; SOUZA; MOHN; SILVA, 2021) não chegaram a um consenso único sobre o papel que o educador deve assumir para a primeira infância no contexto brasileiro — uma vez que isso será determinado pelas políticas sociais, econômico e de desenvolvimento em torno das crianças de cada país — avançaram em conceituações sobre a importância e relevância da educação infantil, e sobre o papel que os educadores devem cumprir, uma vez que sua ação pedagógica é um fator determinante não só do desenvolvimento das crianças, mas também a qualidade da educação.

A primeira infância é a fase da vida que vai do nascimento aos seis anos de idade. As experiências vividas pelas crianças durante esses anos influenciam significativamente suas possibilidades futuras (VENANCIO, 2020).

Estudos de diferentes disciplinas (neurociência, psicologia, pedagogia, sociologia) mostram que os primeiros anos são decisivos para o desenvolvimento das habilidades cognitivas, comunicativas e sociais do indivíduo; e para isso acontecer, você tem que ter boas condições de saúde, nutrição e ambientes de aprendizagem que estimulem o desenvolvimento (BOSSI et al., 2017; COUTINHO; GOULART; PEREIRA, 2017; GUIZZO; BALDUZZI; LAZZARI, 2019; SOUZA; MOHN; SILVA, 2021).

De acordo com os resultados da pesquisa que foi agrupada nesta categoria, seus autores destacam atitudes, capacidade, capacidade, conhecimento, experiência, identidade, formação, ensino e atuação em práxis educacional. Essas características que o professor implanta diante de diversas situações no ambiente educacional fazem parte da construção desse conhecimento. Pode-se dizer, então, que, no campo socioeducativo, todos esses traços são apresentados como elementos necessários para a construção do conhecimento na formação docente.

A pesquisa de ação em sala de aula mostra o processo reflexivo do professor a partir da experiência na área educacional. Martínez (2000) define a pesquisa de ação como a expansão do conhecimento científico e a solução de um problema, ao mesmo tempo em que aumenta a competência de seus respectivos participantes quando realizado em colaboração, em situação específica e utilizando o feedback das informações em um processo cíclico. O pesquisador atua essencialmente como organizador das discussões, como facilitador do processo, como catalisador de problemas e conflitos e, em geral, como técnico e recurso disponível para consulta.

Os autores que voltam seu olhar para a pesquisa de ação em sala de aula consideram que cada professor, na presença de determinadas condições, é capaz de analisar e superar suas dificuldades, limitações e problemas. Na opinião deles, os professores fazem isso de forma normal, como atividade rotineira e natural ao seu trabalho profissional. Por fim, os pesquisadores reiteram que a metodologia de pesquisa de ação em sala de aula oferece estratégias, recursos, técnicas e procedimentos que trazem rigor, sistemática e senso crítico à atividade para poder atribuir a gama de pesquisas científicas. A pesquisa revisada coincidiu ao refletir que a pesquisa-ação opera por meio de elementos que a caracterizam: prática educacional, reflexão, valor, conhecimento, processo, educação, estratégias, experiência, reflexão e autorreflexão. Cada um desses aspectos nos leva a pensar que os ciclos de pesquisa de ação visam fornecer soluções para eventos observados na diversidade de ambientes educacionais que dão fundamento e razão ao ensino de práxis.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor não aprende com prazer não poderá ensinar com prazer. É isso que procuramos fazer em nossa prática pedagógica, dando ênfase à formação lúdica: ensinar e sensibilizar o professor-aprendiz para que, através de atividades dinâmicas e

desafiadoras, despertem no sujeito-aprendiz o gosto e a curiosidade pelo conhecimento. Curiosidade que segundo Freire (1997) é natural e cabe ao educador torná-la epistemológica.

Através do jogo de papéis a criança lida com experiências que ainda não consegue realizar de imediato no mundo real; vivência comportamentos e papéis num espaço imaginário em que a satisfação de seus desejos pode ocorrer.

Outra importante consideração nesta vertente é que a atividade lúdica apresenta dois elementos-chave como definidores de jogo infantil: as regras e o imaginário. Tanto no jogo simbólico (faz-de-conta/jogo de papéis) como no de regras, estas duas características estão presentes. O que muda é a intensidade e a forma como elas aparecem: no jogo simbólico, o que predomina é a situação imaginária, mas as regras estão presentes, porém de forma implícita; no jogo de regras, o imaginário está presente, mas de forma latente.

Portanto, percebemos que brincar é coisa séria. É o grande desafio para o educador infantil em sua formação lúdica e na construção interdisciplinar do processo aprendizagem, com ênfase a Pedagogia do Afeto, no ambiente-escola.

A definição de perfil e, conseqüentemente, a conceituação do papel a ser assumido pelo educador que orienta os processos de formação na primeira infância, deve necessariamente ser levantada e apoiada a partir da concepção e organização da educação e da atenção à criança em um determinado contexto; essas concepções são evidentes no estabelecimento de políticas, planos e programas voltados à formação das pessoas que atenderão esse grupo populacional (crianças da educação infantil).

Nesse aspecto, a fim de proporcionar um completo sentido do perfil e do papel do educador no campo da educação infantil, e contextualizá-lo a partir dos quadros de referência dos educadores a serem envolvidos nesta pesquisa, considera-se pertinente assumir o ensino como uma prática intercultural e social, como uma ação educativa abrangente onde aspectos políticos são articulados, pedagógico, social e cultural, que requer fundamentação teórica de natureza pedagógica e cujo propósito é o desenvolvimento integral das crianças em uma relação afetiva, e seu reconhecimento como sujeitos sociais imersos em uma cultura.

O educador infantil hoje tem o desafio de acompanhar, orientar e orientar as crianças, promovendo através de sua prática uma mudança cultural que abandona modelos tradicionais de ensino a partir de uma concepção de menino e menina que entende pouco ou nada e onde a aprendizagem é entendida como um acúmulo de conhecimento.

Não é possível que os educadores acompanhem e promovam o desenvolvimento de competências, caso não conheçam as bases conceituais do desenvolvimento infantil e as particularidades das crianças que acompanham, as características do contexto e os propósitos da educação infantil no âmbito das Políticas Públicas.

8. REFERÊNCIAS

ABED, A. L. Z. **O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica**. Construção psicopedagógica, v. 24, n. 25, p. 8–27, 2016.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sérgio. **Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação**. Revista brasileira de Estudos Pedagógicos. v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. Brasília, 2013.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; SOARES, Júlio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. **Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações**. Cadernos de Pesquisa. v. 45. n. 155. p. 57-75. jan./mar., 2015.

BARBOSA, J. J. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1994.

BOSSI, T. J. et al. **Workshops sobre desenvolvimento na primeira infância com profissionais da educação infantil**. Psicologia Escolar e Educacional, v. 21, p. 355–357, ago. 2017.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: **um software gratuito para análise de dados textuais**. Temas em Psicologia, v. 21, n. 2, p. 513–518, dez. 2013.

COUTINHO, F. Â.; GOULART, M. I. M.; PEREIRA, A. F. **Aprendendo a ser afetado: contribuições para a educação em ciências na educação infantil**. Educação em Revista, v. 33, 3 abr. 2017.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre a Alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

GALVÃO, A. C. T.; BRASIL, I. **Desafios do ensino na Educação Infantil: perspectiva de professores**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 61, n. 1, p. 73–83, abr. 2009.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GUIZZO, B. S.; BALDUZZI, L.; LAZZARI, A. **Protagonismo infantil**: um estudo no contexto de instituições dedicadas à educação da primeira infância em Bolonha. *Educar em Revista*, v. 35, p. 271–289, 9 maio 2019.

GULLIFORD, H. et al. **Teaching Coping Skills in the Context of Positive Parenting Within a Preschool Setting**. *Australian Psychologist*, v. 50, n. 3, p. 219–231, 1 jun. 2015.

HÚNGARO, Edson Marcelo. **A questão do método na constituição da teoria social de Marx**. In: SOUZA, J. V; SILVA, M. A; CUNHA, C. (Orgs.) *O método dialético na pesquisa em educação*. Campinas, SP/Brasília-DF: Autores Associados, 2014.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos, 6.ed., São Paulo: Atlas, 2001.

LENS. The Lens - **Free & Open Patent and Scholarly Search**. Disponível em: <<https://www.lens.org/>>. Acesso em: 3 abr. 2022.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978.

MARCHAND, P.; RATINAUD, P. **L'analyse de similitude appliquée aux corpus textuels**: les primaires socialistes pour l'élection présidentielle française (septembre-octobre 2011). *Actes des 11eme Journées internationales d'Analyse statistique des Données Textuelles.*, v. 2012, n. 13, p. 687–699, 2012.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Teses sobre Feuerbach. Editora Moraes. São Paulo, 1984.

METZNER, C.; RAITZ, T.; VANZUITA, A. **Escolha e inserção profissional**: das vivências das(os) acadêmicas(os) às experiências das(os) egressas(os) em Pedagogia (Choice and

professional insertion: from the experiences of academics to the experiences of graduates in pedagogy). *Revista Eletrônica de Educação*, v. 15, p. e4480073, 22 dez. 2021.

MUGNAINI, R. **A bibliometria na exploração de bases de dados**: a importância da Lingüística. *Transinformação*, v. 15, p. 45–52, abr. 2003.

NATIVIDADE, M. R. DA; COUTINHO, M. C. **O trabalho na sociedade contemporânea**: os sentidos atribuídos pelas crianças. *Psicologia & Sociedade*, v. 24, n. 2, p. 430–439, ago. 2012.

NUNES, C. M. F. **Saberes docentes e formação de professores**: um breve panorama da pesquisa brasileira. *Educação & Sociedade*, v. 22, p. 27–42, 2001.

OLIVEIRA, A. et al. **Os sentidos do trabalho para enfermeiras no cotidiano da profissão**. *Nursing (São Paulo)*, v. 25, p. 7120–7133, 18 fev. 2022.

OLIVEIRA, M. K. Vygotsky – **Aprendizagem e desenvolvimento**: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1992.

PEREIRA, M. T. et al. **Possíveis contribuições da educação infantil para o desempenho e a competência social de escolares**. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 15, p. 101–109, jun. 2011.

POLONIA, A. DA C.; SANTOS, M. DE F. S. **Desenvolvimento de competências na perspectiva de docentes de ensino superior: estudo em representações sociais**. *Educação e Pesquisa*, v. 46, 10 ago. 2020.

RAMOS-RODRÍGUEZ, A.-R.; RUÍZ-NAVARRO, J. **Changes in the intellectual structure of strategic management research: a bibliometric study of the Strategic Management Journal, 1980–2000**. *Strategic Management Journal*, v. 25, n. 10, p. 981–1004, out. 2004.

ROSA, A. P. **Atividades Lúdicas**: sua Importância na Alfabetização. Curitiba: Juruá, 1998.

SILVA, R. P. DA; SIQUEIRA, S. F. DE. **Sentidos do trabalho pedagógico na educação infantil em tempos de pandemia**: diálogos entre duas professoras em formação. *Práticas em Educação Infantil*, v. 5, n. 6, 24 nov. 2020.

SOUZA, R. P. DE; MOHN, R. F. F.; SILVA, K. A. C. P. C. DA. **Significados e sentidos do trabalho docente na educação infantil**: reflexões a partir do materialismo histórico-dialético. *Revista Polyphonía*, v. 32, n. 2, p. 255–270, 18 nov. 2021.

TIBOLA, N. G.; RAITZ, T. R.; VANZUITA, A. **Impacto do processo formativo na trajetória laboral de jovens mestrando(as)**: Necessidades de orientação educativa. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, p. 0463–0483, 2 jan. 2022.

TIBOLA, N.; RAITZ, T. **As trajetórias de jovens egressos universitários e sua inserção profissional**. *Conjecturas*, v. 22, p. 132–148, 1 jan. 2022.

TOLFO, S.R.; Piccinini, V. **Sentidos e significados do trabalho**: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia & Sociedade* [online]. 2007, v. 19, n. spe [Acessado 11 Maio 2022] , pp. 38-46. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400007>>. Epub 25 Set 2007. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400007>.

VENANCIO, S. I. **Por que investir na primeira infância?** *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 28, 3 fev. 2020.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WALLON, H. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Estampa, 1992.

Infância e Ensino



SENTIDOS DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maciel,
Cilene Maria Antunes Carvalho,
Edione Teixeira de Santos,
José Olímpio dos Gonçalves,
Thalita Miranda Stering,
Sílvia Maria dos Santos



SENTIDOS DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maciel, Cilene Maria Antunes¹⁷

Carvalho, Edione Teixeira de¹⁸

Santos, José Olímpio dos¹⁹

Gonçalves, Thalita Miranda²⁰

Stering, Silvia Maria dos Santos²¹

RESUMO

A Educação Infantil visa o desenvolvimento harmônico da criança, de acordo com suas necessidades físicas e psicológicas, nesse particular momento de sua vida e situadas em sua cultura e em sua comunidade. Ela tem, portanto, objetivos em si mesmos, próprios da faixa etária e adequados às necessidades do meio físico, social, econômico e cultural. Sendo assim deve-se levar em consideração que o processo de aprendizagem nesta fase da vida escolar é a base para uma aprendizagem efetiva. O presente estudo tem por objetivo principal analisar a importância do profissional de educação no processo de alfabetização proposto na educação infantil. Como objetivos específicos têm-se de caracterizar o processo de alfabetização na educação infantil; identificar os sentidos do trabalho professores para alfabetizar na educação infantil; investigar as dificuldades dos professores para desenvolver o processo de alfabetização na educação infantil. Trata-se de um estudo bibliométrico em periódicos e repositórios digitais, fazendo um levantamento do período 2016-2021. Foram analisadas publicações de artigos na plataforma Lens, com base em uma série de indicadores bibliométricos.

Palavras-chave: Educação infantil. Alfabetização. Professor.

¹⁷ **Pós -Doutorara.** Professora na Universidade de Cuiabá – UNIC-MT- Brasil

¹⁸ **Dra.** Prof.^a Instituto Federal de Rondônia - IFRO, campus Cacoal- RO-Brasil.

¹⁹ **Dr.** Faculdade do Centro Educacional Interdisciplinar do Brasil. Faceib-Cuiabá-Brasil.

²⁰ **Dra.** Prof.^a. Universidade do Estado de Mato Grosso-Unemat- *Campus* de Pontes e Lacerda – MT- Brasil.

²¹ **Pós-doutorado.** Prof.^a Instituto Federal Mato Grosso -IFMT-*Campus* Cel. Octayde J. da Silva Cuiabá- MT- Brasil

1. INTRODUÇÃO

Estudos bibliométricos tornaram-se agora muito importantes porque fornecem informações sobre a produção científica atual. Bibliometria é uma técnica de pesquisa que permite analisar a bibliografia de um determinado estudo campo que consegue estabelecer, através de palavras-chave e métodos estatísticos, elementos importantes para dar confiabilidade a um estudo.

É assim que é possível localizar espacial e temporalmente um estudo com base em indicadores como autores, título de publicação, linguagens, resumos ou o que for de interesse do pesquisador, para parar através de dados quantitativos a relevância científica de uma pesquisa. Além disso, essa técnica estuda a estrutura social dos grupos que a produzem e a utilizam.

Para Ardanuy (2012), o desenvolvimento da bibliometria como disciplina intangível baseia-se na busca de comportamentos estatisticamente regulares ao longo do tempo nos diferentes elementos relacionados à produção e consumo de informações. Da mesma forma, Spinak (1996) define bibliometria como o cálculo e análise dos valores do que é quantificável na produção e consumo de informações científicas. Esses autores expressam a importância da pesquisa e da análise detalhada como elementos essenciais na pesquisa em pesquisa científica.

Para que se possam compreender as contribuições de Jean Piaget, Henry Wallon, Paulo Freire, Emília Ferreiro, Lev Semiovitch Vygotsky dentre outros para a alfabetização, é necessário que se contextualize historicamente o fator inicial aqui no Brasil, que é a entrada de tais ideias em nossos cotidianos escolares, o modelo educacional vigente na época, que sofreu grande desestabilização na condução do processo de alfabetização. Muitas controvérsias foram levantadas, causando até mesmo certa visão infundada a respeito da nova postura.

Esse estudo se justifica porque é ainda uma reflexão ainda necessária, pois a partir dos estudos de Jean Piaget, surgem várias propostas com uma única visão: a construção do período de alfabetização da criança como sendo esta um ser ativo de sua própria aprendizagem.

A ideia de pesquisar sobre essa temática e sua importância nas séries iniciais ocorreu durante o curso de graduação e acredito que contribui para a formação de todos os educadores, assim como, a prática da educação pode melhorar a realidade da educação infantil no Brasil. Justifica-se, também, o presente estudo pela vivência obtida

pelos participantes da pesquisa a cerca das dificuldades de trabalhar a alfabetização na educação infantil.

Como problema de pesquisa tem-se as seguintes questões: qual sentido do trabalho no processo de alfabetização na educação infantil? Como questões norteadoras selecionou-se as seguintes indagações: Como se caracteriza o processo de alfabetização na educação infantil? Que métodos são utilizados pelos professores para alfabetizar na educação infantil? Quais as dificuldades dos professores para desenvolver o processo de alfabetização na educação infantil?

No processo de maturação da criança, o brinquedo, a motricidade, a afetividade e a inteligência estão intimamente ligadas. As atividades motoras, associadas ao ato de brincar (ludicidade), possibilitam à criança desenvolver suas funções afetivas e intelectuais, destacando-se como indivíduos; estabelecem o convívio social, tomam iniciativas próprias e estimulam a criatividade. O brinquedo traduz o real para o mundo infantil. Ao manipular um brinquedo, a criança é tocada pela sua proposta, reconhece coisas, realiza descobertas, experiências, analisa, compara e cria.

A escola e os adultos com sua concepção tradicional de alfabetização, muitas vezes, desconhecem que a criança é um ser pensante e que, se respeitarem sua lógica, a aprendizagem pode ser muito mais significativa e fácil para ela. Para que se construa uma representação adequada, na alfabetização, da linguagem que se escreve, é preciso não a destituir das funções que ela exerce na sociedade. Sob o pretexto de simplificar e de facilitar a aprendizagem, apaga-se da escrita todo o seu conteúdo funcional. O quer esta depois disso é apenas o recurso ao ensino das letras e palavras fora do contexto. Os alunos chegam com isso a aprender a ler e escrever, mas a alfabetização resultante é restrita e está longe de se aproximar de sua função social.

2. METODOLOGIA

A pesquisa aqui apresentada quanto aos fins emprega o método exploratório e descritivo. De acordo com Lakatos e Marconi (2001) o objetivo da pesquisa exploratória é situar-se em um problema sobre o qual o pesquisador não tem informações ou conhecimentos suficientes para traçar estratégias que possibilitem atingir seus objetivos. Já quanto aos meios a pesquisa é caracterizada como documental e o método de análise é o qualitativo. Para Lakatos e Marconi (2001) os métodos qualitativos buscam explicar as razões dos fenômenos e são apropriados quando o estudo é complexo, de natureza social e são

utilizados quando os entendimentos do contexto social e cultural são elementos importantes para a pesquisa, sendo necessário observar, registrar e analisar interações reais entre pessoas e entre pessoas e sistemas.

Optou-se por realizar uma pesquisa bibliométrica por meio da análise da publicação acadêmica brasileira sobre sentidos do trabalho docente na educação infantil na base de dados Lens.org (2021). De acordo com Ramos-Rodríguez e Ruíz-Navarro (2004), abordagem bibliométrica é uma técnica quantitativa e estatística que detecta modelos ou padrões de pesquisas e envolve o desenvolvimento e a disseminação do conhecimento científico em determinada área. Mugnaini (2003) afirma que a bibliometria pode ser usada como um filtro de informação, sendo de grande utilidade para o pesquisador, e Gil (2011) destaca que o levantamento bibliográfico preliminar se faz necessário para fundamentação de teorias que serão analisadas.

A partir do levantamento bibliométrico realizado, foram construídos quadros, gráficos e tabelas, tendo também sido utilizada a ferramenta de análise de resultados disponibilizada pela própria plataforma Lens.org. Após, foram utilizadas funcionalidades do software Iramuteq 0.7 alpha 2 na análise dos resumos dos 10 artigos mais citados e das 10 publicações recentes. Por meio do Iramuteq é possível realizar diferentes formas de análises estatísticas sobre corpus textuais, por palavras, contribuindo, assim, para os estudos em Ciências Humanas e Sociais, as quais usam o conteúdo simbólico como uma fonte importante de dados de pesquisa (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Na análise realizada com o Iramuteq, inicialmente foi realizada a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que permite verificar o agrupamento das palavras apresentadas nos resumos dos artigos selecionados. A CHD classifica os segmentos de texto em classes, em função de seus vocabulários, e o conjunto deles é repartido com base na frequência, apresentando vocabulário semelhante entre si, conforme explicam Camargo e Justo (2013).

A segunda avaliação consistiu na análise de similitude, técnica realizada com base na co-ocorrência de palavras em segmentos de texto. O seu resultado indica conexão entre as palavras existentes nos *corpus* textuais e as variáveis categoriais que as descrevem (MARCHAND; RATINAUD, 2012). Por fim, foi elaborada nuvem de palavras, objetivando apresentar, de forma visual, a frequência com que cada termo apareceu nos resumos dos artigos.

3. REVISÃO DE LITERATURA

Uma das grandes novidades trazidas à Educação pelas pesquisas do epistemólogo²² suíço Jean Piaget²³ foi o fato, depois dele incontestável, de que o pensamento infantil é qualitativamente diferente do pensamento do adulto. Esta diferença aparece em diversos aspectos, principalmente no que se refere à primazia de uma concepção lúdica da realidade. O mundo existe para a criança na medida em que lhe é possível jogar com ele, extraindo dos objetos possibilidades de prazer e de harmonia. O jogo seria, então, a forma de interação por excelência da criança com seu entorno; sem ele não havendo, inclusive, condições suficientes para que esta interação ocorra.

Esta premissa é hoje assumida pela maioria dos educadores. Entretanto, o uso que dela tem feito a pedagogia, tem se dado, ao que parece numa via de mão única. A pedagogia moderna pretende estabelecer um "uso pedagógico do jogo", da brincadeira, enfim, do lúdico.

Atualmente, têm se tornado clichê de publicidade educacional máxima do tipo "aprender brincando"; as escolas estão repletas de jogos e de brinquedos cuja finalidade seria adquirir habilidades e, na melhor das hipóteses, ajudar na construção de conceitos (os chamados brinquedos pedagógicos). A todo o momento, os educadores se perguntam se, enquanto propõem jogos ou brincadeiras, as crianças estão "trabalhando" este ou aquele conceito; em que este ou aquele jogo irá desafiá-la enquanto ser cognoscente.

Na verdade, o "uso pedagógico do jogo" pode ser apontado como um avanço. Não deixa de ser uma entrada do lúdico na sala de aula, antes quase que desprovida de ludicidade. O problema é considerar-se apenas este lado da moeda: existe ainda outro lado, muitas vezes obscuro, do percurso em direção a um verdadeiro encontro de dois mundos – adulto e criança.

O que alguma reflexão mais acurada sugere é que o centro da prática pedagógica seria ainda, apesar deste avanço, a cultura do adulto. Estamos sempre tentando trazer a criança para o conhecimento culturalmente acumulado pelos homens (e até levá-lo a ela da melhor maneira possível...), mas quase nunca nos debruçamos sobre o conhecimento dela, sobre o verdadeiro manancial de conhecimentos que cada criança do mundo foi

²² O epistemólogo é o agente que domina a teoria do conhecimento científico. A função do epistemólogo é dar o suporte necessário, no que se refere às diretrizes do grupo, em relação às questões que se relacionam com este tipo de estudo.

²³ Jean Piaget nasceu em Neuchâtel, Suíça no dia 9 de agosto de 1896 e faleceu em Genebra em 17 de setembro de 1980. Estudou a evolução do pensamento até a adolescência, procurando entender os mecanismos mentais que o indivíduo utiliza para captar o mundo. Como epistemólogo, investigou o processo de construção do conhecimento, sendo que nos últimos anos de sua vida centrou seus estudos no pensamento lógico-matemático.

tecendo aqui e ali e que, a exemplo da teia cultural do adulto, também se instituiu como cultura.

4. O QUE DIZEM OS TEÓRICOS

Começamos por Jean-Jacques Rousseau que nasceu em 1712, em Genebra, na Suíça, foi o maior pensador do século XVIII. Mas as obras que fizeram de Rousseau a figura do século foram as de enfoque político-social e sobre a educação da infância encontramos referências em obras como Contrato Social e Emílio ou Da Educação. Segundo Pinto (2003 p. 49):

Foi na educação, com suas mudanças radicais quando aos dogmas rígidos da religião, sugerindo novos conceitos, valorizando a natureza, os instintos, a emoção e os sentimentos, que Rousseau foi brilhante! Ele resgatou indiretamente o lúdico, pois, pedindo que tratassem a criança conforme sua natureza, dava abertura para que ela fosse simplesmente criança e o que ela mais gosta de fazer é brincar. A criança vive para brincar e brinca para viver, brincar é treinar para a vida.

Para Rousseau a educação é apenas o meio de perpetuar a filosofia naturalista da vida. Ele parte da premissa que a natureza humana é boa, equilibrada e sem tendências para o mal, mas a educação, a religião, enfim a sociedade degenera esta natureza.

As ideias de Rousseau foram seguidas por filósofos, educadores e líderes populares, numa época em que a maioria do povo aceitava a superioridade da monarquia e a opressão da igreja, sem questionar, sem refletir sobre isso e os mais esclarecidos não sabiam como se livrar desses problemas.

O homem nasce livre, e, não obstante, está acorrentado em toda parte. Julga-se senhor dos demais seres sem deixar de ser tão escravo como eles. Como se tem realizado esta mutação? Ignoro-o. Que poderá legitimá-la? Creio poder resolver esta questão. Se eu não considerasse senão a força e o efeito dela derivado, diria:

Quando um povo obrigado a obedecer, obedece. Faz bem; assim como quando pode sacudir seu jugo, e o sacode, age ainda melhor, porque recobra a sua liberdade em virtude do mesmo direito que o oprime, ou não existia para tirar-lhe”.²⁴ (ROUSSEAU, 1992, p. 37).

Hoje sabemos que a Teoria Naturalista da educação tem muitas falhas, é muito radical, mas naquele momento ela foi à solução para as grandes mudanças.

Assim como a Revolução Francesa foi uma página lamentável na história, mas naquele momento foi à solução para uma mudança política e social, a queda da monarquia. (eu tiraria este parágrafo)

Foi Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), outro educador suíço, que introduziu na sua prática a teoria naturalista da educação, de Rousseau, e, como não poderia deixar de ser, enfrentou barreiras, mas com perseverança fundou algumas escolas na Suíça, adotando o método natural de educação. A pedagogia de Pestalozzi influenciou outros educadores. Rousseau (1992, p. 11) diz:

Sendo, portanto, a educação uma arte, torna-se quase impossível que alcance o êxito total, porquanto a ação necessária a esse êxito não depende de ninguém. Tudo o que se pode fazer, à força de cuidados, é aproximar-se mais ou menos da meta, mas é preciso sorte para atingi-la. Que meta será essa? A própria meta da natureza: isso acaba de ser provado.

Na Alemanha, a teoria naturalista de Rousseau foi muito bem representada pelo pedagogo Friedrich Fröebel (1782-1852). Fröebel *apud* Brougère (1997), seguidor de Rousseau e Pestalozzi, criou e fundou em 1837 o primeiro Jardim da Infância. O jardim da infância foi aceito em toda a Europa, toda a América sobrevivendo até nossos dias.

Influenciada pela filosofia de Rousseau e pelo trabalho dos médicos Itard e Seguin – precursores da pedagogia da criança deficientes mentais – Montessori passou a dedicar-se à educação de crianças carentes, utilizando método e material semelhante ao usado para crianças deficientes. Em contato com os manicômios da Itália, ele descobriu

²⁴ Para Rousseau, o homem é naturalmente bom, mas o seu convívio na sociedade o corrompe. Considera o homem um ser social e um ser natural. O objetivo que pretendia alcançar era de conscientizar e aproximar o homem da natureza, do seu estado primitivo, fazendo com que eles se esquecessem que vivem numa sociedade civil.

que crianças deficientes mentais eram internadas por suas famílias nesses manicômios, como loucas. Ficavam enclausuradas até morrerem. Foi ela que, com sua influência junto a Mussolini, o ditador fascista da época, conseguiu internatos especiais para estas crianças.

Outro renovador, Jean Piaget, epistemólogo suíço que nasceu em 1896, fez especialização em biologia e dedicou-se ao estudo do desenvolvimento da inteligência.

Piaget tinha um ponto comum com Montessori, sua formação não era na Educação, mas acabou sendo chamado de Pedagogo, pelas modificações brilhantes que sua teoria causou nessa área – Piaget foi incluído no movimento da Escola Nova, junto com Montessori e outros educadores. Segundo Pinto (2003 p. 52):

Piaget nunca aceitou esse título. Para ele, a criança era apenas um meio e não um fim, como era para Montessori. As modificações feitas na Educação eram apenas consequências de suas descobertas científicas. Mas foi seu trabalho, como epistemólogo sobre Percepção e Inteligência, que o transformou num dos mais notáveis construtores da Psicologia Contemporânea.

Sua teoria valoriza o ambiente, pois é na interação do indivíduo com o meio físico e social que se dá o processo de aprendizagem.

O projeto abrangente de Wallon²⁵ (1992) torna sua teoria integradora: ela dialoga com muita bem com outras, encontrando complementaridade tanto na psicanálise como na teoria piagetiana. Aquilo que Piaget vai descrever como característica do pensamento pré-lógico encontra eco no que Wallon descreveu como pensamento pré-categorial. Haverá menos convergência entre estes autores sobre o primeiro ano de vida da criança, porque aí Wallon identifica uma predominância do afetivo, ao passo que Piaget – que está priorizando a questão do desenvolvimento da inteligência – verá a questão da cognição.

Com a psicanálise valerá o mesmo raciocínio. Aos três anos de idade, do desenvolvimento do complexo de Édipo, as características descritas por Freud, têm um diálogo muito próximo com o que Wallon propõe para esta mesma idade: que a criança estará voltada principalmente para a conquista do eu.

²⁵ Henri Wallon nasceu em 15 de junho de 1879, em Paris, filho de Paul Alexandre Joseph e neto de Henri-Alexandre Wallon. Tornou-se bem conhecido por seu trabalho científico sobre Psicologia do Desenvolvimento

É uma teoria que propõe o diálogo com outras perspectivas e campos teóricos. Wallon usou o método da comparação para conhecer o seu objeto. Procurava comparar o desenvolvimento da criança com pesquisas sobre a psicologia de certos anormais; ou colocar lado a lado o comportamento da criança normal com aquele de crianças com alguma patologia. Wallon tenta mostrar que, tantas relações entre características orgânicas e aquelas adquiridas socialmente quanto nas relações entre a pessoa e seu grupo, estas duas dimensões não excluem uma a outra, mas que estão sempre em interação constituindo o sujeito (GALVÃO, 1995).

Procurando mostrar quais são os diferentes momentos do desenvolvimento, os vínculos entre cada um desses domínios, e as implicações para o todo representado pela pessoa, resultam para Wallon²⁶ quatro temas fundamentais em sua teoria: afetividade, movimento, inteligência e a questão da pessoa, do eu (GALVÃO, 1995).

Do ponto de vista da ontogênese, isto é, do desenvolvimento de uma pessoa, num primeiro momento o bebê humano se encontra em um estado de imperícia no que diz respeito às suas possibilidades instrumentais sobre o meio físico: ele não tem o gesto de apreensão, por exemplo. Esse estado de imperícia instrumental seria compensado por uma exuberância expressiva. Então a criança não faz, mas é capaz de mobilizar o outro para fazer por ela. Wallon diz:²⁷ O outro é o primeiro instrumento do eu. Assim que a criança vai desenvolvendo recursos para agir diretamente sobre o meio físico, começa a se consolidar esta dimensão mais cognitiva do movimento.

Haverá então uma dinâmica de alternância, em que cada movimento pode ter predominância na ação sobre o outro, ou sobre o meio físico, uma possibilidade expressiva no primeiro caso, ou instrumental no segundo (GALVÃO, 1995)

Ao interagir com o outro, a criança irá conviver com muitos conflitos que certamente contribuirão para o desenvolvimento de sua personalidade. Wallon²⁸ não se preocupa somente com a sociabilidade como processo necessário para o

²⁶ Da opção de estudar o desenvolvimento da pessoa de um modo integrado resulta que esta teoria nos propõe elementos para compreender vários aspectos do desenvolvimento da criança. Estudando o desenvolvimento da pessoa nos domínios afetivo, cognitivo e motor, Wallon identifica alguns campos funcionais no sujeito que comporiam a pessoa integrada.

²⁷ Para Wallon a questão do movimento vai incluir também a dimensão afetiva da motricidade, pois, segundo o autor, quando se fala em emoções, é imediato pensarmos em movimento, porque a emoção é essa afetividade que é muito corporal. Os primeiros gestos, antes de serem emocionais – tirando o choro – são gestos impulsivos e vão se tornando emocionais na medida da interação com o outro, que vai atribuído sentindo, significado, aos atos reflexos. Os gestos, ou movimentos seriam, portanto, um dos primeiros indícios de vida psíquica. Wallon não vai chamá-los de linguagem, porque nos gestos não necessariamente está implicado um código, embora tenham a intenção de causar impacto sobre o outro (GALVAO, 1995).

²⁸ Para o autor, a emoção corresponde a um estado psíquico mais primitivo que o estado de consciência pela qual a pessoa afirma a sua autonomia. A emoção exerce papel fundamental no desenvolvimento, uma vez que possui no aparelho nervoso, centros para coordenar seus efeitos.

desenvolvimento humano, atribui, ainda, importância fundamental a emoção como instrumento de sobrevivência da pessoa humana.

Quanto ao desenvolvimento cognitivo, a emoção exerce funções tanto negativas como positivamente. Negativa no sentido que, dependendo do seu grau de manifestação, pode reduzir a eficácia do funcionamento cognitivo. Positivo por que pode impulsionar o indivíduo a tomada de decisões e grandes realizações (GALVAO, 1995).

Na concepção walloniana, a emoção tem em sua natureza um aspecto biológico e um aspecto social. Biológico uma vez que sua conduta irá depender dos centros corticais e subcorticais. Sociais, porque possui um caráter contagioso e coletivo.

Destacam também a importância do meio familiar e escolar, como locais privilegiados que favorecem o desenvolvimento social pelas diversas relações que se estabelecem. A família é considerada, o grupo natural que proporciona a criança à formação de seu “ser” ou não “ser”, desde o princípio.

Wallon (1992), em sua teoria da emoção, considera afetividade inteligência fatores sincreticamente misturados, e defende que a educação da emoção deve ser incluída entre os propósitos da ação pedagógica.

Esse estudioso analisou que no início da vida, a afetividade se sobressai e que no decorrer do desenvolvimento humano, a história da construção da pessoa será constituído por uma sucessão pendular de momentos predominantemente afetivos ou predominantemente cognitivos. Ele coloca grande importância na afetividade, e alerta para o fato de que para evoluir, ela depende de conquistas realizadas no plano da inteligência e vice-versa. E reafirma sua teoria ao dizer que a criança, no início do desenvolvimento, não está empenhada na “construção do real”, mas sim em constituir-se a si mesma, em explorar o corpo, em verificar os próprios limites físicos para só depois se entregar à exploração sistemática do mundo externo.

A ludicidade também está presente no uso da linguagem, marcado pelo ritmo e a rima, sendo um grande estímulo poético. Após as fases iniciais de garatujas, a criança começa a identificar e nomear os seus desenhos relacionando-os com os objetos do mundo externo. O ato de desenhar transforma-se no gesto de tornar presente o objeto conhecido, representá-lo (GALVÃO, 1995)²⁹.

²⁹ Na teoria walloniana, o desenvolvimento é entendido como um processo descontínuo, cujas características são a contradição e os conflitos. Seus estágios não possuem limites nítidos; sobrepõem-se, misturam-se, confundem-se. Cada estágio é caracterizado pelo predomínio de um tipo de relação com o meio, ao mesmo tempo em que representa um instante da evolução mental.

Possuindo uma característica que lhe é específica, cada estágio está em estreita relação com o anterior, do qual precede, e com aquele que sucederá cujo surgimento prepara. De um estágio para outro não há uma supressão de condutas, ocorrendo, sim, uma subordinação das condutas anteriores àquelas que emergem; sendo assim elas poderão reaparecer em determinadas situações de crise, fazendo o indivíduo adotar atitudes em desacordo com seu estágio de desenvolvimento. A integração que ocorre de um estágio para o outro lhes permite certa progressividade e lhes dá o caráter de conjunto no processo de desenvolvimento (OLIVEIRA, 2000).

5. DIFICULDADES DOS PROFESSORES PARA DESENVOLVER A ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A inter-relação entre os sentimentos, os afetos e as intuições na construção do conhecimento têm vindo a ser salientada por diversos autores. Snyders³⁰ (1988) apud Pinto (2003) afirma que quando se ama o mundo, esse amor ilumina e ajuda a revelá-lo, a descobri-lo. O amor não é o contrário do conhecimento e pode tornar-se lucidez, necessidade de compreender, alegria de compreender.

A educação afetiva deveria ser a primeira preocupação dos educadores, porque é ela que condiciona o comportamento, o caráter e a atividade cognitiva da criança. Outros autores referem que os atos de sentir, pensar e decidir pressupõe um trabalho conjunto das dimensões cognitivas e emocionais do cérebro.

Freire (1997, p. 38) no livro Professora sim, Tia não³¹ reafirma a importância das componentes afetivas e intuitivas na construção do conhecimento:

É necessário que evitemos outros medos de que o cientificismo nos inoculou. O medo, por exemplo, de nossos sentimentos, de nossas emoções, de nossos desejos, o medo de que ponham a perder nossa cientificidade. O que eu sei, sei com o meu corpo inteiro: com minha mente crítica, mas também com os meus sentimentos, com

³⁰ O autor, Georges Snyders, define nesse livro seu projeto pedagógico, onde trabalha com uma ampla noção de obra-prima, que inclui grandes obras artísticas e literárias, descobertas científicas, conquistas da técnica, do pensamento e da moral, etc. Acredita ser possível criar uma escola alegre se houver alunos felizes.

³¹ Paulo Freire mostra uma produção, que discute com clareza política, radicalidade e bom gosto a concretude do “ser professor”. Questões relevantes do cotidiano do professor (a): disciplina, relação teoria e prática, uma nova compreensão do que é ensinar e aprender, a armadilha ideológica da denominação tia-professora, são discutidas com a moldura do gosto por uma escola democrática e do compromisso com a transformação social.

minhas intuições, com minhas emoções. O que eu não posso é parar satisfeito ao nível dos sentimentos, das emoções, das intuições. Devo submeter os objetos de minhas intuições a um tratamento sério, rigoroso, mas nunca os desprezar.

Acerca do papel da intuição na produção de novos conhecimentos salienta no livro *A Educação na Cidade*³²:

Para mim é impossível conhecer rigorosamente com desprezo a intuição, aos sentimentos, aos sonhos, aos desejos. É o meu corpo inteiro que, socialmente, conhece. Não posso, em nome da exatidão e do rigor, negar meu corpo, minhas emoções, meus sentimentos. Sei bem que conhecer não é adivinhar mas conhecer passa também por adivinhar. O que não tenho direito a fazer, se sou rigoroso, sério, é ficar satisfeito com a minha intuição. Devo submeter o objeto dela ao crivo rigoroso que merece, mas jamais desprezá-lo. Para mim, a intuição faz parte da natureza do processo do fazer e do pensar criticamente o que se faz. (FREIRE, 1995, p. 114).

Nesta abordagem do processo educativo a afetividade ganha destaque, pois acreditamos que a interação afetiva ajuda mais a compreender e modificar as pessoas do que um raciocínio brilhante repassado mecanicamente. Esta ideia ganha adeptos ao colocar as atividades lúdicas no processo do desenvolvimento humano.

O jogo e a brincadeira estão presentes em todas as fases da vida dos seres humanos, tornando especial a sua existência. De alguma forma o lúdico se faz presente e acrescenta um ingrediente indispensável no relacionamento entre as pessoas, possibilitando que a criatividade aflore.

Defendemos nesse estudo uma metodologia em que o brincar é a ludicidade do aprender. A criança aprende enquanto brinca. Fazem parte dessa pesquisa três

³² Este é, na verdade, uma espécie de livro introdutório sobre o que sonhamos e o que fizemos e continua sendo feito, em equipe na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Outros trabalhos virão até mesmo como exercício do dever que temos de prestar conta à cidade e ao país do que fizemos e do que não foi possível fazer.

momentos que alicerçam o interdisciplinar dos sujeitos envolvidos: o faz-de-conta, que é o momento de ênfase à imaginação, vivenciando ideias por meio da literatura infantil.

Dramatizar, contar, viver e elaborar histórias criando seu espaço-lúdico por meio do livro de pano. No momento dois, damos ênfase ao brinquedo, do brincar com outras pessoas e, do brincar em grupo. No brincar com outras pessoas a criança aprende a viver socialmente, respeitando regras, cumprindo normas, esperando a sua vez e interagindo de uma forma mais organizada. No grupo, aprende a partilhar e a fazer um movimento rotativo tão importante para a socialização e o diálogo. No terceiro momento evidenciamos o brincar, o jogar e o aprender no movimento multi-inter-trans-dimensional: informação conceitual, comunicação, troca e parceria, interface teórico prático.

Por meio da brincadeira a criança envolve-se no jogo e sente a necessidade de partilhar com o outro. Ainda que em postura de adversário, a parceria é um estabelecimento de relação. Esta relação expõe as potencialidades dos participantes, afeta as emoções e põe à prova as aptidões testando limites.

Brincando e jogando a criança terá oportunidade de desenvolver capacidades indispensáveis a sua futura atuação profissional, tais como atenção, afetividade, o hábito de permanecer concentrado e outras habilidades perceptuais psicomotoras.

Brincando a criança torna-se operativa. O brinquedo como suporte da brincadeira tem papel estimulante para a criança no momento da ação lúdica. Tanto brinquedo, quanto a brincadeira, permite a exploração do seu potencial criativo de numa sequência de ações libertas e naturais em que a imaginação se apresenta como atração principal. Por meio do brinquedo a criança reinventa o mundo e libera suas atividades e fantasias. Através da magia do faz-de-conta explora os limites e, parte para aventura que a leva ao encontro do Outro-Eu.

A entrada da criança no mundo do faz-de-conta marca uma nova fase de sua capacidade de lidar com a realidade, com os simbolismos e com as representações. Com o brinquedo a criança satisfaz certas curiosidades e traduz o mundo dos adultos para a dimensão de suas possibilidades e necessidades.

A criança precisa vivenciar ideias em nível simbólico para compreender o significado na vida real. O pensamento da criança evolui a partir de suas ações, razão pela qual, as atividades são tão importantes para o desenvolvimento do pensamento infantil. Mesmo que conheça determinados objetos ou que já tenha vivido determinada situação, a compreensão das experiências fica mais clara quando as representam em seu

faz-de-conta. Neste tipo de brincadeira têm também oportunidade de expressar e elaborar de forma simbólica, desejos, conflitos e frustrações.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi dividida em cinco etapas distintas e complementares. A primeira etapa consistiu na definição da expressão de busca (*string*), desenvolvida a partir da identificação de palavras-chave relacionadas ao tema do trabalho. Dessa forma, foi utilizada a combinação de palavras-chave apresentada no Quadro 1, visando incluir produções brasileiras e internacionais em seu resultado.

Quadro 3 - Palavras-chave utilizadas

Trabalho docente + formação + professores
Trabalho docente + educação infantil + professores
Ensino + educação infantil + professores
Aplicativo + formação + professores
Ensino + formação + professores
Inovação + formação + professores
Perspectivas + educação infantil + professores

Fonte: Elaborado pelo autor

Como resultado da combinação de palavras chaves, foi definida a *string* a seguir, a qual permite contemplar, em uma única pesquisa, todas as possibilidades mapeadas, tendo sido localizadas 9.719 publicações.

((Trabalho docente AND (formação AND (professores))) OR ((Trabalho docente AND (educação infantil AND (professores))) OR ((Ensino AND (educação infantil AND (professores))) OR ((aplicativo AND (formação AND (professores))) OR ((Ensino AND (formação AND (professores))) OR ((INOVAÇÃO AND (formação AND (professores))) OR (PERSPECTIVAS AND (educação infantil AND (professores)))

A segunda etapa consistiu em aplicar filtros adicionais, de forma a refinar o resultado da pesquisa, conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 4 - Filtros de pesquisa

Filtro	Seleção
Período	2016 a 2021
Tipo de publicação	Artigos

Fonte: Elaborado pelo autor

Ressalta-se que foi aplicado filtro visando obter trabalhos publicados a partir de 2016, de forma a se mitigar o risco de resultado que apresentasse bibliografia eventualmente defasada.

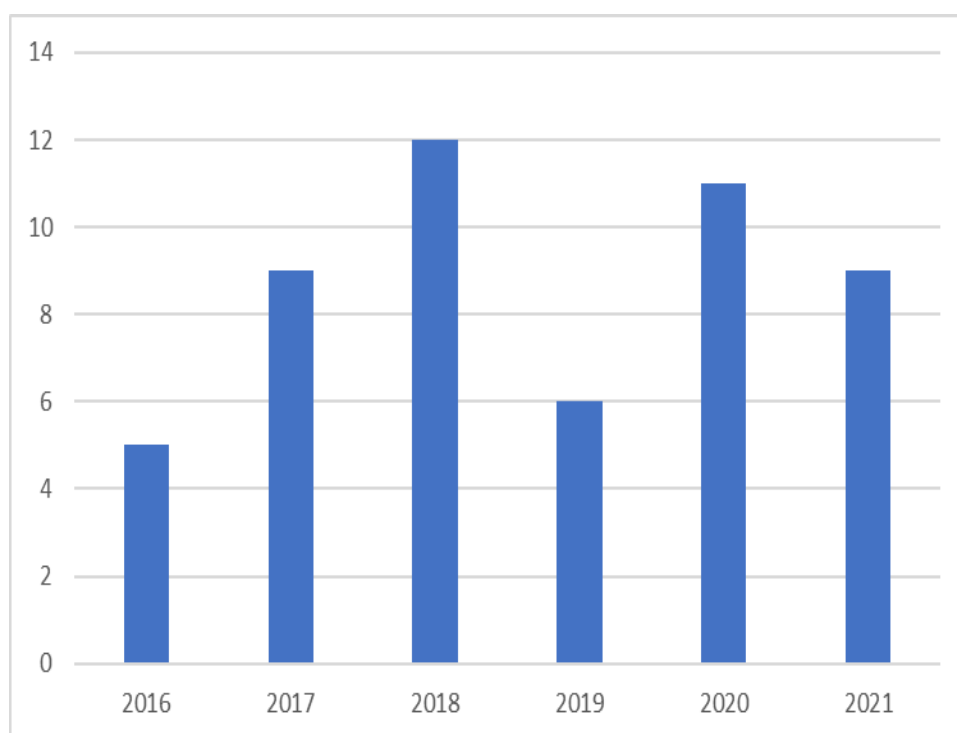
Com a aplicação dos filtros adicionais indicados no Quadro 2, foram identificadas 695 publicações, passando, assim, para a terceira fase, na qual foi realizada a leitura dos títulos e resumos das publicações, objetivando identificar e excluir aquelas que não possuíam aderência ao tema da pesquisa, bem como aquelas cujo idioma fosse diferente de português, inglês ou espanhol.

Nessa etapa, foi realizado o refinamento da amostra, por meio da exclusão de 611 publicações após a leitura dos títulos dos artigos e 32 após a leitura de seus resumos, totalizando 52 publicações que atendem ao problema de pesquisa. Em seguida, foi realizada a quarta etapa, a análise final e classificação dos resultados apresentados.

A quinta e última etapa consistiu na construção do corpus textual da amostra de 20 artigos e tratamento no software Iramuteq, tendo sido realizadas as seguintes categorias de análise: classificação hierárquica descendente, análise de similitude e nuvens de palavras.

No período compreendido entre 2016 e 2021, objeto da pesquisa realizada, constatou-se que o número de publicações aumentou no ano de 2018, quando foi apresentado o pico, seguido por queda no volume no ano de 2019, sendo apresentada retomada nos anos subsequentes, conforme mostrado no gráfico apresentado na Figura 1.

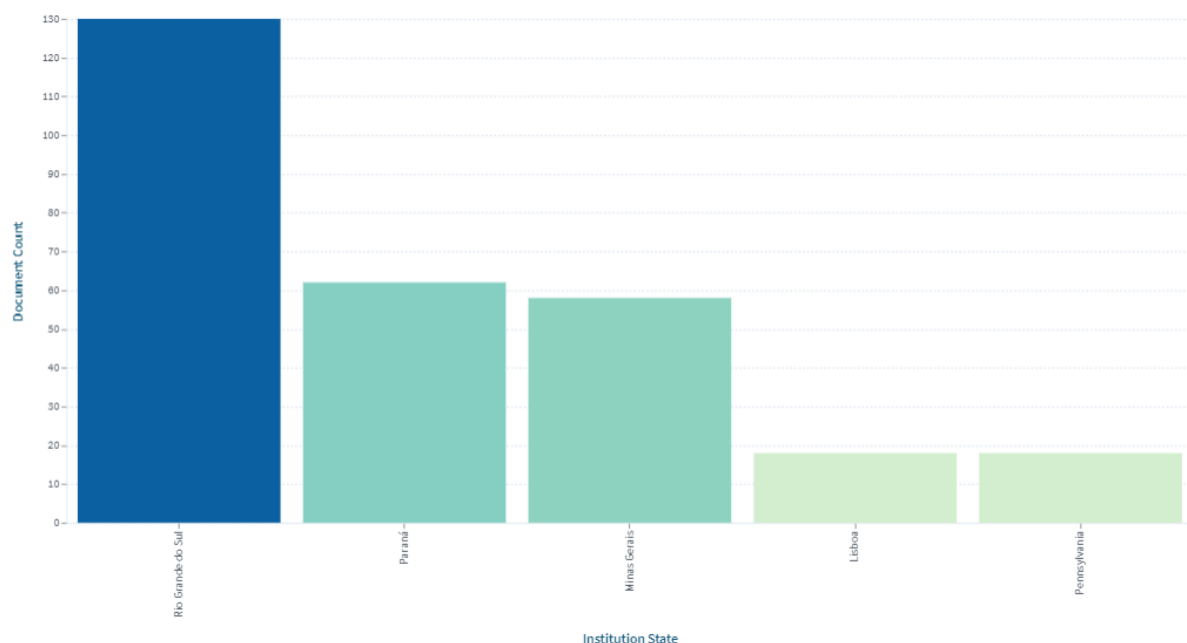
Figura 5 - Distribuição anual das publicações



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da Lens.org (Jul./2022)

Observa-se maior volume de publicações relacionadas com instituições do Rio Grande do Sul, estando os demais resultados encontrados distribuído por diversas localidades. Importante destacar a frequência de publicações relacionadas com instituições do Paraná, cabendo ressaltar o baixo volume de publicações identificadas nas demais regiões, conforme apresentado na Figura 2.

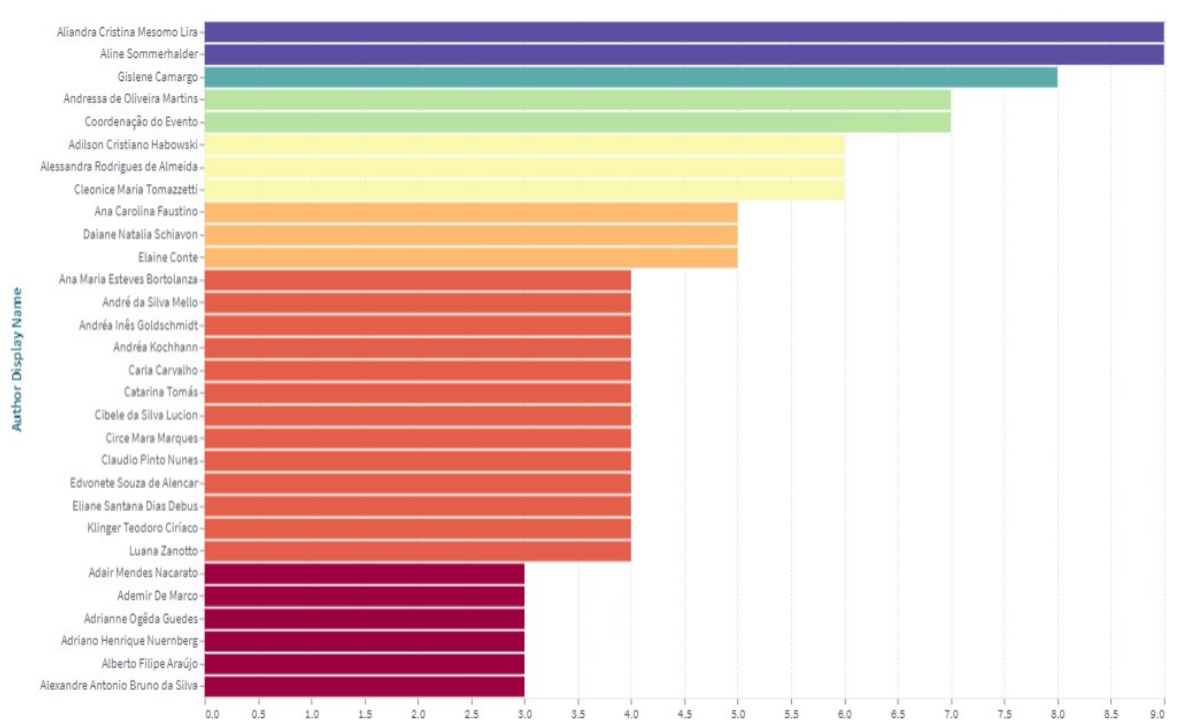
Figura 6 - Distribuição das publicações por região



Fonte: Lens.org (2022)

Dentre os artigos analisados, 17 foram escritos por 5 autores, conforme apresentado na Figura 3, sendo que todos os demais artigos foram escritos por autores diferentes, não havendo outras situações de autores apresentados em mais de um artigo.

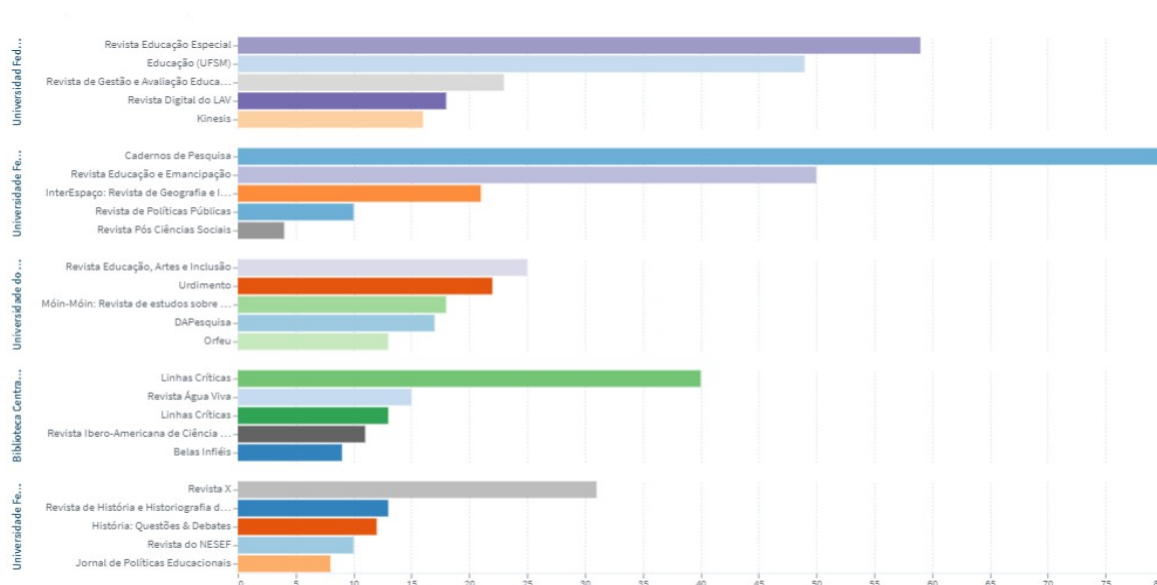
Figura 7 - Autores com maior volume de publicações



Fonte: Lens.org (2022)

As principais revistas são citadas na figura 4.

Figura 8. Principais revistas



Fonte: Lens.org (2022)

São muitos os estudos que foram desenvolvidos com o propósito de identificar os sentidos do trabalho docente na educação infantil. Dentre esses estudos, alguns textos produzidos Raitz e Tibola (2022) observa-se que o papel assumido pelo corpo docente tem sido determinado mais por fatores políticos e econômicos, do que por questões de desenvolvimento social. É assim que se constata que o papel do educador tem sido associado à transmissão de padrões culturais e sociais que determinam o estilo de vida, a vida em comunidade, a formação humanista integral enquadrada na premissa da educação como parte da vida pública.

A transmissão do conhecimento pré-estabelecida pelos interesses daqueles que detêm o poder, a promoção do progresso da ciência, do técnico e do tecnológico, da reconstrução social e do desenvolvimento do conhecimento, da preparação para a vida profissional, da comunicação da informação e da produção de conhecimento.

A escolha e a inserção profissional estão diretamente conectadas e relacionadas com os espaços formativos, o mercado de trabalho e as influências sociais. A escolha do curso ainda é motivada pelas condições socioeconômicas das jovens pedagogas e a inserção profissional demonstrada como momento para se estabelecer na profissão (METZNER; RAITZ; VANZUITA, 2021).

Os sentidos do trabalho conforme Tibola (2021, p. 125) esclarece associa-se à sobrevivência, ou seja, “consumo para sobreviver, trabalhar para se vestir, se alimentar, custear os estudos, etc.”. No entanto, segundo a própria autora ainda esclarece, esse primeiro sentido se mistura a outros “por isso denominamos diversidade de sentidos sobre a educação e o trabalho” (TIBOLA, 2021, p. 125).

O perfil docente é definido como uma pessoa profissional de pedagogia e pesquisa que assume o papel de mediar o sujeito entre o objeto do conhecimento e o sujeito que aprende e reconstrói; como conselheiro e guia de aprendizagem, quem aconselha, cria, facilita e propõe situações problemáticas. Portanto, deve ser uma autoridade no conhecimento que trata, para que possa argumentar, refletir e entender as profundas estruturas do conhecimento.

Consequentemente, é possível concluir que a estrutura, interesses e necessidades de natureza política, econômica e cultural, tudo articulado à concepção da educação, é o que determina, em grande parte, o perfil e o papel que um professor deve assumir em um processo de formação.

No caso específico da educação infantil, algumas pesquisas (NATIVIDADE; COUTINHO, 2012; SILVA; SIQUEIRA, 2020; SOUZA; MOHN; SILVA, 2021) não chegaram a um consenso único sobre o papel que o educador deve assumir para a primeira infância no contexto brasileiro — uma vez que isso será determinado pelas políticas sociais, econômico e de desenvolvimento em torno das crianças de cada país — avançaram em conceituações sobre a importância e relevância da educação infantil, e sobre o papel que os educadores devem cumprir, uma vez que sua ação pedagógica é um fator determinante não só do desenvolvimento das crianças, mas também a qualidade da educação.

A primeira infância é a fase da vida que vai do nascimento aos seis anos de idade. As experiências vividas pelas crianças durante esses anos influenciam significativamente suas possibilidades futuras (VENANCIO, 2020).

Estudos de diferentes disciplinas (neurociência, psicologia, pedagogia, sociologia) mostram que os primeiros anos são decisivos para o desenvolvimento das habilidades cognitivas, comunicativas e sociais do indivíduo; e para isso acontecer, você tem que ter boas condições de saúde, nutrição e ambientes de aprendizagem que estimulem o desenvolvimento (BOSSI et al., 2017; COUTINHO; GOULART; PEREIRA, 2017; GUIZZO; BALDUZZI; LAZZARI, 2019; SOUZA; MOHN; SILVA, 2021).

De acordo com os resultados da pesquisa que foi agrupada nesta categoria, seus autores destacam atitudes, capacidade, capacidade, conhecimento, experiência, identidade, formação, ensino e atuação em práxis educacional. Essas características que o professor implanta diante de diversas situações no ambiente educacional fazem parte da construção desse conhecimento. Pode-se dizer, então, que, no campo socioeducativo, todos esses traços são apresentados como elementos necessários para a construção do conhecimento na formação docente.

A pesquisa de ação em sala de aula mostra o processo reflexivo do professor a partir da experiência na área educacional. Martínez (2000) define a pesquisa de ação como a expansão do conhecimento científico e a solução de um problema, ao mesmo tempo em que aumenta a competência de seus respectivos participantes quando realizado em colaboração, em situação específica e utilizando o feedback das informações em um processo cíclico. O pesquisador atua essencialmente como organizador das discussões, como facilitador do processo, como catalisador de problemas e conflitos e, em geral, como técnico e recurso disponível para consulta.

Os autores que voltam seu olhar para a pesquisa de ação em sala de aula consideram que cada professor, na presença de determinadas condições, é capaz de analisar e superar suas dificuldades, limitações e problemas. Na opinião deles, os professores fazem isso de forma normal, como atividade rotineira e natural ao seu trabalho profissional. Por fim, os pesquisadores reiteram que a metodologia de pesquisa de ação em sala de aula oferece estratégias, recursos, técnicas e procedimentos que trazem rigor, sistemática e senso crítico à atividade para poder atribuir a gama de pesquisas científicas. A pesquisa revisada coincidiu ao refletir que a pesquisa-ação opera por meio de elementos que a caracterizam: prática educacional, reflexão, valor, conhecimento, processo, educação, estratégias, experiência, reflexão e autorreflexão. Cada um desses aspectos nos leva a pensar que os ciclos de pesquisa de ação visam fornecer soluções para eventos observados na diversidade de ambientes educacionais que dão fundamento e razão ao ensino de práxis.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor não aprende com prazer não poderá ensinar com prazer. É isso que procuramos fazer em nossa prática pedagógica, dando ênfase à formação lúdica: ensinar e sensibilizar o professor-aprendiz para que, através de atividades dinâmicas e

desafiadoras, despertem no sujeito-aprendiz o gosto e a curiosidade pelo conhecimento. Curiosidade que segundo Freire (1997) é natural e cabe ao educador torná-la epistemológica.

Através do jogo de papéis a criança lida com experiências que ainda não consegue realizar de imediato no mundo real; vivência comportamentos e papéis num espaço imaginário em que a satisfação de seus desejos pode ocorrer.

Outra importante consideração nesta vertente é que a atividade lúdica apresenta dois elementos-chave como definidores de jogo infantil: as regras e o imaginário. Tanto no jogo simbólico (faz-de-conta/jogo de papéis) como no de regras, estas duas características estão presentes. O que muda é a intensidade e a forma como elas aparecem: no jogo simbólico, o que predomina é a situação imaginária, mas as regras estão presentes, porém de forma implícita; no jogo de regras, o imaginário está presente, mas de forma latente.

Portanto, percebemos que brincar é coisa séria. É o grande desafio para o educador infantil em sua formação lúdica e na construção interdisciplinar do processo aprendizagem, com ênfase a Pedagogia do Afeto, no ambiente-escola.

A definição de perfil e, conseqüentemente, a conceituação do papel a ser assumido pelo educador que orienta os processos de formação na primeira infância, deve necessariamente ser levantada e apoiada a partir da concepção e organização da educação e da atenção à criança em um determinado contexto; essas concepções são evidentes no estabelecimento de políticas, planos e programas voltados à formação das pessoas que atenderão esse grupo populacional (crianças da educação infantil).

Nesse aspecto, a fim de proporcionar um completo sentido do perfil e do papel do educador no campo da educação infantil, e contextualizá-lo a partir dos quadros de referência dos educadores a serem envolvidos nesta pesquisa, considera-se pertinente assumir o ensino como uma prática intercultural e social, como uma ação educativa abrangente onde aspectos políticos são articulados, pedagógico, social e cultural, que requer fundamentação teórica de natureza pedagógica e cujo propósito é o desenvolvimento integral das crianças em uma relação afetiva, e seu reconhecimento como sujeitos sociais imersos em uma cultura.

O educador infantil hoje tem o desafio de acompanhar, orientar e orientar as crianças, promovendo através de sua prática uma mudança cultural que abandona modelos tradicionais de ensino a partir de uma concepção de menino e menina que entende pouco ou nada e onde a aprendizagem é entendida como um acúmulo de conhecimento.

Não é possível que os educadores acompanhem e promovam o desenvolvimento de competências, caso não conheçam as bases conceituais do desenvolvimento infantil e as particularidades das crianças que acompanham, as características do contexto e os propósitos da educação infantil no âmbito das Políticas Públicas.

8. REFERÊNCIAS

ABED, A. L. Z. **O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica**. Construção psicopedagógica, v. 24, n. 25, p. 8–27, 2016.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sérgio. **Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação**. Revista brasileira de Estudos Pedagógicos. v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. Brasília, 2013.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; SOARES, Júlio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. **Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações**. Cadernos de Pesquisa. v. 45. n. 155. p. 57-75. jan./mar., 2015.

BARBOSA, J. J. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1994.

BOSSI, T. J. et al. **Workshops sobre desenvolvimento na primeira infância com profissionais da educação infantil**. Psicologia Escolar e Educacional, v. 21, p. 355–357, ago. 2017.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: **um software gratuito para análise de dados textuais**. Temas em Psicologia, v. 21, n. 2, p. 513–518, dez. 2013.

COUTINHO, F. Â.; GOULART, M. I. M.; PEREIRA, A. F. **Aprendendo a ser afetado: contribuições para a educação em ciências na educação infantil**. Educação em Revista, v. 33, 3 abr. 2017.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre a Alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

GALVÃO, A. C. T.; BRASIL, I. **Desafios do ensino na Educação Infantil: perspectiva de professores**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 61, n. 1, p. 73–83, abr. 2009.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GUIZZO, B. S.; BALDUZZI, L.; LAZZARI, A. **Protagonismo infantil**: um estudo no contexto de instituições dedicadas à educação da primeira infância em Bolonha. *Educar em Revista*, v. 35, p. 271–289, 9 maio 2019.

GULLIFORD, H. et al. **Teaching Coping Skills in the Context of Positive Parenting Within a Preschool Setting**. *Australian Psychologist*, v. 50, n. 3, p. 219–231, 1 jun. 2015.

HÚNGARO, Edson Marcelo. **A questão do método na constituição da teoria social de Marx**. In: SOUZA, J. V; SILVA, M. A; CUNHA, C. (Orgs.) *O método dialético na pesquisa em educação*. Campinas, SP/Brasília-DF: Autores Associados, 2014.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos, 6.ed., São Paulo: Atlas, 2001.

LENS. The Lens - **Free & Open Patent and Scholarly Search**. Disponível em: <<https://www.lens.org/>>. Acesso em: 3 abr. 2022.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978.

MARCHAND, P.; RATINAUD, P. **L'analyse de similitude appliquée aux corpus textuels**: les primaires socialistes pour l'élection présidentielle française (septembre-octobre 2011). *Actes des 11eme Journées internationales d'Analyse statistique des Données Textuelles.*, v. 2012, n. 13, p. 687–699, 2012.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Teses sobre Feuerbach. Editora Moraes. São Paulo, 1984.

METZNER, C.; RAITZ, T.; VANZUITA, A. **Escolha e inserção profissional**: das vivências das(os) acadêmicas(os) às experiências das(os) egressas(os) em Pedagogia (Choice and

professional insertion: from the experiences of academics to the experiences of graduates in pedagogy). *Revista Eletrônica de Educação*, v. 15, p. e4480073, 22 dez. 2021.

MUGNAINI, R. **A bibliometria na exploração de bases de dados: a importância da Lingüística**. *Transinformação*, v. 15, p. 45–52, abr. 2003.

NATIVIDADE, M. R. DA; COUTINHO, M. C. **O trabalho na sociedade contemporânea: os sentidos atribuídos pelas crianças**. *Psicologia & Sociedade*, v. 24, n. 2, p. 430–439, ago. 2012.

NUNES, C. M. F. **Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira**. *Educação & Sociedade*, v. 22, p. 27–42, 2001.

OLIVEIRA, A. et al. **Os sentidos do trabalho para enfermeiras no cotidiano da profissão**. *Nursing (São Paulo)*, v. 25, p. 7120–7133, 18 fev. 2022.

OLIVEIRA, M. K. Vygotsky – **Aprendizagem e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1992.

PEREIRA, M. T. et al. **Possíveis contribuições da educação infantil para o desempenho e a competência social de escolares**. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 15, p. 101–109, jun. 2011.

POLONIA, A. DA C.; SANTOS, M. DE F. S. **Desenvolvimento de competências na perspectiva de docentes de ensino superior: estudo em representações sociais**. *Educação e Pesquisa*, v. 46, 10 ago. 2020.

RAMOS-RODRÍGUEZ, A.-R.; RUÍZ-NAVARRO, J. **Changes in the intellectual structure of strategic management research: a bibliometric study of the Strategic Management Journal, 1980–2000**. *Strategic Management Journal*, v. 25, n. 10, p. 981–1004, out. 2004.

ROSA, A. P. **Atividades Lúdicas: sua Importância na Alfabetização**. Curitiba: Juruá, 1998.

SILVA, R. P. DA; SIQUEIRA, S. F. DE. **Sentidos do trabalho pedagógico na educação infantil em tempos de pandemia**: diálogos entre duas professoras em formação. *Práticas em Educação Infantil*, v. 5, n. 6, 24 nov. 2020.

SOUZA, R. P. DE; MOHN, R. F. F.; SILVA, K. A. C. P. C. DA. **Significados e sentidos do trabalho docente na educação infantil**: reflexões a partir do materialismo histórico-dialético. *Revista Polyphonía*, v. 32, n. 2, p. 255–270, 18 nov. 2021.

TIBOLA, N. G.; RAITZ, T. R.; VANZUITA, A. **Impacto do processo formativo na trajetória laboral de jovens mestrando(as)**: Necessidades de orientação educativa. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, p. 0463–0483, 2 jan. 2022.

TIBOLA, N.; RAITZ, T. **As trajetórias de jovens egressos universitários e sua inserção profissional**. *Conjecturas*, v. 22, p. 132–148, 1 jan. 2022.

TOLFO, S.R.; Piccinini, V. **Sentidos e significados do trabalho**: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia & Sociedade* [online]. 2007, v. 19, n. spe [Acessado 11 Maio 2022] , pp. 38-46. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400007>>. Epub 25 Set 2007. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400007>.

VENANCIO, S. I. **Por que investir na primeira infância?** *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 28, 3 fev. 2020.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WALLON, H. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Estampa, 1992.

GESTÃO DE PESSOAS



A CONTRIBUIÇÃO DO TECNÓLOGO EM RECURSOS HUMANOS NA EMPRESA



Santos, José Olímpio dos Maciel,
Cilene Maria Antunes Carvalho,
Edione Teixeira de Carneiro,
Nilcéia Saldanha Santos,
Elton Castro Rodrigues dos



A CONTRIBUIÇÃO DO TECNÓLOGO EM RECURSOS HUMANOS NA EMPRESA

THE TECHNOLOGIST'S CONTRIBUTION TO HUMAN RESOURCES IN THE COMPANY

Marinho, Ariadne³³

Gonçalves, Thalita Miranda³⁴

Thiago Rafael da Costa Santos³⁵

Gonçalves, Ediliane³⁶

Soares, Maraline Aparecida³⁷

RESUMO

Este artigo tem como objetivo descrever o papel do profissional tecnólogo em Recursos humanos no processo de recrutamento e seleção do capital humano para as organizações. O desenvolvimento do artigo está alinhado a uma abordagem sistêmica do processo de recrutamento e seleção. Além disso, mostra como conclusão uma posição argumentativa do papel desempenhado pelo Recursos humanos em diversos subsistemas de Capital humano, alinhados à estratégia organizacional, alcançando a missão e o escopo da visão. O papel do Profissional em Recursos humanos é transcendental na área de Capital humano. Em muitas organizações ao redor do mundo, o Profissional especializado em Organizacional não só pertence à área de Capital humano, mas também pertence a áreas como planejamento estratégico, marketing, desenvolvimento de marca etc. Isso se deve ao fato de ser um profissional que recomenda que as conquistas do negócio sejam feitas em conjunto com uma equipe de trabalho que trabalha de acordo com a necessidade, e tem de bem-estar e um nível adequado de motivação.

³³ **Dra.** Diretoria Regional de Educação - DRE de Pontes e Lacerda- MT. Brasil

³⁴ **Dra.** Professora na Universidade do Estado de Mato Grosso-Unemat- *Campus* de Pontes e Lacerda – MT- Brasil

³⁵ **Dr.** Instituto Federal Mato Grosso – Campus Oeste. Pontes e Lacerda. MT-Brasil

³⁶ **Dra.** Professora na rede Estadual Ensino - Pontes e Lacerda. MT. Brasil

³⁷ **Dra.** Professora Universidade do Estado de Mato Grosso-Unemat- *Campus* de Pontes e Lacerda – MT- Brasil

Palavras-chave: Capital humano. Recursos humanos. Recrutamento. Seleção.

ABSTRACT

This article aims to describe the role of the technologist professional in Human Resources in the process of recruiting and selecting human capital for organizations. The development of the article is aligned with a systemic approach to the recruitment and selection process. In addition, it shows as a conclusion an argumentative position on the role played by Human Resources in several subsystems of Human Capital, aligned with the organizational strategy, achieving the mission and the scope of the vision. The role of the Human Resources Professional is transcendental in the area of Human Capital. In many organizations around the world, the Organizational Specialist not only belongs to the Human Capital area, but also belongs to areas such as strategic planning, marketing, brand development, etc. This is due to the fact that he is a professional who recommends that business achievements be made in conjunction with a work team that works according to need, and has well-being and an adequate level of motivation.

Keywords: Human capital. Human Resources. Recruitment. Selection.

1. Introdução

Entende-se que toda e qualquer organização depende, em graus diferentes, do trabalho humano para alcançar seus objetivos, e por isso, cada vez mais busca-se proporcionar aos seus empregados um ambiente de trabalho adequado, desenvolver relacionamentos interpessoais, promovendo assim, o seu bem-estar no ambiente organizacional através do trabalho focado em melhorar o clima organizacional. E, todo esse processo se inicia com um planejamento satisfatório do processo de recrutamento e seleção de pessoal.

O estudo do capital humano existe e está relacionado a um fenômeno real e de suma importância, inerente nas relações de interações entre os agentes. Tanto porque as relações econômicas, tal como as próprias organizações, trazem embutidas em suas naturezas uma realidade social na qual ocorrem, de fato, estas relações, o que dá um caráter social à análise dos aglomerados e não limitando o escopo de análise a uma visão

econômica. Diante dessa afirmativa, pergunta-se: como o profissional tecnólogo em recursos humanos contribui de forma efetiva para o processo de recrutamento e seleção?

O objetivo geral desse trabalho foi compreender e demonstrar a importância desse profissional no processo de recrutamento e seleção dentro da perspectiva da recursos humanos. Para tanto, os objetivos específicos propostos foram possíveis em discutir a importância do processo interno e externo de seleção, assim como de recrutamento.

Esta pesquisa é classificada como do tipo qualitativa. Quanto à natureza, classifica-se como resumo de assunto; quanto ao objeto é teórica; quanto aos objetivos é descritiva, com uma abordagem qualitativa. A coleta de dados realizada por meio da leitura e interpretação de textos da bibliografia especializada consultada, compreendendo artigos científicos e periódicos especializados, livros e trabalhos de pós-graduação (teses e dissertações).

2. DESENVOLVIMENTO

Iniciando pelo conceito de gestão Nakagawa (1993) afirma que o termo gestão significa ato de gerir, gerência, administração. Pode-se dizer que gestão é a atividade de se conduzir uma empresa ao atingimento do resultado desejado (eficácia) por ela, apesar das dificuldades. Gerir é um conjunto de ações capazes de direcionar uma organização ao cumprimento da sua missão. Robbins (2007) colabora afirmando que a gestão é o processo de completar eficientemente atividades.

Em relação a seu histórico Braverman (1987) apud Lorentz et al. (2014) liga “a origem da gerência ao início do capitalismo industrial, quando um único empregador (capitalista) passou a agregar e utilizar, em um mesmo espaço, um número significativo de trabalhadores”. Ou seja, antigamente as atividades gerenciais se estabeleciam de forma clara e objetiva, e que estabeleciam relações mais duradoras entre gestores e funcionários por haver maiores oportunidades de criar vínculos mais sólidos.

Contudo, a forma moderna de gestão se baseia na abordagem estratégica que é capacidade da organização integrar as decisões administrativas e operacionais por meio de diretrizes estratégicas. A gestão estratégica para Chiavenato (2010) inicia com uma visão de futuro para a organização e resulta em uma definição clara de sua missão, razão e visão e objetivos a atingir, sendo que estes objetivos não caracterizam uma estratégia e

sim os fins que a organização busca alcançar, enquanto a estratégia é o caminho para atingi-los.

A busca da vantagem competitiva, vista como uma trajetória realista, com altos e baixos é um hábito. Significa agir de forma planejada, avaliada, comparada e integrada, suficientemente flexível para permitir a evolução por meio de mudanças escolhidas, advindas do aprendizado de cada organização (LOPER, 2004). Isso leva à fixação de melhores práticas, tanto no seu ambiente interno quanto externo em harmonia com o ecossistema. Reis e Trout (1996, p.44) afirmam:

Os modelos de gestão, baseados na busca da excelência, evoluíram de abordagens baseadas na atenção a gestão, e têm sido considerados, nos últimos vinte anos, em vários países em todo o mundo, como: referencial para o desenvolvimento da gestão; instrumento de aprendizado organizacional baseado em avaliação e melhoria; e orientação para o reconhecimento de organizações de alto desempenho.

Vê-se assim que a forma que os dirigentes usam para conduzir cada um dos processos e a organização como um todo é o seu modelo de gestão. Ele aglutina logicamente as atividades nas agências de publicidade para levar aos efeitos desejados nos serviços, no atendimento aos clientes, no lucro nas suas diversas formas e na sustentabilidade socioambiental (GONÇALVES, 2010).

Isso vai além dos procedimentos e registros escritos, transformando-se em um modelo mental e em uma ação natural que atende a quatro finalidades: ver as influências dos ambientes interna e externo; promover a participação na tomada de decisões; desenvolver o trabalho a ser realizado; avaliar as atividades para permitir melhorias. Melhores resultados obtidos continuamente, por meio de práticas de gestão esclarecidas, aproximam uma organização da excelência na busca da vantagem competitiva.

Pode-se dizer que o sucesso do desenvolvimento e da implantação de um sistema de gestão de qualidade em uma empresa, depende fortemente e diretamente da participação e envolvimento das pessoas que nela trabalham. Logo, para que um sistema de gestão se estabeleça com qualidade e de maneira eficaz, é fundamental para a

empresa que o sistema de gestão de recursos humanos seja bem estruturado (RICHTER, 2015).

As boas práticas de gestão incluem as pessoas que trabalham nas organizações, nesse sentido, Chiavenato (2004) aponta que a administração de Recursos Humanos é o ramo da administração que envolve as ações que têm como objetivo a integração do trabalhador no contexto da organização. A integração ressaltada pela maioria das organizações é em relação ao aumento da produtividade e dos resultados dos colaboradores, utilizando-se de processos relativo aos Recursos Humanos, que são: recrutamento, seleção, treinamento, desenvolvimento, manutenção, controle e avaliação de pessoas.

Conforme Dutra (2002) o surgimento desta área que objetiva estudar os recursos humanos deve-se em grande parte ao crescimento das organizações, que se tornaram maiores e mais complexas. Tal evolução fez com que as ações do RH ganhassem maior importância no contexto da Administração, mudando a própria denominação, que passou a se chamar Gestão de Pessoas, ou também, Gestão do capital humano.

As pessoas executam suas tarefas nas empresas através das atribuições de um determinado cargo. Em geral quando se almeja saber o que um colaborador faz em uma determinada organização, pergunta-se qual é o cargo que desempenha. Com isso sabe-se o que ela faz e tem-se uma ideia de sua importância e do nível hierárquico que ocupa. Para a organização, o cargo constitui a base de aplicação das pessoas nas tarefas organizacionais. Chiavenato (2004, p. 160) contribui pelo meio da sua definição, apresentando o cargo como “uma composição de todas as atividades desempenhadas por uma pessoa – o ocupante – o que podem ser englobadas em um todo unificado, e que figura em certa posição formal do organograma da empresa”.

A estrutura de cargos é deste modo, dependente do desempenho organizacional em que ela está contida. Os cargos fazem parte integrante da estrutura da empresa. Este condiciona e determina a distribuição, a configuração e o grau de especialização dos cargos (CHIAVENATO, 2004). Este desenho organizacional, para Chiavenato (2004, p. 161), representa “a arquitetura da organização: como os seus órgãos e cargos estão estruturados e distribuídos, quais as relações de comunicação entre eles, como o poder está definido e como as coisas deverão funcionar”.

Na concepção de GIL (2001, p. 67), somente “a partir do momento em que as pessoas passam a desempenhar papéis específicos é que as organizações começam a funcionar”. Por isso, as organizações procuram selecionar seus empregados de tal forma

que passem a cumprir papéis com a máxima eficiência. Para Gil (2001, p.68), as organizações precisam definir com clareza os papéis de cada um de seus empregados.

Definir papéis não é uma tarefa simples, pois, se por um lado eles envolvem aspectos bastante óbvios, como as tarefas confiadas aos empregados, por outro, envolvem aspectos mais sutis, tais como regras sobre o modo de se vestir ou o uso de palavras, cuja assimilação, de modo geral, é feita de maneira informal.

Sveiby (1997) aponta que a ascensão da economia baseada no conhecimento foi atribuída à crescente importância do conhecimento como um importante e intangível recurso para a vantagem competitiva sustentável das empresas. Assim sendo, pode-se afirmar que a gestão de pessoas compreende a forma como as empresas procurar lidar com seus colaboradores, tal abordagem atual leva a um entendimento, conforme Chiavenato (2004), que os profissionais não são mais visto como recursos passivos, mas como seres aptos e proativos, capazes de responsabilidade e de ação, e dotados de capacidades e de conhecimentos que ajudam a gerenciar os demais recursos organizacionais, configurando assim num capital intelectual para as organizações.

Como parte de um esforço para representar o valor do capital intelectual, empreendedores e estudiosos voltaram suas atenções ao desenvolvimento de modelos de mensuração e evidenciação do capital intelectual. Prahalad e Hamel (2000), embora não sejam os primeiros nem os únicos a tratar desse tema, ganharam especial notoriedade, em nível mundial, por analisarem as empresas como organizações em um cenário de competição, em que são possíveis e necessárias diversas escolhas, que convergem, no esforço para a obtenção de vantagens competitivas.

Em paralelo a essas contribuições, as organizações, a partir dos anos 1980, têm empreendido mudanças inovadoras em seus sistemas de gestão de pessoas.

A palavra competência, no fim da Idade Média, era associada à linguagem jurídica e dizia respeito à faculdade atribuída a alguém ou a uma instituição para apreciar e julgar certas questões. Por extensão, o termo passou a designar o reconhecimento social sobre

a capacidade de alguém se pronunciar a respeito de determinado assunto e, mais tarde, passou a ser usado para qualificar o indivíduo capaz de realizar determinado trabalho (BRANDÃO E GUIMARÃES, 2001, p. 16).

Assim, pode-se afirmar que competência é uma palavra do senso comum, utilizada para designar pessoa qualificada para realizar algo.

O conceito de competência começou a ser utilizado na Europa, a partir dos anos 80. Não se trata de um conceito preciso nem é empregado com o mesmo sentido nas várias abordagens. Originado das Ciências da Organização, surgiu num contexto de crise do modelo de organização taylorista e fordista, mundialização da economia, exacerbação da competição nos mercados, exigências de melhoria na qualidade dos produtos e flexibilização dos processos de produção e de trabalho (BRANDÃO e GUIMARÃES, 2001).

O conceito de competência pode ser baseado em três dimensões (conhecimentos, habilidades e atitudes), englobando não só questões técnicas, mas também a cognição e atitudes relacionadas ao trabalho. Nesse caso, a competência diz respeito ao conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes necessários à consecução de determinado propósito.

Hirata (1996, p. 128) afirma que “a noção de competência é oriunda do discurso empresarial francês, no período de 1984-1994, aproximadamente, retomada em seguida por sociólogos e economistas”. Para a autora, trata-se de uma noção ainda bastante imprecisa, decorrente da necessidade de avaliar e classificar novos conhecimentos e habilidades, surgidos a partir das novas exigências de situações concretas de trabalho, associadas a modelos inovadores de produção e gerenciamento, em substituição à noção de qualificação ancorada nos postos de trabalho.

Para Fleury & Fleury (2004), a qualificação é usualmente definida por requisitos associados à posição, ou ao cargo, ou por saberes ou estoque de conhecimentos da pessoa, os quais podem ser classificados e certificados pelo sistema educacional. Diante das situações de trabalho do mundo globalizado e competitivo, cabem aos indivíduos das organizações, segundo Zarifian (2001), a responsabilidade e a iniciativa com relação ao

desenvolvimento de competências capazes de colocá-los frente a frente com as mudanças exigidas pelo mercado e para continuidade da organização.

Para Spender (2001, p. 74), os termos qualificação e competência têm matrizes distintas, em que salienta que:

[...] a qualificação vista como um conjunto de atributos que habilitam alguém ao exercício de uma função se aproxima ao significado de formação do indivíduo. A competência, vista como a soma de conhecimentos e habilidades, está ancorada nos conceitos de capacidade e habilidades.

Segundo Paiva e Melo (2008) possuir competência é superior a capacidade de aplicar conhecimentos e habilidade. Segundo os autores é saber agir e reagir com pertinência; saber combinar recursos e mobilizá-los em um contexto profissional; saber transpor; saber aprender e aprender a aprender, e saber envolver-se.

A psicologia, como a conformação de suas palavras, é o estudo da psique (DARÉ, 2021). No entanto, seu objeto de estudo tem sido abordado a partir de diferentes bordas, nas quais há abordagens muito alinhadas entre si e outras em contraste. O nascimento da Psicologia como ciência remonta a aproximadamente 100 anos, portanto sua origem léxica remonta à época de Sócrates, Aristóteles, René Descartes etc.; no que foi chamado preliminarmente de ciência da alma ou também chamado de "O Psicológico", para mais tarde existir várias abordagens de desenvolvimento sobre sua gênese disciplinar (SILVA, 2021).

Trata-se, portanto, de uma ciência com métodos próprios, experimentos, ferramentas confiáveis, práticas científicas, livros, textos, artigos e pesquisas permanentes que são atualizadas todos os dias. Consequentemente, essa ciência gera profissionais em escala global que possuem uma organização sólida conhecida como a Associação Americana de Psicologia (APA), que tem como principal função o desenvolvimento e o progresso da Psicologia como ciência e profissão, promovendo saúde, educação e bem-estar humano (MONTEIRO; MOURÃO, 2017).

A Recursos humanos é uma subdivisão da Psicologia, que tem sua origem em meados do século XIX, período em que foi destacada a importância da relação entre as diferenças individuais e o sucesso do desempenho de uma determinada tarefa (ZANELLI,

2017). As contribuições sobre a inteligência de Binet na França, Scott sobre Psicologia na publicidade e Munsterberg com seus estudos sobre traços psicológicos em diretores da empresa, foram contribuições fundamentais no início deste tipo de psicologia aplicada (GASPAR, 2017).

No entanto, foi na Primeira Guerra Mundial que a Psicologia Industrial atingiu um nível relevante através de seus processos técnicos; indo para um problema que tinha surgido nas frentes militares. O problema era que os homens eram facilmente recrutados, mas não podiam ser transformados em soldados. Diante dessa situação, os profissionais da época tiveram a oportunidade de implementar processos seletivos e de formação que vinham atuando nas indústrias, por meio de testes e trabalho em grupo (MONTEIRO; MOURÃO, 2017).

Os profissionais organizacionais, como outros ramos da Psicologia, abordam questões relacionadas a problemas sociais e individuais. No entanto, a área de atenção dessa Psicologia está no contexto de campo e trabalho, ou seja, atende aos fenômenos (causa e efeito) que os indivíduos apresentam em sua relação com o trabalho (RAMOS; COSTA; FEITOSA, 2017).

Toda organização ou empresa é um sistema. Com base na teoria dos sistemas, entende-se que as organizações são dinâmicas, que seus modelos estão abertos e que cada sistema é composto por subsistemas (CHIAVENATO, 2021). Esses subsistemas formam o todo e operam de forma complexa com interação interna e externa. Em outras palavras, os departamentos de uma organização não trabalham isoladamente para o progresso departamental sozinhos. Aplicando o ponto de vista sistêmico, todos os departamentos de uma organização trabalham de forma interação entre si, uma vez que os resultados de um afetam o outro e vice-versa (MASCARENHAS, 2020).

Existem organizações que gerenciam um padrão de informalidade diante de seus ambientes externos e internos, ou seja, não possuem uma gestão administrativa correta, nem uma gestão adequada do Capital humano; isso se deve à continuidade de um modelo mecanicista de Administração (CHIAVENATO, 2021). É por isso que a Recursos humanos é a favor da criação e monitoramento de um modelo formal de gestão empresarial no qual se entende que o crescimento dos negócios proporciona resultados econômicos favoráveis e que o cumprimento dos objetivos da organização é consequência de sua adequada gestão organizacional que inclui um elemento-chave, este é o seu pessoal (MASCARENHAS, 2020). Por essa razão, a organização deve ter um Capital humano adequado.

De fato, para o cumprimento das metas organizacionais é necessário que os departamentos de Recursos Humanos subdividam seus processos, é claro, dependendo da magnitude e características da empresa. Uma divisão da área de recursos humanos em subsistemas, permite sua melhor realização de objetivos, por isso é aconselhável para uma organização em que este departamento seja subdividido: Recrutamento e Seleção, Treinamento e Desenvolvimento, Administração de Pessoal, Saúde e Segurança Do Trabalho, Remuneração e Benefícios Sociais, a fim de ter uma posição menos operacional e mais estratégica (CHIAVENATO, 2021).

O recrutamento é a abertura de qualquer processo seletivo. Por isso, para sua realização é preciso ter o perfil do cargo, o orçamento financeiro da empresa, a necessidade da área requerente etc. (COSTA; MORAES, 2018).

Por outro lado, o processo de recrutamento também pode ser referido como uma atividade de convite positiva realizada pela área de recursos humanos para atrair o pessoal possível e potencial que faz parte de suas fileiras. O recrutamento também pode ser feito com a própria equipe da organização, isso é chamado de recrutamento interno, que está relacionado à promoção interna do trabalho (COSTA; MORAES, 2018).

De fato, o impacto dos processos de recrutamento na área de recursos humanos é bem conhecido, por isso, é importante que os Profissionais Organizacionais por meio das ferramentas que lhes foram fornecidas em sua formação acadêmica e experimental, façam alianças estratégicas com centros educacionais ou formação especializada, que tenham carreiras relacionadas à virada do negócio da organização à qual pertencem, uma vez que isso permitirá obter um número considerável de informações de pessoas qualificadas (BRUSTOLIN; ZARDO, 2018).

Além disso, outra forma de selecionar pessoal é o estabelecimento de relações com empresas dedicadas à recrutamento e seleção, que são organizações dedicadas de forma particular à busca de pessoal, porém isso se aplica mais à seleção de cargos hierárquicos e/ou críticos (SILVA; BRAVIN, 2018).

Por fim, para um processo seletivo adequado, o uso de Tecnologias da Informação desempenha um papel preponderante, uma vez que permitem um nível adequado de comunicação em que as informações podem ser dadas a potenciais candidatos sobre as características do trabalho e a organização a que apontam (BRUSTOLIN; ZARDO, 2018) .

O processo de recrutamento e seleção envolve em seguida o treinamento de pessoal que é considerado como uma estratégia da organização para o desenvolvimento de seus colaboradores e da organização como tal, ou seja, é um desenvolvimento duplo.

O papel da área de recursos humanos no processo de formação é essencial, pois é a área da empresa que deve atuar como elo entre o treinamento e o colaborador (GASPAR, 2017).

Portanto, uma das funções do Recursos humanos nesta seção é realizar uma ampla gama de atividades que permitam a realização desse processo; atividades que vão desde a realização de diagnósticos de necessidades de treinamento, logística de eventos de treinamento que permitam a adequada assimilação do conhecimento, análise de fornecedores de treinamento, até reuniões com gestores para identificar questões que estão na vanguarda dos departamentos da organização (ARAUJO; ABBAD; FREITAS, 2017).

Esse processo é fundamental na gestão do Capital humano, pois dessa forma a equipe obtém informações da organização, do ponto de vista geral e de um ponto de vista específico sobre o trabalho. Um exemplo disso são os treinamentos sobre a socialização da história da empresa, a missão, a visão, a estratégia, a segurança e a saúde no trabalho etc. (ARAUJO; ABBAD; FREITAS, 2017)

Depois disso, começa com a fase específica de formação do cargo, em alguns dos casos chamados de indução específica, nesta fase fica evidente a existência de um nível atual de conhecimento versus um nível de último conhecimento, isso é chamado de curva de aprendizagem, que na verdade apresenta um tempo relativo de assimilação e depende do sujeito contratado e do cargo que ocupa. Assim, a importância da formação reside em ser orientado para uma transferência de conhecimento através de processos, recursos ou pessoas e não apenas para o cumprimento de horas (ROTHMANN, 2017).

Com essa base de informações, a OMS considera o fator social como o ambiente em que o indivíduo atua. Por outro lado, trabalhar em uma pessoa exige um certo tempo, por isso, as pessoas são expostas a estados de saúde em suas organizações. Consequentemente, os riscos psicossociais fazem parte do aspecto da saúde, especificamente da seção saúde ocupacional ou saúde ocupacional, pois são fatores ligados às condições de trabalho (ROTHMANN, 2017)

Estudos realizados por ciências como Psicologia e Sociologia têm contribuído para a gestão humanística do tema no ambiente de trabalho, portanto alguns estudos tiveram que ser agrupados para analisar o tema do ponto de vista integral em que a saúde no trabalho está relacionada às políticas organizacionais, à prática trabalhista, às características da organização e às relações sociais (BRUSTOLIN; ZARDO, 2018).

A saúde ocupacional tem como objetivos fundamentais a prevenção de doenças ocupacionais, a promoção da saúde no ambiente de trabalho e o bem-estar em relação ao local de trabalho, porém, para que esses objetivos se tornem alcançáveis é necessário que a organização seja direcionada à prevenção por meio da saúde ocupacional; parte desse encaminhamento é a adequação das condições de trabalho, pois isso tem um impacto significativo na saúde mental e física dos trabalhadores; portanto, a importância dos diagnósticos de fatores de saúde ocupacional, condições físicas de trabalho e fatores psicossociais, realizados pelas áreas de talentos humanos nas organizações (CARLOTTO et al., 2017; ZANELLI, 2017).

Em países mais industrializados, onde a tecnologia e a ciência estão avançando de forma impressionante, o avanço da Segurança e Saúde Ocupacional como um dos eixos de gestão do departamento de pessoal é bem conhecido; em que a evidência é a diminuição de lesões e doenças devido ao trabalho (CHIAVENATO, 2021).

Seguindo essa linha de ideias, pesquisas relacionadas à saúde dos trabalhadores, cada vez mais apresentam evidências de que as condições de trabalho podem afetar a satisfação e a deterioração da saúde física e mental dos sujeitos que realizam a atividade laboral (CARLOTTO et al., 2017).

Em suma, há uma quantidade considerável de informações sobre as funções desempenhadas pelos profissionais da área de Capital humano, e embora existam diversos temas relacionados às suas funções, tais como: avaliação de desempenho, remuneração, salário emocional, equilíbrio do tempo de trabalho versus tempo pessoal e satisfação no trabalho, foram selecionados os subsistemas que envolvem as funções mais utilizadas pelos profissionais em Recursos humanos.

A revisão da literatura mostra a transformação do foco que a área de recursos humanos teve ao longo dos anos; desde seus primórdios com uma orientação ligada ao controle e à disciplina; até o presente com uma postura estratégica, alinhada à missão da organização (ARAUJO; ABBAD; FREITAS, 2017; BRUSTOLIN; ZARDO, 2018; CARLOTTO et al., 2017). Por essa razão, os processos de gestão de recursos humanos exigem planejamento estratégico; além disso, ter profissionais qualificados para a realização de objetivos (GASPAR, 2017; RAMOS; COSTA; FEITOSA, 2017; ROTHMANN, 2017).

Esse planejamento refere-se à subdivisão estratégica da área de talentos humanos; por isso, destaca-se a recomendação de ter seis subsistemas, uma vez que isso permite o fluxo dos processos de forma ideal; claro, de acordo com as características

da organização. Por outro lado, a abordagem de três deles trabalhada pelo profissional de Recursos humanos, não representa um critério de hierarquia, uma vez que todos os subsistemas estão alinhados à estratégia organizacional (GASPAR, 2017).

Quanto ao profissional de Recursos humanos, isso deve ter um papel de liderança na gestão do recrutamento e seleção, uma vez que é importante que tenha bases sólidas em testes psicotécnicos, entrevistas, TICS, gestão do tempo e, sobretudo, implementar um planejamento estratégico com habilidades analíticas adequadas (BRUSTOLIN; ZARDO, 2018).

Além disso, um dos fatores que mais se destaca na seleção é o perfil da posição, uma vez que isso é elementar no processo e pode ser comparado ao molde ou bússola que orienta a busca pelo novo colaborador, porém às vezes estes não são delimitados com todas as características que são necessárias ou não são atualizadas, portanto a gestão da área de recursos humanos e os profissionais que o compõem é aconselhar o cliente interno e sempre se manter atualizado com os temas de vanguarda da área, uma vez que isso permitirá que você tenha uma vantagem competitiva (SANTOS; LIMA, 2018).

No que diz respeito ao processo de formação, a formação do Recursos humanos permite que ele exerça funções que envolvam uma análise mais criteriosa, como a análise das lacunas de conhecimento devido às formações recebidas, certificações de pessoal especializados, identificação de pessoal com alto potencial para ocupação de cargos futuros, ligação entre as adaptações de habilidades técnicas e comportamentais, mediação do processo de treinamento do pessoal que ocupará cargos futuros, identificando e aconselhando o backup de cada área, estabelecendo opções de treinamento para pessoas, definindo medidas corretivas sobre os efeitos da formação, analisando orçamentos de treinamento, verificando o retorno sobre o investimento de treinamento, inspeção de centros de treinamento, elaboração de planos de carreira, planos de retenção de talentos humanos, análise e preparação de sucessores; e algo elementar para relacionar o planejamento estratégico da organização com o treinamento (BRUSTOLIN; ZARDO, 2018; ROTHMANN, 2017).

Quanto à Segurança e Saúde Ocupacional, o profissional de Recursos humanos, por sua formação, desempenha um papel elementar na avaliação dos riscos psicossociais relacionados à saúde do trabalhador, uma vez que é aquele que por sua expertise na gestão de instrumentos de medição pode dar uma abordagem real da situação apresentada por uma determinada organização, por isso é muito importante obter indicadores e características que permitam evidenciar o fenômeno; por exemplo, em

outros setores do mundo concluiu-se que algumas condições de trabalho, como o trabalho de turno, são fonte de risco nos sujeitos que o praticam. Consequentemente, o trabalho de turno proporciona complicações aos ritmos circadianos que afetam tudo isso ao desempenho cognitivo do indivíduo (CARLOTTO et al., 2017).

3. Conclusão

Desde as origens da Psicologia Científica e sua passagem pelo desenvolvimento da Recursos humanos, é evidente que os profissionais dessa especialidade têm demonstrado um grande apego aos processos de trabalho, mas intimamente relacionados à implantação do talento dos sujeitos que realizam a atividade laboral. É por isso que essa relação entre trabalho e sujeito se tornou melhorias significativas para algumas organizações.

O papel preponderante do profissional tecnólogo em Recursos humanos vai além de ser um executor de processos, um oficial operacional e/ou um consultor; o papel do profissional em Recursos humanos é ser aliado com características estratégicas de análise, melhoria e controle contínuos, focados no desenvolvimento organizacional; uma vez que os processos de globalização, que ocorrem permanentemente, condicionam os diferentes tipos de trabalho das pessoas e do profissional organizacional devem tentar ajustar ao mínimo a lacuna entre a cultura e o clima organizacional. Seu papel não é fixo, na verdade é vulnerável a mudanças como muitas profissões no mundo.

Nas malhas acadêmicas de formação e nas novas necessidades organizacionais da globalização atual, é de extrema importância que os profissionais da Recursos humanos permaneçam na vanguarda dos esforços que existem no nível da mesma Recursos humanos e da gestão do Capital humano, exemplos deles são os múltiplos avanços nos processos seletivos, treinamentos, alianças estratégicas e crescimentos organizacionais através de uma gestão adequada por competências.

Essas informações coletadas servem como referência da atividade do Recursos humanos na gestão do Capital humano, porém há limitações como a falta de informações mais específicas em revistas científicas de alto impacto, a falta de acessibilidade a revistas internacionais, poucos estudos empíricos sobre a satisfação dos trabalhadores em relação ao impacto da área de recursos humanos. Por isso, para o reforço de futuras pesquisas sobre as atividades da profissão e a gestão do Capital humano, sugere-se aprofundar o tema por meio de estudos empíricos e não apenas bibliográficos; o que

ajudará na compreensão dos fenômenos que ocorrem nos demais subsistemas do Capital humano.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, M. C. DOS S. Q. DE; ABBAD, G. DA S.; FREITAS, T. R. DE. **Avaliação qualitativa de treinamento**. Revista Psicologia Organizações e Trabalho, v. 17, n. 3, p. 171–179, set. 2017.

BRUSTOLIN, K. S.; ZARDO, D. J. Recursos humanos em Startups: **um novo contexto de atuação**. Seminário de Iniciação Científica e Seminário Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão, 28 ago. 2018.

CARLOTTO, M. S. et al. **Psicologia da saúde ocupacional**: uma revisão integrativa. ALETHEIA, v. 50, n. 1 e 2, 2017.

CHIAVENATO, I. **Comportamento Organizacional: A Dinâmica do Sucesso das Organizações**. 4ª edição ed. [s.l.] Atlas, 2021.

COSTA, J. L.; MORAES, R. R. **Recursos humanos**: recrutamento e seleção na empresa amazon cook (refeições coletivas). Revista de Administração e Contabilidade - RAC, v. 5, n. 9, p. 33–43, 10 jun. 2018.

DARÉ, P. S. **A psicologia analítica e a habitação**: interfaces entre a psique e a moradia. Revista ARA, v. 10, n. 10, p. 215–229, 20 fev. 2021.

GASPAR, A. DOS S. **Considerações sobre a formação e a atuação em testagem e avaliação psicológica no contexto organizacional e do trabalho em São Luis - MA**. Revista da Universidade Federal do Maranhão, 18 jul. 2017.

GONÇALVES, Júlio Iglesias. **Estudo do mercado publicitário de Caruaru**. FAVIP. Trabalho de Conclusão de Curso (Publicidade e Propaganda). Faculdade do Vale do Ipojuca, 2010.

MASCARENHAS, A. O. **Gestão estratégica de pessoas: Evolução, teoria e crítica**. Salvador: Cengage Learning, 2020.

MONTEIRO, A. C. F.; MOURÃO, L. **Desenvolvimento profissional**: a produção científica nacional e estrangeira. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, v. 17, n. 1, p. 39–45, mar. 2017.

NAKAGAWA, Masayuki. **Gestão estratégica de custos: conceito, sistemas e implementação**. São Paulo: Atlas, 1993.

RAMOS, C. C.; COSTA, T. D.; FEITOSA, I. O. **Mapeamento de incoerências entre competências estabelecidas na formação do recursos humanos e as requeridas pelo mercado de trabalho**. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, v. 17, n. 2, p. 114–120, jun. 2017.

ROTHMANN, I. **Fundamentos de Recursos humanos e do Trabalho**. Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2017.

SANTOS, S. S.; LIMA, T. B. DE. **A relação da tecnologia com o processo de recrutamento e seleção de pessoal a partir da visão de gestores de três hotéis de João Pessoa**, Paraíba/PB, Brasil. *Turismo e Sociedade*, v. 11, n. 2, 29 dez. 2018.

SILVA, J. M.; BRAVIN, A. A. **Resenha: Análise de Cargo, Recrutamento e Seleção: Manual Prático para Aumentar a Eficácia na Contratação de Profissionais**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 34, 7 jun. 2018.

ZANELLI, J. C. **Resenha - em defesa da atuação do profissional, profissional**. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, v. 17, n. 4, p. 279–280, dez. 2017.

Formação Acadêmica



A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS PARA ATUAR EM FACULDADES

Santos, José Olímpio dos Maciel,
Cilene Maria Antunes Carvalho,
Edione Teixeira de Carneiro,
Nílceia Saldanha Santos,
Elton Castro Rodrigues dos



FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS PARA ATUAR EM FACULDADES

Santos, José Olímpio dos³⁸

Maciel, Cilene Maria Antunes³⁹

Carvalho, Edione Teixeira de⁴⁰

Carneiro, Nilcéia Saldanha⁴¹

Santos, Elton Castro Rodrigues dos⁴²

RESUMO

Com a introdução de tecnologias de informação e comunicação (TIC), outras formas de ensino com recursos de mídia têm sido adotadas nos cursos tecnológicos em administração. O atual desenvolvimento internacional do uso e da aplicação econômica das TIC levou a uma série de conceitos nos resultados sociais do uso dessa tecnologia. Muitos termos surgiram, alguns com nuances de marketing, tecnologias cada vez mais aprimoradas para a logística, dentre outras, tornam necessário que os cursos tecnológicos e profissionalizantes em administração façam uso das tecnologias como recursos didáticos. É fundamental que, no contexto desses cursos, essas funções ultrapassem os limites da definição formal, redefinindo e articulando funções que se consubstanciem em práticas pedagógicas compromissadas. A função do ensino-aprendizagem não pode ser confundida com o repasse e cobrança de conteúdo. Buscando verificar como as tecnologias de informação e comunicação auxiliam na formação tecnológica e profissionalizante, esse estudo, por intermédio de uma revisão bibliográfica concluiu que a elaboração de conteúdos virtuais interativos e visualmente adequados ao estudo de algumas metodologias educacionais, e as tecnologias condizentes aos seus objetivos possibilitou o fornecimento de apoio significativo para uma aprendizagem personalizada dos participantes da utilização dos ambientes fornecidos pelo objeto de aprendizagem, promovendo um espaço colaborativo para a reflexão docente.

³⁸ **Dr.** Faculdade do Centro Educacional Interdisciplinar do Brasil. Faceib- Cuiabá-MT-Brasil

³⁹ **Pós- Doutora.** Professora na Universidade de Cuiabá – UNIC-MT- Brasil

⁴⁰ **Dra.** Professora do Instituto Federal de Rondônia - IFRO, *Campus* Cacoal- RO –Brasil.

⁴¹ **Dra.** Coordenadora Pedagógica na rede Estadual de Ensino– Figueirópolis D'Oeste- MT- Brasil

⁴² **Dr.** Faculdade do Centro Educacional Interdisciplinar do Brasil. Faceib- Brasil

Palavras-chave: Ensino superior. Aprendizagem. Tecnologias de informação e comunicação.

1. Introdução

A grande inovação trazida pelo uso das TDICs ocorre pela isenção de metodologias ativas de aprendizagem, ou seja, valorização do indivíduo no próprio processo de ensino-aprendizagem, no qual ele passa a ter maior envolvimento (STRINI et al., 2020), atuando de maneira efetiva na construção do próprio conhecimento.

Nesse sentido, ainda se observa o estímulo à liberdade individual e ao trabalho em equipe (FEUERWERKER; SENA, 2002) o que sugere uma aprendizagem considerável, não somente em um contexto que remete à memorização de conteúdos transmitidos pelo educador, mas que permite a consolidação dos saberes de maneira mais efetiva (NETO, 2006).

E é nesse contexto e visando contribuir para a pesquisa voltada ao ensino tecnológico e profissionalizante que este estudo se insere. É importante reiterar que a aprendizagem significativa se caracteriza pela interação entre conhecimentos prévios e conhecimentos novos, e que essa interação é não literal e não arbitrária. Nesse processo, os novos conhecimentos adquirem significado para o sujeito e os conhecimentos prévios adquirem novos significados ou maior estabilidade cognitiva (Moreira, 2021).

A presente pesquisa se caracteriza como exploratória. Quanto aos meios de investigação, será utilizado nesta pesquisa o modelo bibliográfico. Pesquisa bibliográfica realizada nas plataformas SCIELO.

2. Revisão de literatura

1.1 O PERCURSO TEÓRICO E CONCEITUAL DO ENSINO SUPERIOR

Inicialmente adota-se o conceito de educação inspirada em princípios jurídicos e morais que se respalda na humanização do processo de formação do estudante universitário. Trata-se do processo que se realiza com base num diálogo necessário com o Direito e a Moral, na visão de Foucault, tomando dessas áreas os recursos a serem incluídos nesse processo (SILVA; SILVA, 2016). Inicialmente verifica-se que a educação superior forma

um veículo que nos permite difundir valores e projetar a convivência social. Nesse ponto, verifica-se que a formação em nível superior pode ser uma condição para a erradicação da desigualdade social, pois o acesso à Educação dá direito a ter direitos, a ter oportunidades de inserção social.

Um indivíduo sem direito à educação é um potencial adulto marginalizado e excluído da sociedade. A desigualdade engendra incerteza. Assim, numa sociedade desigual o relacionamento entre os cidadãos para o desfrute dos bens coletivos é não equitativo, pois os mais agraciados economicamente, aqueles, cujas famílias podem pagar seus estudos, desfrutam muito mais dos bens comuns, tais como, acesso às Universidades, à cultura, à saúde, à segurança etc. Logo, os mais ricos podem desfrutar de maiores privilégios, surgindo assim um comportamento oportunista. Oportunismo é um comportamento definido pela procura de interesses pessoais com astúcia, é uma escolha adversa, um risco à moral (BORGES, 2015).

A Educação há de ser um veículo que permita a concretização da dignidade dos indivíduos salvaguardando a humanização, em última instância, da concretização da democracia, da inclusão social e da Cidadania. A Cidadania, ensina Dallari que:

expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social (DALLARI, 1995, p. 1).

Vê-se, assim, a Educação como um instrumento decisivo para desenvolvimento da Cidadania, por meio da qual também se justifica a democracia. Contudo, o acesso à Educação há de ser garantido pelo Estado por ser um direito de todos e para todos. Ela “efetiva-se como mediação para a construção dessa condição de cidadania e de democracia, contribuindo para a integração dos homens no tríplice universo do trabalho, da simbolização subjetiva e das relações políticas “ (SERRANO, 2018, p. 1)

Por meio da Educação se perfaz o caminho para a conscientização do ser humano, pois, por meio dela a sociedade será capaz de desenvolver um espírito crítico do cidadão, minimizando-se, assim, a ignorância e a “cegueira social”. Resta-nos ainda cuidar da correlação entre Educação e liberdade que passarei agora a examinar. Não há liberdade sem Educação.

Ambos, Educação e liberdade são direitos e não prerrogativas que acompanham o homem pela sua natureza de homem. liberdade é um direito porque o homem tem o dever de desenvolver sua atividade tão plenamente quanto possível, uma vez que a sua atividade individual é fator essencial da solidariedade (DURKHEIM, 2014).

Logo, o homem não será livre sem uma Educação que lhe permita desempenhar livremente seu papel social. É, nesse sentido que a Educação deve ser compreendida: como um direito resultante e necessário à evolução e à integração social do ser humano. A Educação que não prepara o ser humano condiciona a não cidadania, é movida pelo egoísmo, a falta de responsabilidade do Estado, a falta de cooperação entre a escola, a família e a comunidade (GOLDEMBERG, 1993).

Daí a necessidade de ações combinadas, a saber: a) um novo modelo com uma nova metodologia; b) projetos e programas que objetivem a implementação desse modelo e; c) instituições que apoiem e promovam esse novo modelo. Falamos, assim, do direito a uma Educação que é condição da Cidadania e, também da Liberdade. A cidadania que pressupõe direitos e obrigações cidadãos. Nesse sentido considera-se que a cidadania:

credencia o cidadão a atuar na vida efetiva do Estado como partícipe da sociedade política. O cidadão passa a ser pessoa integrada na vida estatal. A cidadania transforma o indivíduo em elemento integrante do Estado, na medida em que o legitima como sujeito político, reconhecendo o exercício de direitos em face do Estado. É de extrema relevância o aperfeiçoamento dos meios e instrumentos visando ao justo e profícuo relacionamento entre Estado e cidadão. A pessoa natural se relaciona com a sociedade política, que chamamos de Estado. Cidadania, por isso, pode ser definida como estatuto que rege, de um lado, o respeito e a obediência que o cidadão deve ao Estado e, de outro lado, a proteção e os serviços que o Estado deve dispensar, pelos seus meios possíveis, ao cidadão (JÚNIOR, 2018, p. 241).

Assim, ser cidadão é ter Liberdades com responsabilidade e a possibilidade de participar da administração da coisa pública: ter direito a participar dos processos de produção,

distribuição, intercambio e consumo. Todavia, a Cidadania implica Democracia e Liberdade. Eis que:

O ideal democrático supõe cidadãos atentos à evolução da coisa pública, informados dos acontecimentos políticos, à corrente dos principais problemas, capazes de escolher entre diversas alternativas apresentadas pelas forças políticas e fortemente interessadas em formas diretas ou indiretas de participação. No Estado Democrático os direitos humanos são reconhecidos a todos. O cidadão é aquele que participa da dinâmica estatal, sendo que atua para conquistar, preservar ou proteger seus direitos. A cidadania é esse efetivo exercício político. A cidadania é o ápice dos direitos fundamentais quando o ser humano se transforma em ser político no sentido amplo do termo, participando ativamente da sociedade em que está inserido. A cidadania é o ápice das possibilidades do agir individual, ou seja, liberdade (JÚNIOR, 2018, p. 241).

Em verdade, o ensino superior, nos moldes apresentado por Foucault é condição da Cidadania, da Democracia, da Liberdade e de outros tantos valores, a saber, paz, respeito, desenvolvimento etc., que propiciam o bem-estar social, separando o que é bem individual do que é bem coletivo. Dizemos então que, se o bem-estar compreende tudo que é desejável por um indivíduo, a segurança, a não violência, o desenvolvimento, a convivência, a vida etc. são questões também desejáveis pela sociedade. Conclui-se, assim, que o bem-estar social é um “bem comum”, o bem almejado pela sociedade em geral, expresso sob a forma de satisfação das necessidades comunitárias.

Nele se incluem as exigências materiais e espirituais dos indivíduos coletivamente considerados; são as necessidades vitais da comunidade, dos grupos, das classes que compõem a sociedade. O bem-estar social é o escopo da justiça social, prescrito na Constituição Federal (art. 170) (MEIRELLES, 2003, p. 159), que só pode ser alcançado por meio de uma Educação e do respeito ao “Direito à Educação”. Para propiciar esse bem-estar social precisa-se de um Estado orientador e incentivador de um modelo educacional de avançada.

A Educação é um direito natural decorrente da convivência social. Assim sendo, ela, conforme a sua dimensão valorativa, tem um sentido humanista, sendo a sua missão a edificação dos “valores” essenciais, últimos e finais que balizam a convivência social. Mas, quais valores devem ser privilegiados? Que tenho a dizer? A Educação fundada em valores há de cultivar o bom caráter e “afirmar uma concepção de vida boa, mesmo correndo-se o risco de impor a alguns indivíduos os valores de outros”(SANDEL; LIBANIO, 2020, p. 36–37), indicando-se assim o que é certo e o que é errado. Mas, afinal, o que é certo e o que é errado? É difícil responder essa pergunta.

Mas, se admitir que se o que é bom para um envolve refletir sobre o que é bom para a comunidade na qual este convive, torna-se incontestável a tese de que a reflexão sobre o que é certo e errado inclui, também, a deliberação sobre o que é bom para a sociedade. Assim, deve-se procurar entender o que é certo para um em relação aos outros. A resposta para essa indagação está no sentido da nossa reflexão moral, aquele que nos permite ir e vir do mundo das ações para o mundo da razão.

Essa reflexão (deliberação) moral, segundo Sandel, (2020) tem mais a ver com a interpretação da história da minha vida do que com o exercício da minha vontade. Ela envolve escolha, mas a escolha resulta da interpretação; ela não é um ato soberano de vontade: jamais poderei buscar o bem apenas como indivíduo. Eis, que o aspecto teleológico da reflexão (deliberação) moral está ligada à condição de membro pertencente ao grupo do qual faço parte. Por tanto, o que for bom para mim deve ser bom para alguém que pertence ao grupo no qual convivo.

Certamente, para fazer uso adequado da liberdade de escolha, explica Bauman (2013, p. 27), precisamos estar conscientes do leque de possibilidades que oferece a convivência, do momento histórico em que temos de agir e do conjunto de ações alternativas que devemos escolher. E aqui radica a chamada fé em valores, aquela que nos possibilita melhorar as relações humanas. A resposta é que a reflexão moral não é uma busca individual e sim coletiva. Ela requer um interlocutor – um amigo, um vizinho, um camarada, um compatriota.

Às vezes o interlocutor pode ser imaginário, como quando discutimos com nossa consciência. Não podemos descobrir o significado dos valores, e mais propriamente da justiça apenas por meio da introspecção (SANDEL, 2009).

Com efeito, cada sociedade alimenta certo ideal de ser humano que finalmente se constitui como o polo da Educação. Nesse sentido, a Educação, do ponto de vista valorativo, pode ser vista como o meio pelo qual ela prepara no coração do ser humano

as condições essenciais de sua própria existência. É justamente a existência desse ideal que cada tipo de povo possui o que torna uma Educação própria e, por meio da qual se define a sua organização moral, política e religiosa. Assim, por meio da Educação se busca criar homens conforme ao tipo ideal de homem ao qual a civilização aspira. Criar homens para uma nação é também criar homens para a humanidade. Observa-se que existem civilizações que preferem incitar o educador a elevar a pátria acima de tudo, outras incita a subordinar os fins nacionais ou religiosos aos humanos (DURKHEIM, 2014). Esses fins, dos quais Durkheim nos fala, seriam definidos num sistema de valores primários (e universais) e secundários (ou particulares) que a própria sociedade espera realizar. Surge, assim, o problema de se determinar quais são esses valores que orientam o convívio social e como a Educação pode-se usar desses construtos no processo de formação do aspecto físico, moral e intelectual do ser humano.

Ora, se reconhecer a existência de valores universais, é preciso aceitar que existe uma responsabilidade, também universal, que tem como razão a exigência do respeito desses valores. Nesse ponto julgamos conveniente observar que, como ser social, herdamos da nossa família, da cidade, da nação e da humanidade uma série de deveres, tradições, expectativas e valores que constituem o que nos foi dado na vida, nosso ponto de partida moral, que justifica as nossas obrigações (SANDEL, 2009).

Outros grupos de valores históricos são considerados resultado das conquistas obtidas pelas revoluções e lutas de classes sociais, historicamente inspiradores dos regimes políticos e dos sistemas e ordem jurídicas, a saber: a) igualdade; b) liberdade; c) fraternidade; d) solidariedade etc. É com base nesses valores, por exemplo, que somos impelidos à Defesa do Meio Ambiente, à Tutela das Relações Jurídicas: contratuais e consumeristas, à Proteção da Mulher, dos Menores, dos Idosos, do Trabalhador etc.

Segundo esse ponto de vista, por exemplo, surgem os debates sobre Desenvolvimento, Bem-estar Social, Inclusão Social, Justiça Social, entre outros importantes temas.

Parece acertado dizer que, a Educação depende desses valores e se organiza, fundamentalmente, a partir de um valor primário (Vida) cuja preservação define a responsabilidade universal, estreitamente relacionada aos valores secundários (ou subordinados) que definem a responsabilidade solidária. Nessa correlação, a responsabilidade solidária só se torna censurável se nos levarem a violar os direitos que definem a responsabilidade universal.

A Vida (vida humana) é o valor universal e fundamental do qual depende a existência do homem (a pessoa). A Vida é um valor vital: nascer vivo é condição da personalidade. A

Vida em Sociedade (Convivência Social Condicionada) é condição intermediária e indispensável para o desenvolvimento do homem, pois o ser humano não se realiza vivendo isoladamente, sem contato com seus semelhantes.

Vê-se, igualmente, a Educação como um veículo para a edificação do respeito, da obediência, da responsabilidade, da tolerância, da cooperação, da solidariedade, da honestidade etc. possibilitando, assim, a convivência social. Em síntese: por trás do “Direito à Educação” encontramos o fundamento de um Estado Democrático. Diz-se de um direito que assegura e permite criar a base para o exercício dos direitos sociais e individuais, da liberdade, da segurança, do bem-estar, do desenvolvimento, da igualdade e da justiça, valores qualificados de supremos e próprios da sociedade fraterna, pluralista e sem preconceito, uma sociedade que se funda na harmonia social. Eis o ideal almejado e contido no Preâmbulo da nossa Carta Magna, isto é, na Constituição da República Federativa Brasileira.

A educação tem sido um tema amplamente debatido na sociedade brasileira nos últimos anos. Desde a constituinte de 1988, passando pelas articulações em torno de uma LDB. Quem tem como meta nortear a educação para novos caminhos do ensino aprendizagem e no setor administrativo.

Segundo Aranha (2006) a educação brasileira, com isso, vivenciou uma grande ruptura histórica. Foi quanto a catequese se revelou o maior conflito com os colonos. Para os jesuítas tanto tinha importância a conversão das almas quanto a utilização econômica daquela mão-de-obra disponível; ao passo que aos colonos não interessava mais que a exploração da força de trabalho indígena, sem que se interpusesse a isso o empecilho da catequização.

Na Constituição promulgada em 5 de outubro de 1988, através do seu artigo 22, inciso XXIV, fica definida como competência privativa da União, legislar sobre as diretrizes e bases da educação nacional, abrindo com isto a possibilidade de reformulação da legislação educacional brasileira (ZANETTI, 2002).

Neste sentido, inicia-se um amplo processo de discussão, proposição e negociação da LDB a partir de grupos de trabalho, audiências públicas, seminários temáticos, debates e encontros por todo o país. O processo de tramitação da nova LDB inicia-se na Câmara Federal em dezembro de 1988 (ZANETTI, 2002).

No Brasil os primeiros cursos de Direito surgiram após a edição da Lei de 11 de agosto de 1827, tendo por influências as ideias iluministas e pelo positivismo jurídico devido à influência de seus idealizadores, majoritariamente formados na Universidade de Coimbra.

“Essa filosofia liberal, que pregava o ensino livre, preocupava-se apenas em garantir a expansão do ensino jurídico no país, sem privilegiar a formação pedagógica do corpo docente” (PINTO, 2012, p. 1).

A formação pedagógica jamais foi considerada uma questão relevante a ser observada pelos docentes em Direito. Desde a criação das primeiras faculdades de direito, surgidas durante o liberalismo e influenciadas pelos ideais positivistas da universidade de Coimbra, a metodologia de ensino empregada nos cursos de graduação e pós-graduação em Direito permanece ortodoxa, mormente após o advento da Constituição Federal de 1988, que contribuiu para a valorização das carreiras jurídicas, porém intensificou o processo de massificação do ensino voltado preferencialmente para a aprovação no exame da Ordem dos Advogados do Brasil e nos concursos públicos (PINTO, 2012,p. 1).

A legislação atual que rege o ensino superior brasileiro, dá maior ênfase, para admissão no professor, que este tenha formação de pesquisador, ou seja, titulação de mestre e doutor, incluindo publicações científicas. Legalmente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em seu art. 52, não faz referência direta à formação didático-pedagógica dos docentes que atuarão no ensino superior, a saber:

Art. 52 – As universidades são instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano, que se caracterizam por:

I – Produção intelectual institucionalizada mediante o estudo sistemático dos temas e problemas mais relevantes, tanto do ponto de vista científico e cultural quanto regional e nacional;

II – Um terço do corpo docente, pelo menos, com titulação acadêmica de mestrado ou doutorado;

III – Um terço do corpo docente em regime de tempo integral.

Parágrafo único. É facultada a criação de universidades especializadas por campo do saber.(BRASIL, 1996)

Ressaltando que a função primária da universidade é o ensino, a dissertação de mestrado de Mauro Sérgio de Carvalho Tomaz (2018) compara Ortega y Gasset com Paulo Freire para concluir em uma de suas análises que o ensino universitário enfatiza suas outras funções, como a de fazer do “homem médio” “um homem culto. De acordo com o autor Anísio Teixeira (1998) revisado por Libânia Nacif Xavier (2012), a função primordial da Universidade é o ensino, a formação profissional e intelectual, além da pesquisa científica.

Conforme Shils (2001, p. 109) “ensinar significa transmitir conhecimento concreto e ensinar a compreensão de como tal conhecimento foi adquirido ou estabelecido. Envolve capacitar o aluno a observar racionalmente os fenômenos com que a disciplina se ocupa”.

Ainda de acordo com o autor, a universidade tem como tarefa fundamental o ensino de verdades relativas, de modo que é nesta instituição que os alunos irão adestrar-se e aprender a verdade, para pôr em prática no seu cotidiano profissional, com o mínimo de erros. Neste sentido, enfatiza que a missão da universidade é a de guardar e transmitir saber, “com uma mudança de ênfase em relação a maior e menor importância de cada um” (TEIXEIRA, 1998).

O ensino de uma profissão deve ter uma pedagogia diferenciada do ensino de saberes, porque o ensino de uma profissão exige a transmissão da prática do professor para o aluno e para isso é necessário um contato maior entre professor e aluno (BOURDIEU, 2004).

O grande problema da Universidade tem sido a acumulação indiscriminada atribuída a esta ao longo do século XX. Este conceito revela o quanto é importante a definição do que vem a ser a universidade, permitindo dar à Universidade pública um “campo mínimo de manobra para poder conduzir com eficácia a luta pela legitimidade” (SANTOS; FILHO, 2008, p. 66).

Para Shils (2001, p. 18): “A educação universitária não deve preparar estudantes para ofícios que se ocupam de tarefas rotineiras. Deve oferecer ensinamentos para as profissões que exigem o conhecimento de processos, princípios e métodos de análise fundamentais”.

Com isso, é importante a relação entre ensino e pesquisa, para se obter resultados na formação profissional. Para que os profissionais não sejam somente capacitados, para a realização de pesquisa, mas que também tenham habilidades técnicas. Desta forma serão profissionais comprometidos com a ética profissional.

Tendo como referência os preceitos legais, constatamos que a alardeada deficiência de formação pedagógica do docente não é exclusiva dos professores que atuam nos cursos superiores de Direito, mas, também, de todos que atuam em outros cursos, principalmente nos bacharelados (CHIAPETA, 2018, p. 2).

As transformações nas universidades também atingiram as pesquisas acadêmicas. As pesquisas estão sendo realizadas nas universidades, mas com financiamento privado ou em laboratórios de empresas privadas e departamentos do governamental. O saber científico, antes monopólio das universidades, agora pertence a instituições privadas ou governamentais. O meio universitário, em meados do século XX, aparece como uma demanda do Estado para suprir a carência da sociedade de profissionais qualificados, de conhecimento científico e tecnológico (DURHAM, 2006).

Nos últimos anos, o governo, diminuiu os gastos financeiros com as universidades, de acordo com as políticas estabelecidas na área educacional. Com a falta de investimento financeiro, as universidades buscam parcerias com instituições privadas ou organizações não governamentais, para conseguir manter suas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Este corte no orçamento das universidades provocou uma mudança na organização institucional, interferindo diretamente nas atuações das unidades acadêmicas, com deslocamento das relações de poder que estabelecem as tomadas de decisões e os critérios de avaliações para a responsabilidade social, que são direcionadas para o mercado (STALLIVIERI, 2006).

As regras estabelecidas por estas instituições privadas, podem pôr em risco a autonomia universitária. As ações e objetivos das universidades podem ser direcionados segundo os interesses das empresas privadas.

Maranhão (1999) ressalta a importância desta articulação entre sociedade e universidade. O Estado, em todas as suas esferas (municipal, estadual e federal) é

responsável pelo ensino público da alfabetização ao ensino superior. O papel da universidade poderia ser de incentivar o ensino público, gratuito e de qualidade em todos os níveis escolares.

3. Resultados e Discussão

A concepção de aprendizagem e, conseqüentemente, as estratégias de ensino voltadas para promovê-la, vem sofrendo mudanças substanciais. “A teoria do ensino para o desenvolvimento possibilita uma compreensão das relações entre conhecimento disciplinar e conhecimento pedagógico diferente das concepções anteriormente descritas” (LIBÂNEO, 2015, p.639).

Embora o papel do ensino tradicional fosse fornecer informações, o papel do aluno restringia-se a assimilá-la através da prática e repetição, fora de seu contexto real de uso. Hoje, pelo contrário, considera-se que a aprendizagem não pode ser transmitida, mas deve ser construída pelo próprio indivíduo (construtivismo) dentro da abordagem humanista (CANDAU, 2012).

Portanto, sistemas de ensino inovadores enfatizam a aprendizagem com base em atividades significativas para fortalecer o processo didático. Nesse sentido, cabe repensar a prática pedagógica, que segundo Melo (2015, p. 37):

(...) é uma prática social determinada por interesses, motivações, intencionalidades; como também pelo grau de consciência de seus atores, pela visão de mundo que os orienta, pelo contexto onde esta prática se dá, pelas necessidades e possibilidades próprias a seus atores e própria à realidade em que se situam.

O professor que busca fortalecer o processo didático deve fazer uso de ferramentas que o auxilie, já que esse é o propósito da didática. Segundo Candau (2012, p. 14): “toda proposta didática está impregnada, implícita ou explicitamente, de uma concepção do processo de ensino-aprendizagem”. É necessário ressaltar que as estratégias pedagógicas são os procedimentos e métodos utilizados no ensino, uma vez que permitem estabelecer as bases para a aprendizagem a curto, médio ou longo prazo presentes no dia a dia do professor. “A Prática Pedagógica é construída no dia a dia do

professor e nela estão presentes as ações práticas mecânicas e repetitivas, como também as ações práticas criativas” (MELO, 2015, p. 38).

As teorias atuais da aprendizagem destacam a natureza ativa da aprendizagem, enfatizando como qualidades centrais abstração e transferência, que só são possíveis quando o aluno aplica seus conhecimentos a uma atividade cheia de significado e em contextos variados que permitem a generalização. Nesse sentido,

[...] cabe à didática investigar os processos de ensino-aprendizagem na sua relação com conteúdo específicos. Assim, o núcleo do problema didático é o conhecimento enquanto processo mental a ser desenvolvido pelo aluno para conhecer os objetos, ou seja, seu processo de formação de conceitos (LIBÂNEO, 2015, p.641).

As demandas que estão sendo colocadas hoje em nossas sociedades exigem, mais do que aprender conteúdo, ser capaz de aprender ao longo da vida de forma independente, ou seja, determinar de forma autônoma o que deve ser aprendido, pesquisar, avaliar criticamente, selecionar as informações relevantes e saber como usá-la para realizar tarefas ou resolver problemas (MELO, 2015).

Essas mudanças nos objetivos da aprendizagem nos cursos tecnológicos em administração envolvem modificar radicalmente as estratégias de ensino, privilegiando uma participação mais ativa do aluno. Isso é o que é chamado de "ensino centrado no aluno" ou "aprender a aprender". Mudanças nas estratégias de ensino exigem que o professor, além de dominar o conteúdo curricular, tenha conhecimento dos processos envolvidos na aprendizagem; e requerem a participação de métodos flexíveis adaptados às necessidades individuais e baseados no diálogo, a fim de oferecer o feedback necessário durante o processo instrucional. É precisamente aqui que as tecnologias digitais podem desempenhar um papel importante no apoio aos professores nos processos que visam superar as dificuldades apresentadas pelos alunos (KENSKI, 2008).

O crescente impacto das tecnologias digitais deve-se, em grande parte, à sua versatilidade, uma vez que podem adotar as características de qualquer outro meio, também têm uma capacidade de representação e expressão antes impensável (KENSKI, 2008) e permitem que os professores liberem o tempo que possam dedicar a outras atividades acadêmicas onde sua intervenção direta é indispensável.

Em Kenski (2008) e Melo (2015) nota-se que insistentemente que essas tecnologias estão mudando as formas de acesso ao conhecimento, aprendizagem e comunicação. Nesse sentido, é conveniente ressaltar que para isso acontecer é necessário que certas condições relacionadas principalmente ao design educacional sejam atendidas. Por isso, é necessário explicitar as condições necessárias para que as tecnologias digitais possam contribuir efetivamente para a formação de novos modos de ensino e aprendizagem.

Diante dessas afirmações, vale a pena perguntar: por quais são as razões que o uso das TIC configura um "novo modo de aprendizagem"?, por que o design educacional tem que ser diferente do tradicional?, qual é o impacto das TIC no currículo, métodos de ensino, organização escolar e formas de avaliação?, como reconhecer suas implicações em termos de organização pedagógica?, Como fazer escolhas adequadas de materiais levando em conta objetivos, prioridades e necessidades, como modificar ou redefinir o papel dos professores, dos cursos técnicos em administração, levando em conta o uso de tecnologias?

As profundas mudanças que ocorreram na forma de compreensão dos processos de ensino e aprendizagem configuram um novo paradigma de formação. Como ressaltava Kenski (2008) nossa definição de educação tem que incluir o que muitos teóricos cognitivos definem como "construção", o processo de ajudar os alunos a desenvolver seus próprios conhecimentos. Para Melo (2015) a educação deve ser definida de forma mais ampla como qualquer coisa que seja feita para facilitar o conhecimento significativo. Sem a objetividade do significado do conceito de ensino e aprendizagem, docentes e acadêmicos vivenciam práticas avaliativas que podem tanto servir de estímulos, promovendo avanço e crescimento, quanto podem desestimular, frustrar e até mesmo impedir o avanço e o crescimento do aluno (GONÇALVES; BELLINI, 2021).

Cabe ressaltar que, hoje, vive-se o advento de uma nova maneira de viver, ser e sentir, em decorrência da 4ª Revolução Industrial, que modifica toda a estrutura da sociedade, e não diferente, promove modificações na sala de aula, sobretudo, no processo de ensino e aprendizagem, trazendo novamente, ao centro da discussão, a teoria sociointeracionista (PIFFERO et al., 2020).

Com a Educação 4.0, torna-se necessária uma "revolução" nos meios de ensino, aprendizagem e, conseqüentemente, ensino e aprendizagem. As novas tendências e exigências do mercado de trabalho proporcionadas pela indústria 4.0 ou nova revolução industrial coloca a necessidade de profissionais multidisciplinares, que desenvolvam suas

competências e habilidades e não sejam apenas técnicos de suas profissões (PAIANO et al., 2015).

A ludicidade possui a característica de socializar e produzir prazer, quando é executada. Ela se apresenta como uma importante ferramenta de ensino e pode ser empregada como atividade formadora e informadora sobre várias temáticas. Com o uso do lúdico, será possível envolver o aluno em sua própria aprendizagem, dentro dos seus limites, de suas possibilidades e do seu conhecimento. Assim, possibilita-se que ele descubra prazer em aprender e estudar, pois essa ferramenta não eliminará a complexidade do ensino, mas poderá contribuir com o professor em sala de aula e favorecer para que o aluno compreenda melhor os conteúdos, concorrendo para o aumento do seu interesse, que, por sua vez, possibilitará que o discente esteja mais confortável com uma ferramenta dinâmica durante as aulas (FONSECA; MATTAR, 2017).

Nos métodos mais ativos de ensino, o professor permite que os discentes sejam protagonistas da construção dos saberes, ao elaborar situações que os estimulam a investigar, em vez de oferecer conhecimentos prontos por meio de aulas expositivas (MATTOS, 2017). A aplicação de ferramentas pedagógicas alternativas ao método tradicional, como as atividades lúdicas, pode incentivar os alunos a se aproximarem do conhecimento científico (PAIXÃO et al., 2017).

Como alternativa ao ensino tradicional, surgem as metodologias ativas com emprego da ludicidade, centradas no aluno, que, por sua vez, deve se apresentar como sujeito ativo do processo de aprendizado, sendo estimulado em uma formação crítica, resolutiva e colaborativa. Tais metodologias colaboram também para formar profissionais capazes de promover agregação de conhecimento e sua aplicabilidade frente aos menores e mais complexos problemas. Esse tipo de abordagem leva o estudante a “aprender a aprender” (LOBO, 2015).

Se no passado era difícil o acesso, como também o custo, para se usar a tecnologia, a 4ª Revolução Industrial proporciona a simplificação e o barateamento e das tecnologias com o emprego do conceito “Faça Você Mesmo” (DIY – *Do It Yourself*) integrado à “Internet das Coisas” (IoT – *Internet of Things*), promovendo o advento da cultura *maker* nas escolas.

Segundo Führ (2018, p. 15),

[...] um dos desafios da educação 4.0 consiste em compreender a nova forma de aprender do educando no contexto digital. Esse convive cotidianamente se comunicando através das redes sociais digitais que podem se transformar numa forma de alfabetização cultural. Podemos também perceber que os educandos aprendem em contextos complexos, incertos e multidimensionais, a questionar, resolver problemas de forma autônoma, adquirindo rapidamente complexas habilidades técnicas e compartilhando com os outros os riscos, tarefas e objetivos de forma flexível, abrangente de criatividade pessoal e autoexpressão.

Vive-se, hoje, o advento de uma nova maneira de viver, ser e sentir, em decorrência da 4ª Revolução Industrial que modifica toda a estrutura da sociedade, e não diferente, promove modificações na sala de aula, sobretudo no processo de ensino e aprendizagem, trazendo, novamente ao centro da discussão, a teoria sociointeracionista. A questão da informatização do ensino levanta discussões. Alguns profissionais são bastante favoráveis a ela devido à grande quantidade de informações repassadas aos alunos, à própria metodologia empregada nos recursos visuais e às pesquisas realizadas através da internet. Para os alunos, pode ser mais interessante, pois eles podem observar como os fenômenos ocorrem, enquanto no modelo tradicional – professor/apostila/quadro negro – somente o imaginário dos alunos é envolvido (SILVA; TEIXEIRA, 2020).

As TICs podem ser compreendidas como ferramentas que facilitam o processo de ensino-aprendizagem, já que elas necessitam se interrelacionar, pois, caso isso não ocorra, será impossível alcançar uma postura dialética no processo de edificação de uma prática docente comprometida com os anseios sociais (DIAS, 2019).

As Tecnologias da Informação e Comunicação têm se mostrado ferramentas capazes de proporcionar grandes mudanças às práticas docentes, por meio das infinidades de Recursos Didáticos Digitais que as compõem, as quais são capazes de trazer inovações às práticas educacionais e, conseqüentemente, aos modelos pedagógicos. Além disso, as TICs permitem que o aluno continue seus estudos até mesmo fora do ambiente escolar, tornando-se aliadas do processo de ensino-aprendizagem de diversas disciplinas (GARCIA; FONSECA; LEITE, 2013). É indiscutível a necessidade de que as TICs sejam

inseridas no contexto escolar e, nesse cenário, o docente assume um papel de grande relevância, já que representa o elo entre escola e sociedade (FLAUZINO, 2021).

A utilização das tecnologias favorece o desenvolvimento de novos métodos e práticas de ensino-aprendizagem. Esse processo de mudança e transformação traz consigo turbulências e, conseqüentemente, impactos sobre o aluno. Essas turbulências precisam ser administradas para sustentação do próprio meio em que ocorrem (BORGES; RICHIT, 2020).

Entre as diversas estratégias e técnicas que podem ser utilizadas pelos docentes para motivar seus alunos com o uso de tecnologias, temos a linguagem audiovisual, os vídeos, jogos de navegadores etc. e suas diferentes manifestações que se assinalam como fator chave no processo de ensino-aprendizagem (SCHUHMACHER; ALVES FILHO; SCHUHMACHER, 2017).

Dessa forma, é essencial que o professor esteja inserido nesse contexto para orientar o discente, guiando-o num estudo saudável, realizando uma troca de informações em que o docente ganha ao aprender e ensinar melhor; o aluno ganha, pois, tem em suas mãos o conhecimento que o deixa preparado para o mundo globalizado (BORGES; RICHIT, 2020).

As novas demandas da educação envolvem diferentes tecnologias em sua realização, atendendo às expectativas de agilidade e qualidade da sociedade atual. A área da educação não é diferente das demais, que também estão evoluindo para as novas demandas, sendo relevante a criação de espaços de convivência e troca de experiências aos docentes e discentes, que vivenciam diferentes contextos, mas que mutuamente podem contribuir com o sucesso de cada um no processo educacional (FERNANDES, 2019).

A elaboração de conteúdos virtuais interativos e visualmente adequados ao estudo de algumas metodologias educacionais e as tecnologias condizentes aos seus objetivos possibilitaram o fornecimento de apoio significativo para uma aprendizagem personalizada dos participantes da utilização dos ambientes fornecidos pelo objeto de aprendizagem, promovendo um espaço colaborativo para a reflexão docente (DI CARLLI et al., 2020).

A interatividade como característica fundamental da hipermídia não é só a imbricação das mais variadas mídias, mas a participação conseqüente do usuário no processo de compreensão de algum tema. Nesse sentido a interatividade está a caminho de substituir

o texto impresso, na medida em que a tecnologia hipermídia pode ir muito mais longe (DIAS, 2019).

Os chamados Ambientes Virtuais de Aprendizagem – AVA encontram-se disponibilizados no ciberespaço e comungam diretamente desse cenário, assim como da nova linguagem e suas características. Os AVA possibilitam combinar recursos de som, vídeo, textos interconectados, banco de dados, que permitem ao usuário seguir e construir seus próprios percursos, além de reunir alunos e professores de diferentes bairros, cidades, estados e países (AZEVEDO, 2018).

Nos AVA, a metodologia significativa é focada na criação de uma parceria entre o professor e o aluno com o objetivo de atingir o conhecimento. Nesse caso, o aluno assume o papel de ator principal e o professor assume o papel de mediador, e estimulador, do processo, com foco na aprendizagem. A ideia é estimular a autonomia intelectual (DI CARLLI et al., 2020).

5. Considerações finais

Para a integração das tecnologias digitais não precisamos necessariamente adquirir treinamento como cientistas da computação, mas como usuários. Diante da incursão de computadores em diversas áreas da vida social, a escola respondeu, em um primeiro momento, com alfabetização computacional, pelo uso de diversas linguagens de programação.

Agora é quando percebemos que os computadores, além de serem objeto de estudo em si mesmos, constituem um meio de ensino e aprendizagem, alcançando assim a mudança do uso instrumental da tecnologia para o uso pedagógico dentro do processo de desenvolvimento das instituições de ensino. Essa transformação se deve a múltiplas circunstâncias, entre as quais destacamos por meio da ilustração que os sistemas hipertextuais abordam formas de pensamento humano e, portanto, permitem ao aluno acessar informações livremente, o que ajuda na sua apropriação, e que o uso do e-mail e da Internet proporciona ao aluno experiências de abordagem a realidades pouco conhecidas, que é uma nova forma de conhecimento social.

As TICs desempenham papel de fundamental importância, na medida em que aprimoram a comunicação, tornando o ambiente muito mais democrático. Contudo, a aplicação das TICs à educação deve ser acompanhada por uma formação docente adequada, já que

seu uso não deve ser mecânico. Compete ao docente tornar suas aulas mais interativas, não as TICs.

No entanto, é preciso que haja disposição e preparo dos professores para usar essas ferramentas. Durante este estudo, foi possível verificar que a ascensão de um processo de aprendizagem centrado no aluno, mudanças no ensino por meio do uso de metodologias ativas, o desenvolvimento de atividades centradas no aluno e uma avaliação relevante podem se tornar vitais para a efetiva melhoria no ensino técnico profissionalizante em administração.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. DE A. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. São Paulo: Moderna, 2006.

AZEVEDO, R. L. **De quem é a universidade? : um estudo sobre a relação de poder na interação aluno-professor**. Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde)—Brasília: Universidade de Brasília, 2018.

BAUMAN, Z. **Sobre educação e juventude**. 1ª edição ed. [s.l.] Zahar, 2013.

BORGES, A. DE S.; RICHIT, A. Desenvolvimento de saberes docentes para o ensino de música nos anos iniciais. **Cadernos de Pesquisa**, v. 50, p. 555–574, 7 set. 2020.

BORGES, A. T. IMPORTÂNCIA DA AÇÃO EDUCATIVA – CONCRETIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL. p. 27, 2015.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BRASIL. Lei n.º 9.394 - **Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)**. 1996.

CHIAPETA, A. P. P. B. **O aprendizado da docência no ensino superior: experiências e saberes compartilhados por professores do curso de direito sobre o constituir-se professor**. Dissertação (mestrado)—Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2018.

DALLARI, DALMO. **Cidadão, Cidadania e Integração Social**. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/textos/deveres.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2021.

DI CARLLI, M. E. R. et al. **Modelagem de uma Metodologia para Implementação de Aprendizagem Significativa em Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs)**. Anais do Congresso sobre Tecnologias na Educação (Ctrl+e 2020). **Anais...Brasil**: Sociedade Brasileira de Computação - SBC, 31 jul. 2020. Disponível em:

<<https://sol.sbc.org.br/index.php/ctrl/article/view/11382>>. Acesso em: 20 out. 2022

DIAS, V. N. O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ENSINO DE QUÍMICA. **Revista Científica Semana Acadêmica**, n. 156, 12 out. 2019.

DURHAM, E. R. O ENSINO SUPERIOR NO BRASIL: PÚBLICO E PRIVADO. **Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior da Universidade de São Paulo**, p. 45, 2006.

DURKHEIM, É. **Educação e sociologia**. 5ª edição ed. [s.l.] Editora Vozes, 2014.

FERNANDES, M. T. C. **SIMULAÇÃO COMO METODOLOGIA NA FORMAÇÃO DE DISCENTES EM ENFERMAGEM NO ESTÁGIO FINAL DA GRADUAÇÃO**.

FEUERWERKER, L.; SENA, R. Contribuição ao movimento de mudança na formação profissional em saúde: uma avaliação das experiências UNI. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação (Brasil) Num.10 Vol.6**, v. 6, 1 out. 2002.

FLAUZINO, V. H. DE P. As dificuldades da educação digital durante a pandemia de COVID-19. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 11, n. 03, p. 05–32, 19 mar. 2021.

FONSECA, S. M.; MATTAR, J. Metodologias ativas aplicas à educação a distância: revisão da literatura. **Revista EDaPECI**, v. 17, n. 2, p. 185–197, 13 set. 2017.

FÜHR, R. A tecnopedagogia na esteira da educação 4.0: aprender a aprender na cultura digital. **Plataforma Espaço Digital**, Realize Editora. 17 jul. 2018.

GARCIA, M. M. A.; FONSECA, M. S. DA; LEITE, V. C. Teoria e prática na formação de professores: a prática como tecnologia do eu docente. **Educação em Revista**, v. 29, p. 233–264, set. 2013.

GOLDEMBERG, J. O repensar da educação no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 7, n. 18, p. 65–137, ago. 1993.

GONÇALVES, M. B.; BELLINI, L. M. Evaluation of Teaching in the School of Medicine at the State University in Maringá: a Preliminary Analysis. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 26, p. 47–55, 23 jun. 2021.

JÚNIOR, P. H. S. **Direito Processual Constitucional Liv Dig - Direito Processual Constitucional**. [s.l.] Saraiva Educação S.A., 2018.

LOBO, L. C. Educação Médica nos Tempos Modernos. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 39, p. 328–332, jun. 2015.

MARANHÃO, É. **Qualidade – A Grande Tendência da Educação Superior Brasileira**. Rio de Janeiro: EdDuerj, 1999.

MATTOS, M. P. Metodologias ativas auxiliando no aprendizado das ciências morfofuncionais numa perspectiva clínica: um relato de experiência. **Rev. Ciênc. Méd. Biol. (Impr.)**, p. 146–150, 2017.

MOREIRA, M. A. **Teorias de Aprendizagem**. 3ª edição ed. [s.l.] LTC, 2021.

NETO, J. A. DA S. P. Teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel: perguntas e respostas. **Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, 2006.

PAIANO, L. A. G. et al. Avaliação em estágio curricular na graduação em enfermagem: experiências e dificuldades vivenciadas por docentes. **Educere et Educare**, 20 maio 2015.

PAIXÃO, G. C. et al. Paródias no ensino de microbiologia: a música como ferramenta pedagógica. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 11, n. 1, 3 abr. 2017.

PIFFERO, E. DE L. F. et al. Metodologias Ativas e o ensino de Biologia: desafios e possibilidades no novo Ensino Médio. **Ensino & Pesquisa**, v. 0, n. 0, 7 jul. 2020.

PINTO, F. A. C. F. **A formação pedagógica do docente em direito como importante ferramenta de aperfeiçoamento do ensino jurídico no Brasil**. Disponível em: <<https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista-104/a-formacao-pedagogica-do-docente->

em-direito-como-importante-ferramenta-de-aperfeiçoamento-do-ensino-juridico-no-brasil/ >. Acesso em: 10 out. 2021.

SANDEL, M. J. **Justice: What's the Right Thing to Do?** 1ª edição ed. [s.l.] Farrar, Straus and Giroux, 2009.

SANDEL, M. J.; LIBANIO, B. **A tirania do mérito: O que aconteceu com o bem comum?** 2ª edição ed. [s.l.] Civilização Brasileira, 2020.

SANTOS, B. DE S.; FILHO, N. DE A. **A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova.** Coimbra: Almedina, 2008.

SCHUHMACHER, V. R. N.; ALVES FILHO, J. DE P.; SCHUHMACHER, E. As barreiras da prática docente no uso das tecnologias de informação e comunicação. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 23, n. 3, p. 563–576, jul. 2017.

SERRANO, P. J. A EPISTEMOLOGIA DA EDUCAÇÃO: O DIREITO À EDUCAÇÃO E A CIDADANIA PLENA. p. 20, 2018.

SHILS, E. **O Apelo da Educação. a Ética Acadêmica e Outros Ensaio Sobre Educação.** Bauru: EDUSC, 2001.

SILVA, C. C. S. C. DA; TEIXEIRA, C. M. DE S. O uso das tecnologias na educação: os desafios frente à pandemia da COVID-19 / The use of technologies in education: the challenges facing the COVID-19 pandemic. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 9, p. 70070–70079, 18 set. 2020.

SILVA, J. P. DA; SILVA, J. P. DA. PODER E DIREITO EM FOUCAULT: RELENDO VIGIAR E PUNIR 40 ANOS DEPOIS. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 97, p. 139–171, abr. 2016.

STALLIVIERI, L. O Sistema de Ensino Superior do Brasil: características, tendên. **Revista da Universidade Caxias do Sul**, p. 22, 2006.

STRINI, P. J. S. A. et al. Metodologia ativa em aulas práticas de anatomia humana: A conjunta elaboração de roteiros. **Ensino em Re-Vista**, v. 27, n. 2, p. 680–697, maio 2020.

TEIXEIRA, A. **A universidade de ontem e de hoje**. Disponível em:
<<http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/ontem.html>>. Acesso em: 7 mar. 2021.

TOMAZ, M. S. D. C. **ORTEGA Y GASSET E PAULO FREIRE: um diálogo entre educação e política**. Dissertação (mestrado)—SÃO JOÃO DEL-REI – MG: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI, 2018.

XAVIER, L. N. Anísio Teixeira on universities, research and public education. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 19, n. 2, p. 669–682, jun. 2012.

ZANETTI, M. A. **Política Educacional e LDB: algumas considerações**. IFiL - Instituto de Filosofia da Libertação. Disponível em: <<http://www.ifil.org/Biblioteca/zanetti.htm>>. Acesso em: 7 mar. 2021.

Desafios Educativos

O Impacto da Pandemia na Educação em Mato Grosso

Santos, José Olímpio dos Maciel,
Cilene Maria Antunes Carvalho,
Edione Teixeira de Carneiro,
Nilcéia Saldanha Santos,
Elton Castro Rodrigues dos



O IMPACTO DA PANDEMIA NA EDUCAÇÃO EM MATO GROSSO

THE IMPACT OF THE PANDEMIC ON EDUCATION IN MATO GROSSO

Santana, Luiz Carlos Nunes de⁴³

Santos, Thiago Rafael da Costa⁴⁴

Gonçalves, Ediliane⁴⁵

Soares, Maraline Aparecida⁴⁶

Santos, Elton Castro Rodrigues dos⁴⁷

RESUMO

A pandemia do novo Coronavírus - Covid-19, promoveu inúmeras alterações em no dia a dia, em virtude das medidas sanitárias e do distanciamento social. Nesse contexto, a educação foi um dos setores mais afetados, uma vez que as atividades pedagógicas presenciais foram suspensas e os órgãos reguladores nacionais indicaram a continuidade do ano letivo, por meio de atividades remotas. Diante disso, esse estudo teve por objetivo discutir o impacto da pandemia na educação em Mato Grosso. A obrigação de manter uma educação no contexto da pandemia causou a necessidade de implementar estratégias, dispositivos, suportes e tecnologias, para continuar com o processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Pandemia. Ensino Remoto. COVID-19. Educação.

⁴³ **Dr.** Gestor público rede municipal Cubatão. SP/Brasil

⁴⁴ **Dr.** Instituto Federal Mato Grosso – Campus Oeste. Pontes e Lacerda. MT/Brasil

⁴⁵ **Dra.** Professora na rede Estadual Ensino - Pontes e Lacerda. MT/ Brasil

⁴⁶ **Dra.** Prof.^a. Universidade do Estado de Mato Grosso-Unemat-*Campus* de P.e Lacerda - MT/ Brasil

⁴⁷ **Dr.** Faculdade do Centro Educacional Interdisciplinar do Brasil. Faceib - Cuiabá -MT/ Brasil

ABSTRACT

The pandemic of the new coronavirus - Covid-19, promoted numerous transformations in our daily lives, due to health measures and social distance. In this context, education was one of the most affected sectors, as face-to-face pedagogical activities were suspended and national regulatory bodies indicated the continuity of the school year, through remote activities. Therefore, this study aimed to discuss the impact of the pandemic on education in Mato Grosso. The obligation to maintain education in the context of the pandemic caused the need to implement strategies, devices, supports and technologies, to continue with the teaching and learning process.

Keywords: Pandemic. Remote Teaching. COVID-19. Education.

INTRODUÇÃO

O coronavírus (COVID-19) afetou o mundo todo, o contágio é rápido, os danos ao organismo são muitos. A falta de higiene, aglomerações e a proximidade entre as pessoas é uma das principais maneiras de contrair o vírus, podendo levar à óbito caso a pessoa tenha comorbidades, como diabetes, hipertensão e obesidade. Diante dos fatos, as escolas foram parcialmente fechadas e o ensino suspenso por aproximadamente quatro meses, voltando em meados de agosto de 2020, através do ensino remoto, não-presencial. Assim, as práticas pedagógicas em sala de aula foram substituídas pelas aulas remotas e professores, alunos, pais e gestores precisaram se adequar ao contexto da pandemia provocada pelo covid-19.

Podemos dizer, que nesse momento, professores de todas as modalidades de ensino estão se reinventando para melhor atender seus alunos, buscando ferramentas e recursos para desenvolver a prática pedagógica, relatando aprendizagens e desafios.

Por certo, todos os envolvidos muito têm a dizer sobre essa experiência, no entanto, nesta pesquisa temos como problema de investigação: quais aprendizagens e desafios foram enfrentados pelos professores do Estado do Mato Grosso?

A partir dessa problemática definiu-se como objetivo geral compreender os impactos da pandemia na educação mato-grossense.

A PANDEMIA

O contexto atual da pandemia mundial causa na sociedade um sentimento de incerteza em todas as suas áreas: trabalho, relações sociais, saúde, educação etc. Para o sistema educacional, como nos demais, tem colocado uma série de desafios e desafios onde, priorizando a saúde do público escolar, visa oferecer o melhor serviço aos alunos, famílias, professores etc. O confinamento em grande número de países causou o fechamento de escolas e nos aproximou sem ter desenvolvido uma relação entre tecnologia e pedagogia que nos permitiria enfrentar essa situação e estar preparado para a educação a distância.

Há vários anos as mídias representadas pela televisão, rádio, revistas, jornais e livros, dentre outras, estão inseridas nas nossas vidas. Soares (2001) explica que as mídias atuais são mídias não tradicionais e as apresenta como um meio de comunicação moderno. Já Sathler (2002) acredita que as novas mídias são muito mais que isso e que se tem uma união entre “comunicação e informática”, tendo em vista o surgimento e popularização da internet.

Quando se pensa em educação, entretanto, é possível verificar que as escolas, na maioria das vezes, mantêm a mesma estrutura física de décadas passadas, com salas que possuem somente quadro de giz, carteiras e cortinas. Em tempos de pandemia surge a importância de descrever que a mídia-educação é um campo de pesquisa relativamente novo e que busca debater condições sine qua non para o desenvolvimento de estudos sobre mídias aplicadas à educação. Segundo Bévort e Belloni (2009, p.1083):

A mídia-educação é parte essencial dos processos de socialização das novas gerações, mas não apenas, pois deve incluir também populações adultas, numa concepção de educação ao longo da vida. Trata-se de um elemento essencial dos processos de produção,

reprodução e transmissão da cultura, pois as mídias fazem parte da cultura contemporânea e nela desempenham papéis cada vez mais importantes, sua apropriação crítica e criativa, sendo, pois, imprescindível para o exercício da cidadania.

Essa competência reconhece o papel fundamental da tecnologia para a educação e estabelece que o estudante deve dominar o universo digital, sendo capaz, portanto, de fazer um uso qualificado e ético das diversas ferramentas existentes e de compreender o pensamento computacional e os impactos da tecnologia na vida das pessoas e da sociedade.

Pode-se destacar, uma série de pontos que refletem como a educação tem sido ou está sendo, nos meses de pico da pandemia. Iniciando pelo período do confinamento provocado pela COVID-19, a escola funcionava como um período de exceção (BANCO MUNDIAL, 2020).

Os professores tiveram que improvisar alternativas para aulas presenciais e apenas sua criatividade tem sido a chave para o sucesso. Têm-se a mídia (salas de aula virtuais, sala de aula, videoconferências ao vivo (streaming) ou sessões gravadas e oferecidas em plataformas assíncronas, tais como, *YouTube*, por exemplo e cada uma usou o que podia ou sabia. Grande parte dos professores detectou sua falta de formação no uso e conhecimento das ferramentas de Tecnologia de informação e comunicação - TIC, o que aumentou muito a autoformação e a aplicação e participação em cursos à distância sobre ferramentas e recursos (SAVE THE CHILDREN INTERNATIONAL, 2021).

É preciso resgatar a valorização do profissional da educação. As pessoas são valorizadas pelo que eles podem fazer com o que sabem: sua criatividade, pensamento crítico, resolução de problemas, julgamento ético. Tem muito a ver com as formas como a comunicação e a colaboração avançam e, conseqüentemente, o aprendizado. Não se limita mais a um lugar (a escola) ou a uma série de conteúdo (o currículo), mas sim a uma série de habilidades e competências. (VINHA; NUNES, 2020)

Na mesma linha, a situação atual enfatiza novamente que o aluno não é um recipiente a ser preenchido; é um ser humano que precisa interagir, dialogar e se reconhecer na experiência vital de ser e estar com os outros, entender a vida. Assim, o foco da educação tem sido a formação de valores e atitudes, habilidades cognitivas de alto nível (julgamento crítico, análise, tomada de decisão, gestão da ambiguidade, medo e incerteza,

criatividade...). Tendo um peso muito importante o apoio emocional aos alunos e suas famílias (LIBERALI et al., 2020).

Resumindo, o contexto mudou. Não é que o aluno passe de sentar-se diante de um quadro-negro para estar em frente a uma tela, a "nova educação" é sobre desaprender o que não é útil ou não funciona para melhorar o processo ensino-aprendizagem e reaprender o que incentiva o aprendizado de nossos alunos. Nesse aspecto, talvez devêssemos abandonar o papel do docente como mero transmissor de conteúdo e repensar a educação em três eixos: capacidades, habilidades e coração (BORUCHOVITCH; AZZI; SOLIGO, 2017).

Uma vez o confinamento, onde havia um, ou o fechamento de escolas, toda a sociedade defende o retorno ao "novo normal". Nele, um grande peso recai sobre a abertura de escolas no início do curso. Estes elaboraram protocolos de prevenção e ação para tentar coibir o contágio por COVID-19. Fala-se de "grupos de bolhas" que geralmente coincidem com o grupo de classes, onde alunos de diferentes salas de aula não são misturados, recessos separados por zonas, proibidos de levar material de casa para a escola e vice-versa, máscaras, álcool em gel, alternando (especialmente no Ensino fundamental em diante) aulas presenciais e não presenciais etc. Tudo isso para minimizar os riscos de um contágio ou disseminação do vírus.

Obviamente, a metodologia clássica também foi muito afetada. Os professores estão se adaptando às novas tecnologias, incorporando meios e plataformas para apoiar a escola presencial (por medo de que ela seja interrompida novamente ou como forma de enviar e entregar tarefas que evitem a possível transferência de vírus no papel físico ou notebook), prevendo as possíveis consequências de uma nova onda de infecções e facilitando a aprendizagem do aluno, se o professor pode ou não ir para as salas de aula.

Segundo Lima, Andrade e Damasceno (2020) é preciso que o professor receba treinamento para quebrar a barreira que existe entre ele e as tecnologias, visto que:

Os educadores devem ter um papel dentro da sociedade que vai muito além do fazer de conta. É papel do educador possibilitar a inserção na comunidade estudantil de serviços que ajudem no seu desenvolvimento, além de, pesquisas a fim de contribuir, de alguma forma, para o crescimento intelectual dos alunos. (LIMA, ANDRADE e DAMASCENO, 2020, p.1).

O que não se pode deixar de afirmar é que o professor deve estar em constante processo de formação. Na medida em que o docente se avalia enquanto um ser em processo constante de aprendizagem, é mais fácil que ele se manifeste criticamente com relação à realidade vivida, pois “o professor que ensina, é o mesmo que aprende e participa efetivamente da construção de sua realidade e da realidade de seus alunos” (SOARES, 2010, p. 33).

Guardadas as devidas especificidades, Freire (1997, p. 57-58) afirma que em um modelo educacional tradicional “bancário”:

[...] o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é ‘encher’ os educandos dos conteúdos de sua narração. [...] E o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber (FREIRE, 1997, p. 57-58).

Com a intenção de atender às necessidades e resolver possíveis erros ou problemas, as escolas propõem o uso da mesma plataforma digital de ensino a distância para proporcionar identidade e homologar o sistema. Os professores estão sendo treinados em sua gestão e possibilidades; o trabalho está sendo feito nos mínimos curriculares que são considerados básicos e cuidados mínimos é tomado do bom desenvolvimento emocional dos alunos, juntamente com a oferta dos meios necessários para não criar ou aumentar a lacuna na evolução da aprendizagem para aqueles que não têm recursos tecnológicos e acesso a plataformas, quando a educação é oferecida no ensino no chamado modo híbrido.

Uma das principais propriedades dessa forma de ensino e aprendizagem é a flexibilidade. Relaciona-se, fundamentalmente, a pensar de forma diferente sobre as propostas que haviam sido desenhadas para o formato presencial da sala de aula. Para isso, é necessário planejar, priorizando esses elementos curriculares básicos para a aprendizagem e, assim, gerar propostas que não só apresentem versatilidade para diferentes acessos e dispositivos, mas também em resoluções abertas (diferentes possibilidades de elaboração) (LIBERALI et al., 2020).

Um elemento essencial dessa metodologia é a avaliação formativa; permite que os professores melhorem e fortaleçam a autogestão da aprendizagem. Para isso, é valioso

usar comentários de feedback de forma completa, clara e sistemática. Sempre incentivando os alunos a melhorar ou continuar com esse esforço, valorizando seus frutos.

Esses elementos, entre outros, constituem temas que caracterizam o que acontece hoje na "educação presencial". Neste quadro, vale a pena perguntar o que devemos rever sobre a metodologia de uma educação tradicional? Como podemos integrar esses aspectos da educação não presencial que favorecem o aprendizado dos alunos dentro da sala de aula?

Estágios presenciais e experiências online ocorreram de forma irregular no sistema escolar. Sempre houve predominância da sala de aula física sobre práticas em ambientes virtuais. Muitas vezes, a incorporação de tecnologias em sala de aula tem sido realizada isoladamente, em algum assunto ou projeto de aprendizagem. Talvez pela falta de preparo no nível das habilidades digitais ou pela ausência de meios tecnológicos.

A obrigação de manter uma educação no contexto da pandemia tem causado a necessidade de implementar estratégias, dispositivos, suportes e tecnologias, para continuar com o processo de ensino e aprendizagem.

O papel do professor tem sido evidenciado como fundamental; mediação, feedback, proposta de situações de aprendizagem, geradas pelo próprio professor ou outros colegas e organizadas em sequências didáticas por meio de canais alternativos que permitiram, de alguma forma, manter esse vínculo afetivo e emocional que costumávamos desenvolver com nossos alunos.

O positivo nesse contexto, tão difícil e complexo, é que o setor educacional se manteve ativo e em busca permanente de alternativas. Também entre os professores de educação especial. Ninguém ficou em sua zona de conforto porque a emergência nos forçou a sair dela.

O ENSINO REMOTO NO MATO GROSSO

No mês de julho do ano letivo de 2020, as escolas em Nobres, como na maioria das escolas do Estado, voltaram às aulas, mas de modo não presencial, funcionando da seguinte forma: nas escolas estaduais, o governo implantou uma plataforma digital (Microsoft Teams), onde os alunos acessam e estudam o material que o professor disponibiliza através da mesma. Para os alunos que não possuem acesso à internet, a escola fornece o material apostilado para que estude em casa, responda às questões e

devolva a apostila devidamente respondida. O professor reserva um tempo para corrigir em sua casa o material (apostila), que em seguida fica à disposição do aluno para reavê-lo. Para as escolas municipais a diferença foi o programa implantado que foi o Google *Meet/Classroom*.

Nas escolas municipais, utiliza-se apenas o aplicativo digital WhatsApp como ferramenta de comunicação online e as apostilas são entregues impressas. Aos que acessam via internet, a escola em um horário específico fornece acesso para a comunidade realizar o *download* do vídeo aulas nas quais o professor explica o conteúdo semanal.

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 2020, aproximadamente 1,6 bilhão de alunos em todo o mundo foram afetados pela pandemia, quando 190 países tiveram suspensas as aulas presenciais, trazendo impacto para cerca de 94% da população estudantil mundial (FERNANDES, 2021)

No Brasil, o Ministério da Educação (MEC) promulgou, em 17 de março de 2020, a portaria nº 343, que abordava sobre a “substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação”. Diante dessa medida, a educação formal de jovens e adolescentes sofreu uma mudança drástica, alterando a rotina de milhares de famílias. Visto que o alunado teve que forçosamente se ausentar do ambiente físico escolar, grande parte deles ficaram privados de avançar em seus estudos formais, devido, dentre outras coisas, à dificuldade de acesso a uma boa rede de internet. Numa pesquisa realizada no final de julho de 2020,

Entre os quase 56 milhões de alunos matriculados na educação básica e superior no Brasil, 35% (19,5 milhões) tiveram as aulas suspensas devido à pandemia de Covid-19, enquanto 58% (32,4 milhões) passaram a ter aulas remotas. Na rede pública, 26% dos alunos que estão tendo aulas on-line não possuem acesso à internet (CHAGAS, 2020).

Um artigo publicado por pesquisadores brasileiros na Revista Brasileira de Psiquiatria relatou

[...] que pacientes infectados com COVID-19 (ou com suspeita de infecção) podem experimentar intensas reações emocionais e

comportamentais, como medo, tédio, solidão, ansiedade, insônia ou raiva. Tais condições podem evoluir para transtornos, sejam eles depressivos, ansiosos (incluindo ataques de pânico e estresse pós-traumático), psicóticos ou paranoicos, e podem até levar ao suicídio. Essas condições podem ser especialmente prevalentes em pacientes em quarentena, cujos aspectos psicológicos de sofrimento tende a ser maior. Em alguns casos, a incerteza sobre a infecção e morte ou sobre infectar a família e amigos pode potencializar estados mentais disfóricos (ORNELL; SCHUCH; SORDI; KESSLER, 2020).

Outrossim, nesses tempos de isolamento o jovem tem se voltado cada vez mais à prática de atividades virtuais, permanecendo mais tempo sentado (ou deitado) entretido em jogos, séries de TV, redes sociais e assistindo aulas on-line. Esta imobilidade física por horas tem levado o estudante a ficar mais propenso às sensações elencadas acima, assim como ter problemas de saúde decorrentes de uma vida sedentária. Para Júnior, Paiano e Costa (2020) a prática de exercícios físicos seria uma aliada importante no combate de algumas enfermidades do corpo e da mente. Eles afirmam que “a inserção de momentos ativos em casa é necessária, pois quanto menos tempo sedentário, melhor será a qualidade de vida relacionada à saúde em crianças e adolescentes”.

Os mesmos autores concordam também, fundamentados em estudos atuais, que esses hábitos sedentários são capazes de desencadear alterações preocupantes em regiões do cérebro, levando a um bloqueio no desenvolvimento cognitivo do jovem.

Em recente estudo foi observado que maiores tempos destinados a assistir TV associou-se com menor volume de massa cinzenta em seis regiões do cérebro, mais tempo jogando videogame foi associado a redução de massa cinzenta em três regiões cerebrais e o tempo total de comportamento sedentário associou-se à redução de massa cinzenta em duas regiões do cérebro. ” (JÚNIOR; PAIANO; COSTA, 2020).

Diante disso pode-se perceber que mesmo com aulas on-line, as quais apresentaram-se com o objetivo de minimizar o prejuízo no desenvolvimento intelectual

dos estudantes, algumas barreiras de natureza emocional e social requerem ainda ser ultrapassadas a fim de que se tenha uma educação de qualidade.

O Ensino Remoto Emergencial (ERE) foi a alternativa principal (provavelmente única) que as redes educacionais de todo o mundo encontraram para atender as necessidades desse momento de isolamento. Alunos e professores comunicando-se apenas virtualmente por meio de uma tela de smartphone, *tablet* ou desktop tem feito com que surja uma nova maneira de ensinar e aprender. Despontam-se com isso novas ferramentas, novas metodologias e novos meios de avaliar o aprendizado. Tudo isso se tornou um desafio enorme para a comunidade escolar e para a família de cada discente, visto que ninguém estava preparado para essa nova modalidade de ensino.

Da mesma maneira, o ensino híbrido que é a modalidade de ensino que combina práticas presenciais e remotas por meio do uso de ferramentas digitais, também vem se tornando um poderoso instrumento de aprendizagem em muitas escolas, pois “não é somente a mistura do virtual com o presencial que caracteriza o modelo híbrido, mas também a forma com que o aluno aprende, sendo de forma individual ou colaborativa” (ENSINO, 2021). E hoje, com o avanço das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, também conhecidas como TDIC's, isso tem sido mais evidente, visto que o discente tem procurado cada vez mais adquirir conhecimento longe do ambiente escolar presencial. Assim,

Esse tipo de ensino pode ser considerado uma proposta inovadora para a educação, visto que permite a **aplicabilidade de diversas formas de aprendizagem-ensino no dia a dia**. Assim, nesse modelo, o estudante pode ter acesso a aulas on-line ou presenciais, já que a combinação delas pode estimular uma maior capacidade e interação social nos alunos. (ENSINO, 2021).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que “é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (2018, p. 7), engloba a compreensão e o emprego das TDIC's como uma das habilidades fundamentais para todo discente. Uma das Competências Gerais da Educação Básica segundo a BNCC é:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BNCC, 2018, p. 9)

Percebe-se nesta Competência a relevância social e ética da utilização das tecnologias digitais e a importância de formar alunos autônomos com capacidade de atuar de maneira crítica na sociedade. Em tempos de “fake news” (notícias falsas), vê-se o valor não só de conhecer, utilizar e produzir tecnologias digitais, mas de exercer isso na vida pessoal e coletiva de forma crítica e ética.

Em adição a tudo isso, é relevante refletir também sobre o papel do professor nesses tempos de educação on-line. Grande parte da classe docente foi pega de surpresa com a pandemia do Coronavírus e uma pesquisa realizada pelo Instituto Península após seis semanas de isolamento social – entre os dias 13 de abril e 14 de maio de 2020 – revelou algo preocupante: 83% dos professores brasileiros, em média, ainda se sentem nada ou pouco preparados para o ensino remoto (SENTIMENTO, 2020).

Esse dado é inquietante e nos leva a uma reflexão profunda uma vez que é uma parcela muito grande de professores se sentindo incapacitados para exercer a profissão neste tempo e uma das investigações a serem realizadas é a respeito da formação desse docente. Os professores receberam capacitação adequada para utilizar de maneira eficiente as tecnologias digitais? É algo importante a ser analisado.

Por outro lado, além desse sentimento de inabilidade no que se refere a utilização de metodologias pedagógicas adequadas para esse momento, os professores têm enfrentado também o desafio de conseguir vencer o excesso de tarefas e o tempo demasiado na frente do computador ou usando o celular e/ou o tablet. A exaustão tem se tornado comum para os professores (e alunos também, como já foi mencionado). Um artigo publicado na revista *Technology, Mind and Behavior* da Associação Americana de Psicologia tem descrito esse fenômeno de passar horas e horas em reuniões e/ou em aulas on-line como a “fadiga do zoom”. O autor do estudo se concentra “em quatro explicações possíveis para essa fadiga: Quantidades excessivas de olhar de perto, carga

cognitiva, autoavaliação aumentada ao ver um vídeo de si mesmo e restrições à mobilidade física. ” (BAILENSEN, 2021)

No "novo normal" as aulas presenciais estão sendo retomadas (onde foram interrompidas) e, por causa da saúde dos alunos e reduzindo o perigo de contágio e disseminado pelo COVID-19, uma proposta educativa articulada com a virtualidade está sendo generalizada, ou seja, onde o aprendizado na sala de aula presencial é combinado com uma educação não testemunhada através da Rede, que, nesse contexto de pandemia, já nos mostrou sua relevância e necessidade no processo educativo.

Da mesma forma, essa simultaneidade também está sendo implementada entre a aula presencial com ferramentas de aprendizagem e metodologia não presencial; em outras ocasiões, diretamente não presencialmente... e, inclusive, por não quebrar os "grupos bolha", mesmo unidos com a educação em valores ou a alternativa fornecida pelos governos em caso de ser um sujeito facultativo. Para isso, seria conveniente levar em conta uma série de dicas, que abordamos na seção a seguir.

A UNESCO divulgou uma série de recomendações para que professores e escolas possam continuar a educar on-line enquanto as restrições devido à pandemia continuam. Essas restrições podem ser causadas pelo fechamento total de escolas, pelo confinamento temporário de um aluno devido ao contágio ou contato direto com um positivo no COVID-19, o fechamento temporário de uma classe ou escola.

Estas recomendações ainda são muito úteis hoje em dia, por isso devemos levá-las em conta em nossa área de sala de aula (presencial, semipresencial ou virtual). Junto com eles, é essencial escolher as ferramentas tecnológicas adequadas para cada caso. Podem ser plataformas de aprendizagem digital, videoaulas, salas de aula invertidas, jogos didáticos interativos, cartões ou tarefas interativas, redes sociais para envio e recebimento de tarefas etc.

O ensino inclusivo na escola deve incorporar esse tipo de ferramenta para apoiar as escolas presenciais, se for o caso. Precisamente, essa não é a base da metodologia ativa da aprendizagem⁴⁸? Quem impede que um vídeo, jogos didáticos ou recursos sejam aconselhados como reforço ou expansão dos conteúdos trabalhados em sala de aula? Esses recursos também servirão para dar continuidade à educação religiosa, se ocorrer, em um contexto de equação não presencial.

⁴⁸ Na metodologia ativa, o aluno é personagem principal e o maior responsável pelo processo de aprendizado. O objetivo desse modelo de ensino é incentivar que a comunidade acadêmica desenvolva a capacidade de absorção de conteúdos de maneira autônoma e participativa.

A natureza inclusiva do ensino a distância deve ser garantida, com medidas que garantam o acesso a todos os alunos, especialmente alunos com deficiência ou que vêm de famílias de baixa renda e não possuem dispositivos digitais ou acesso à internet. Estes meios, se possível, ou alternativas terão que ser oferecidas a eles. Para isso, o professor deve estar em contato com as famílias de seus alunos e buscar os melhores meios que possam garantir a educação inclusiva que escolheram para seus filhos.

A proximidade com as famílias, a disponibilidade e a colaboração na melhoria das condições educacionais de seus filhos... também deve fazer parte do serviço eclesial do corpo docente humanizado. Como o Papa Francisco indicou em uma mensagem de vídeo sobre o Pacto Educacional Global (2021, p.1):

Devemos no centro de qualquer processo educacional formal e informal para a pessoa, sua coragem, sua dignidade, de fazer sua própria especificidade, sua beleza, sua singularidade e, ao mesmo tempo, sua capacidade de se relacionar com os outros e com a realidade que a cerca se destacam.

Outro aspecto que não deve ser negligenciado, segundo a UNESCO, é criar vínculos entre escolas, pais, professores e alunos. Criar, em suma, comunidades para dar apoio socioemocional uns aos outros e "garantir interações sociais". Esses tipos de comunidades também ajudam a "combater o sentimento de solidão ou sofrimento do aluno" e facilitam "trocas de experiências".

Os professores devem combinar as abordagens certas e limitar o número de aplicações e plataformas. Há muitas ferramentas digitais, mas não sobrecarrega alunos e pais, pedindo-lhes para baixar ou experimentar muitos aplicativos e plataformas. Os professores do ensino fundamental devem manter uma concordância com as ferramentas utilizadas pelos tutores ou outros colegas professores para proporcionar homogeneidade à escola e facilitar sua gestão aos pais e alunos. Além disso, devemos nos esforçar para usar a tecnologia mais simples possível para fazer o trabalho, mesmo que isso signifique que os alunos fotografem seu trabalho com o telefone e os "carreguem" para a sala de aula ou plataforma para serem classificados (UNESCO, 2020).

As regras da educação online devem ser estabelecidas e o processo de aprendizagem seguido. Para isso, é conveniente definir como as dúvidas serão

resolvidas, como os exercícios serão realizados e avaliados etc. Na medida do possível, é necessário definir os instrumentos pelos quais os alunos de suas famílias podem transmitir seus comentários ou perguntas ao professor. Mais uma vez, a classe humanizada deve manter os requisitos e regras que os demais sujeitos do centro, neste aspecto.

Deve-se considerar os benefícios oferecidos pelas tarefas de autoavaliação. Na rede existem muitas ferramentas onde podem realizar testes, questionários etc. e receber comentários imediatos sobre suas respostas. Permite que a avaliação faça parte da aprendizagem porque os alunos podem comparar imediatamente o que sabem e o que não entenderam (LIBERALI et al., 2020).

Tudo é mais difícil quando se usa ferramentas para educação a distância. A comunicação é mais lenta, as distrações são maiores. De acordo com o ponto anterior, é conveniente tornar o processo de aprendizagem simples e claro. Se o professor usou alguma dessas ferramentas, você certamente será perguntado como o que devo fazer? o que é obrigatório? Qual é a tarefa inestimável? Como faço para entregá-la? As instruções de tarefa devem ser óbvias e claras. Os alunos devem saber exatamente o que se espera deles, e pensar que simplificar a tarefa também está facilitando seu trabalho. Se o professor pedir um ensaio de três páginas sobre uma história, quantas páginas o aluno precisará ler no total? E quantas redações o aluno terá que se qualificar se, além disso, você solicitá-las em diferentes níveis? Por que não resumir a história em um vídeo ou dramatizá-la em um grupo?

Neste contexto, torna-se oportuno mencionar que segundo Costa (2014, p. 15): “Um dos grandes desafios para os educadores nesse século é, com certeza, conseguir integrar os saberes e inserir as novas tecnologias no ambiente interativo da aprendizagem. ” Nesse cenário, Kenski (2013, p. 13) afirma que:

O desafio gigantesco que aí se postula para todos os docentes está na construção e na organização de um tempo móvel, permeável, personalizado, que possa garantir elasticidade suficiente para atender as necessidades de cada aprendiz em suas relações com os conhecimentos e com as tecnologias (KENSKI, 2013, p. 13).

Um aspecto verificado, conforme já dito, é a condição precária de alguns alunos. Apesar de todos terem acesso, hoje em dia, a smartphones, ter um bom computador em casa é

uma realidade para poucos. O emprego dos computadores associado ao construtivismo seria na forma de ferramentas que descortinam paisagens que se alteram constantemente. Seriam, portanto, como holofotes iluminando, desvelando e revelando situações de ensino e aprendizagem.

Com isso, o que se espera dos alunos é o fortalecimento de um conjunto de atributos de aprendizagem como os evidenciados por Moretto (2000, p. 122) ao tecer comentários sobre o novo foco que deve ter a escola para que o aluno desenvolva habilidades e alcance as competências exigidas do novo profissional cidadão. Para ele, o aluno deve:

[...] ser capaz de estabelecer relações significativas entre conteúdos novos, por processos mentais de comparações, de correlação, de aplicação, de análise, de síntese, de julgamento. Por sua vez, espera-se dos professores que se apropriando do modelo construtivista associado às potencialidades tecnológicas das TIC, rompam com os modelos educacionais anteriores favorecendo a troca de informação e o aproveitamento dos conhecimentos preexistentes dos alunos. (MORETTO, 2000, p. 122).

Finalmente, espera-se dos professores eles promovam uma revolução no sentido da desmistificação das suas imagens, construídas historicamente, de detentores prioritários do saber no processo ensino-aprendizagem e da inclusão.

CONCLUSÃO

Além dessas dificuldades acerca do cancelamento das aulas presenciais e o difícil acesso à internet para muitos, crianças e adolescentes começaram a encarar um outro desafio nesses tempos de quarentena: manter uma boa saúde mental. Em razão dessa ausência da escola e o distanciamento dos amigos e familiares, os estudantes ficaram ainda mais propensos a sentimentos de solidão, estresse, ansiedade e medo, tudo isso podendo se agravar em razão da enxurrada de atividades on-line e incertezas quanto ao futuro profissional.

Além de que as indefinições a respeito da pandemia, no que se refere à transmissão do vírus, o modo de tratamento, o número de infectados e a atual taxa de mortalidade

também têm gerado angústias e temores, trazendo consequências diretas para a saúde mental.

Como resultado, diferentes possibilidades e diferentes linhas de trabalho estão se abrindo, sobretudo, com a introdução cada vez maior de recursos tecnológicos, que além de aproximar professores e alunos criando um ambiente virtual de aprendizagem, também inclui pessoas com deficiência. Ou seja, outros meios e formas de aprendizagem baseadas principalmente na educação presencial (a distância) estão tomando conta, que também estão tomando forma na Educação Inclusiva.

Acredita-se ser necessário transformar esta crise em uma oportunidade de mudança e aprendizado. Assim, o objetivo deste artigo é delinear alguns dos desafios do ensino humanizado nesta "educação pós-covid", bem como refletir sobre a forma como a tecnologia pode ser usada como um meio facilitador de aprender as disciplinas necessárias e fomentar a inclusão. Uma análise das necessidades e da grandeza que foram evidenciadas no campo educacional durante o confinamento torna-se necessária para refletir sobre o futuro da educação inclusiva e humanizada.

REFERÊNCIAS

BANCO MUNDIAL. **Pandemia de COVID-19: Impacto en la educación y respuestas en materia de políticas**. Disponível em:

<<https://www.bancomundial.org/es/topic/education/publication/the-covid19-pandemic-shocks-to-education-and-policy-responses>>. Acesso em: jun. de 2022.

BÉVORT, E.; BELLONI, M.L. Mídia-Educação: Conceitos, histórias e perspectiva. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf> Acesso em: jun. de 2022.

BORUCHOVITCH, E.; AZZI, R. G.; SOLIGO, Â. (EDS.). **Temas em Psicologia Educacional: Contribuições Para a Formação de Professores**. 1ª edição ed. São Paulo: Editora Mercado de Letras, 2017.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSTA, Ivanilson. **Novas tecnologias e aprendizagem**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KALINKE, M. A. **Para não ser um Professor do Século Passado**. Curitiba: Gráfica Expoente, 1999.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e tempo docente**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2013.

LIBERALI, F. et al. **Educação em tempos de pandemia: brincando com um mundo possível**. Campinas: Pontes Editores, 2020.

LIMA, J.O.; ANDRADE, M.N.; DAMASCENO, R.J.A. A resistência do professor diante das novas tecnologias. Disponível <https://meuartigo.brasile scola.uol.com.br/educacao/a-resistencia-professor-diante-das-novas-tecnologias.htm> Acesso em jun. de 2022.

MATUI, Jiron. **Construtivismo: teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino**. São Paulo: Moderna, 1995.

MORETTO, Vasco Pedro. **Construtivismo: a produção do conhecimento em aula**. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

PAPA FRANCISCO. Pacto Educativo Global – ANEC. Disponível em <https://anec.org.br/acao/pacto-educativo-global/> . Acesso em jun. de 2022.

SATHLER, A. G. Próteses mentais e novo ecossistema cognitivo: reflexões sobre os efeitos das tecnologias de informação e comunicação no processo de ensino-aprendizagem. **Revista de Educação do Cogeime**, ano11, nº 20, 2002.

SAVE THE CHILDREN INTERNATIONAL. The impact of COVID-19 on children's lives. p. 46, 2021.

SCHNEIDER, L. **Educação e desenvolvimento: um estudo do impacto econômico da universidade federal no município de Santa Maria (RS)**. UNIFRA, Santa Maria, 2002

SOARES, Cláudia Vivian. **As intervenções pedagógicas do professor em ambientes informatizados de aprendizagem**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2010.

SOARES, I. O. **Educomunicação - O Conceito, o Profissional, a Aplicação: Contribuições para a Reforma do Ensino Médio**. São Paulo: Paulinas, 2001.

UNESCO. **UNESCO's support: Educational response to COVID-19**. Disponível em: <<https://en.unesco.org/covid19/educationresponse/support>>. Acesso em: jun. de 2022.

VINHA, T. P.; NUNES, C. A. A. As agressões do aluno ao professor: cenários e possibilidades de intervenção na escola. **Educação Unisinos**, v. 24, n. 1, p. 1–13, 23 out. 2020.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.